OCIEDADE PROJETO DE LEI QUE RESTRINGE O ABORTO LEGAL E QUALIFICA VÍTIMAS DE ESTUPRO COMO CRIMINOSAS É ADIA

Editora ABRIL
edição 2898 - ano 57 - nº 25
21 de junho de 2024

www.veja.com

A MOEDA QUE SALVOU O BRASIL

Com o Plano Real, que completa 30 anos bem-sucedidos, o país foi capaz de vencer o abominável tormento da hiperinflação. O desafio atual é manter a estabilidade econômica e achar soluções para problemas como gastos públicos, produtividade, crescimento, entre outros

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 898 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 25. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

NELSON ALMEIDA/AFP

SOCIEDADE Protesto em São Paulo: a voz das ruas fez os deputados conservadores recuarem da urgência

O DIREITO DE ESCOLHA

A REAÇÃO FOI IMEDIATA. Na semana passada, logo depois de a Câmara dos Deputados aprovar, em votação-relâmpago, a urgência do projeto de lei (PL) antiaborto, que equipara a interrupção da gestação acima de 22 semanas a homicídio, uma capa de VEJA publicada em 1997 viralizou nas redes sociais. Em setembro daquele ano, a revista produ-

JORNALISMO
Capas de VEJA: a de 1997, que viralizou nas redes sociais, e uma de 2022: atenção permanente

ziu uma incômoda, necessária e urgente reportagem com a seguinte chamada: “Eu fiz aborto”. Em oito páginas, uma dezena de mulheres, famosas ou desconhecidas, relatava a dor e a angústia de ter abortado, por diferentes razões e em situações econômicas diversas. Naquele momento, a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados aprovara a regulamentação do aborto legal, prevista no Código Penal desde 1940, para os casos de estupro e de risco de vida para a gestante (em 2012, o Supremo Tribunal Federal diria sim também à descriminalização em ocorrências de fetos sem cérebro).

A retomada de um trabalho jornalístico feito há quase trinta anos ilumina a permanente postura de VEJA em defesa dos direitos humanos e do bom senso, sempre atenta a problemas de saúde pública.

Ao mesmo tempo, contudo, a lembrança como forma de protesto revela um quadro dramático: pressionado pela ala conservadora do Congresso, o país parece andar de lado, ou mesmo para trás, como se não tivéssemos saído de 1997. Na França, onde o aborto é legalizado há quase cinquenta anos, há menos de uma morte anual em decorrência do procedimento. No Brasil, uma mulher morre a cada dois dias em razão de complicações do aborto, segundo os números mais recentes do Ministério da Saúde. Outro dado assustador: a incidência do aborto clandestino é o dobro entre mulheres pobres e o triplo entre mulheres negras. Ou seja, a legislação produz evidente discriminação social, como mostra a reportagem.

É inadmissível, portanto, que mulheres que abortarem tenham de cumprir, conforme o PL apresentado, até vinte anos de prisão, o dobro da pena de quem comete um estupro. Seria punir a vítima pelo crime que sofreu. Felizmente, agora, em virtude de uma enérgica reação da sociedade, o projeto caminhará mais lentamente no plenário. O ministro do STF Luís Roberto Barroso, em um histórico pronunciamento em 2016, deu o tom exato: “Deixe-se bem claro: a reprovação moral do aborto por grupos religiosos ou por quem quer que seja é perfeitamente legítima. Todos têm o direito de se expressar e de defender dogmas, valores e convicções. O que refoge à razão pública é a possibilidade de um dos lados, em um tema eticamente controvertido, criminalizar a posição do outro”. O direito de escolha é inegociável. ■

JHSF RESIDENCES

OS EMPREENDIMENTOS MAIS EXCLUSIVOS DA JHSF COM RESIDÊNCIAS DISPONÍVEIS TAMBÉM PARA LOCAÇÃO

NO FASANO CIDADE JARDIM

200 M² a 700 M²
2 a 4 SUÍTES

IMAGEM REAL DO LIVING DA JHSF RESIDENCE NO FASANO CIDADE JARDIM

NA FAZENDA BOA VISTA

800 M² a 1.500 M²

IMAGEM REAL DO LIVING DA JHSF RESIDENCE NA FAZENDA BOA VISTA

NO BOA VISTA VILLAGE

200 M² a 500 M²
2 a 3 SUÍTES

IMAGEM REAL DO LIVING DA JHSF RESIDENCE NO BOA VISTA VILLAGE

NO PARQUE CIDADE JARDIM

300 M² a 800 M²

PERSPECTIVA DO LIVING DA JHSF RESIDENCE NO PARQUE CIDADE JARDIM

SAIBA MAIS

JHSF
SURPREENDENTE

+55 11 97202.3702 | +55 11 3702.2121

CLAUDIO GATTI

A HORA DA LINHA DURA

Secretário da Segurança Pública de São Paulo nega excessos da polícia, diz que combate ao PCC foi negligenciado no passado e afirma que a esquerda não sabe lidar com a criminalidade

JOSÉ BENEDITO DA SILVA

O CAPITÃO reformado Guilherme Muraro Derrite chegou ao cargo de secretário da Segurança Pública de São Paulo em janeiro de 2023 sob o signo da polêmica. Primeiro policial militar a chefiar a pasta, viu muita gente torcer o nariz para o fato de um oficial de baixa patente, com 38 anos, dar ordens a um major ou coronel. Além disso, trazia no currículo uma passagem turbulenta pela Rota, entre 2010 e 2015, quando deixou o comando de um pelotão marcado pela alta letalidade. É dessa época um áudio no qual diz ser "vergonhoso" um policial não ter ao menos três mortes na ficha em cinco anos — depois, pediu desculpas. Foi para o Corpo de Bombeiros, onde ficou até 2018, quando, na onda bolsonarista, conquistou a cadeira de deputado federal com 119 000 votos. Quatro anos depois, dobrou o número de eleitores. Sempre com o apoio do ex-presidente, acabou chegando ao posto atual. No cargo, reduziu taxas de homicídios, de latrocínios e de roubos. Em duas operações, a PM deixou 84 mortos na Baixada Santista, o que lhe rendeu uma saraivada de críticas. Em entrevista a VEJA, ele nega excessos, afirma odiar a frase "bandido bom é bandido morto", mas ressalva que não se combate o PCC e outras facções vivendo em um "mundo utópico".

O senhor adotou a linha dura no combate à criminalidade. Isso funciona? O pilar é o combate ao crime organizado. A nossa estratégia é asfixiar financeiramente o PCC, e isso tem sido feito. Em 2023, batemos todos os re-

cordes de drogas e armas apreendidas e de prisões de criminosos. Fizemos operações que ganharam relevância na mídia justamente pela postura de enfrentar de fato o crime organizado e não permitir que territórios paralelos sejam criados em São Paulo.

Apesar de indicadores positivos na redução de crimes, a sensação de insegurança entre a população continua grande. Por que isso ocorre? A percepção de segurança ainda não está no patamar que a gente deseja porque os crimes continuam acontecendo. Para melhorar, é preciso presença ostensiva da polícia nas ruas. O governador autorizou a contratação de mais 13 000 policiais, vamos construir onze postos e acabamos de entregar 91 novas

“A frase ‘bandido bom é bandido morto’ é reflexo da falta de punição aos criminosos. Para mim, bandido bom é bandido preso e cumprindo pena adequada e severa pelo crime que cometeu”

viaturas para a PM e outras 143 para a Polícia Civil. O reforço do efetivo e a disposição deles com base nos locais de maior necessidade irão, ao longo da gestão, melhorar a percepção de segurança.

Operações recentes da PM que resultaram em dezenas de mortes foram alvo de muitas críticas. Como o senhor as recebeu? É claro que não desejamos as mortes de criminosos, muito menos de policiais que se colocam em risco, mas não podemos viver em um mundo utópico, achando que os locais onde realizamos as operações não eram dominados pelo crime organizado. Os confrontos aconteceram, não por desejo nosso, mas por necessidade.

Mas há relatos de policiais entrando em residências sem mandado. Houve também o chocante caso de uma mulher, mãe de seis filhos, que morreu baleada, por erro da PM. Não são sinais claros de que algo está errado? O sistema de justiça criminal tem todas as ferramentas para comprovar algum excesso. O que houve foram narrativas. Diziam que policial tirou uma criança do colo de um morador, queimou com cigarro, arrancou as unhas e depois executou, mas nenhum laudo do IML trouxe sinal de hematoma, quanto mais de tortura. Foram mentiras estimuladas pelo crime organizado para que as operações parassem de acontecer, por causa do prejuízo que demos: foram 2,6 toneladas de droga apreendidas, mais

de 400 indivíduos procurados pela Justiça capturados, 119 fuzis apreendidos. Isso prova que a região onde atuamos, a Baixada Santista, não vivia um estado de normalidade antes dessas operações.

O que achou de o governador Tarcísio de Freitas ter ironizado as acusações das entidades de direitos humanos feitas à ONU, dizendo que poderiam ser levadas até a "Liga da Justiça"? Ele acompanhou todos os passos nas operações. Eu transferi o gabinete da secretaria para Santos para monitorar de perto, justamente para evitar que excessos acontecessem. Imagine que hoje todo mundo tem uma câmera no celular — se tivesse acontecido o que essas narrativas mencionaram, esses vídeos já teriam sido expostos.

O que acha da expressão "bandido bom é bandido morto"? Odeio. Infelizmente, essa frase é reflexo da falta de punição adequada para os criminosos. Para mim, bandido bom é bandido preso e cumprindo pena adequada e severa pelo crime que cometeu.

Por que houve tanta objeção ao uso das câmeras corporais pela PM? Eu fui um dos que mudaram de opinião com relação a isso. O modelo anterior era muito limitado quanto à funcionalidade, tinha custo altíssimo e entregava muito pouco. Vimos uma janela para, dentro de uma política pública nova, desenhar o que queríamos: uma câmera que

evite abusos por parte de policiais, mas que permita também fazer o reconhecimento facial de criminosos, que funcione como radiocomunicador, que faça leitura de placas de veículos roubados. Vamos extrair o máximo possível de novos aparelhos, inclusive para proteger o policial.

Qual o caminho para combater de forma efetiva as facções? Temos que inviabilizar a sua cadeia logística. O crime organizado se aproveita da infraestrutura rodoviária e aeroportuária de São Paulo para escoar o tráfico de drogas. Quando colocamos o policiamento estrategicamente em pontos das rodovias, quando usamos inteligência para aumentar as apreensões, impedimos a mobilidade, aumentando o custo e asfixiando financeiramente as quadrilhas. O nosso objetivo é que isso chegue a tal ponto que o crime organizado diga que não compensa mais transportar pasta-base de cocaína da Bolívia e do Peru por São Paulo.

A segurança pública em São Paulo foi tocada por quase três décadas por governos de um mesmo partido, o PSDB. Houve falhas nessa área? O PCC, infelizmente, foi negligenciado por mais de trinta anos e se fortaleceu muito. Tem mais de 40 000 membros, inclusive células nos países produtores de cocaína, como a Bolívia, ou de maconha, como o Paraguai *(leia a reportagem "Multinacional do crime").* Operam o tráfico de armas também. Quando

eu era tenente da Rota, não se tinha uma dimensão da proporção a que poderiam chegar e o que fazer para implodir essa cadeia logística. A minha experiência no Congresso me deu uma visão sobre a infiltração do PCC até na política. Há comunidades em que se ouve: "Olha, aqui esse partido não pode fazer campanha, só pode esse". Alguém tem que colocar um freio nisso, precisa virar o jogo.

O senhor se licenciou do cargo para voltar a ser relator do projeto na Câmara que limitou as chamadas "saidinhas de presos". Por que não concorda com a tese de que esse instrumento é importante para a ressocialização de quem está cumprindo pena? Estudos mostram que os indicadores criminais sobem nas saidinhas. Exis-

"Fazer o preso pagar pelo crime que cometeu deveria ser causa suprapartidária. O bandido, quando chega com a arma na cabeça do cidadão, não pergunta se ele votou no Lula ou no Bolsonaro"

tem ainda aqueles que não voltam à prisão. Há ainda o aspecto moral, ou imoral, da legislação, porque criminosos famosos por matar os pais saem no Dia dos Pais, criminoso famoso por matar a filha tem saída temporária no Dia das Crianças. Isso vai resolver o problema da segurança? É óbvio que não, mas o fim da saidinha é um passo importante para combater a impunidade.

O percentual dos que não voltam não é muito baixo? Vamos colocar 5%. Em São Paulo são 35 000 beneficiados, então, dá quase 2 000 presos que não voltam à prisão. Não é pouco. Temos um estudo que mostra que 47% dos criminosos presos pela polícia são retrabalho. É a famosa porta giratória. Fazer o preso pagar pelo crime que cometeu deveria ser causa suprapartidária. O bandido, quando chega com a arma na cabeça do cidadão, não pergunta se ele votou no Lula ou no Bolsonaro.

Como parlamentar, quais outras mudanças o senhor defende? A audiência de custódia tem que ser reanalisada. Mais de 50% dos presos são liberados em até 24 horas. Temos ainda que endurecer regras para quem pertence a facções. A reincidência também deve ser tratada com maturidade. O cara não pertence a uma organização criminosa e foi preso pela primeira vez? Vai cumprir uma parte da pena, o.k. Mas, quando for reincidente, tem que tratá-lo de outra maneira.

Tanto o ministro da Justiça atual, Ricardo Lewandowski, quanto o anterior, Flávio Dino, disseram que a prioridade da União seria combater as facções. O senhor vê isso? O retrato para o governo deveriam ser os estados governados pelo PT. Como está a segurança pública nesses locais? Eles não têm conhecimento sobre a pauta, é o seu calcanhar de Aquiles. E tenho minhas dúvidas se eles realmente querem colocar o dedo nessa ferida.

O senhor, então, é contra que a União assuma papel central de coordenação da segurança pública, como defendeu Lewandowski? O que o governo pode fazer é ouvir experiências, difundir boas práticas e estratégias e o principal: tem a obrigação de financiar. Os valores para educação e saúde são gigantescos, mas a segurança pública tem um recurso ínfimo.

O senhor é uma personalidade política em ascensão e já é visto como um possível nome ao governo paulista em 2026, caso Tarcísio dispute a Presidência. Isso está no horizonte? Não está. Sou um grande idealista, estudei em escola pública em Sorocaba, com muito suor e sacrifício consegui passar na Fuvest, realizei meus sonhos de ser oficial da PM e trabalhar na Rota e no Corpo de Bombeiros. Sou muito católico, não adianta antecipar os planos de Deus. Estou entregando o máximo que eu posso. O resto é consequência.

Bolsonaro, de quem o senhor foi vice-líder na Câmara, pode ser indiciado em alguns casos nos quais é investigado. Vai continuar a apoiá-lo? O governo dele foi disruptivo. Aprovamos a reforma da Previdência, a autonomia do Banco Central, ele deu suporte ao emprego, à renda, sustentou a economia, comprou vacinas, mas muitas coisas foram distorcidas. Em qualquer país, sempre fica um clima ruim quando há um ex-presidente da República respondendo a processos.

A direita brasileira sobrevive com Bolsonaro fora das eleições? Ele pode estar sem mandato, mas se vier agora na Praça da Sé, daqui a quinze minutos, ela vai estar lotada. Gostem ou não, ele é um grande líder, e o seu maior trunfo foi que ele formou novas lideranças políticas. ■

UM NAMORO PERIGOSO

O AVIÃO russo pousou no aeroporto de **Pyongyang** em torno das 3 da madrugada de quarta-feira 19 de junho — e, apesar do horário, alta madrugada, lá estava o séquito de burocratas do governo da Coreia do Norte diante do imenso tapete vermelho estendido. A visita de **Vladimir Putin** a **Kim Jong-un,** os mais novos amigos de infância, representa um passo geopolítico — ou mera provocação — que deixa o

KREMLIN PRESS OFFICE/ANADOLU/GETTY IMAGES

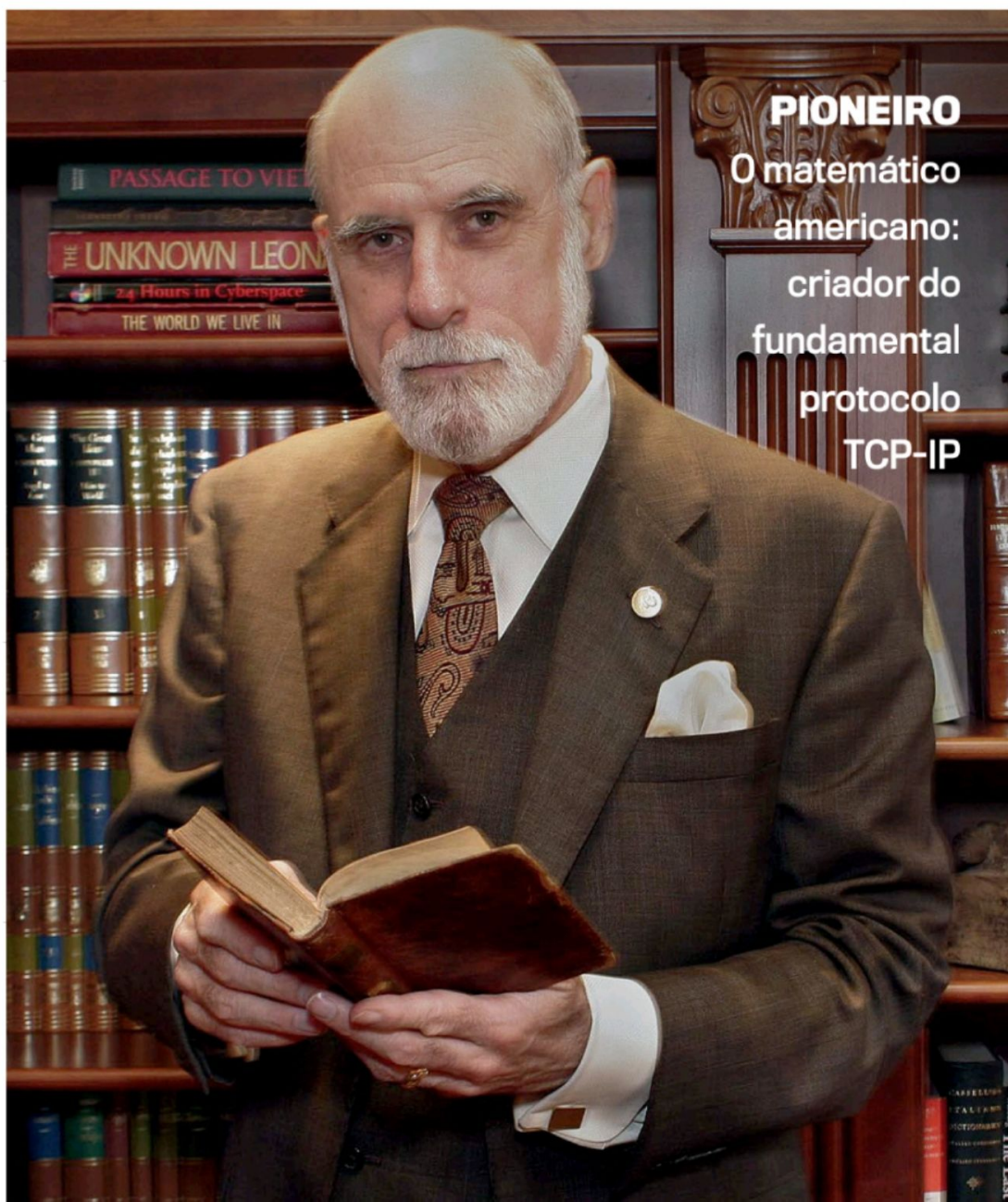
mundo em estado de alerta. A parceria dos dois ditadores parece inaugurar um novo momento de uma guerra fria que não para de esquentar. Remonta, apesar das diferenças, ao tempo, antes da queda do Muro de Berlim, em que União Soviética, China e norte-coreanos davam as mãos contra o Ocidente capitalista. Para os Estados Unidos, o namoro de agora restabelece um outro "eixo do mal". Os interesses são evidentes. A Rússia, depois da agressão contra a Ucrânia, está isolada. A Coreia do Norte se autoimpôs o afastamento da civilidade já faz muito tempo, sentada na bomba atômica, de dentes cerrados contra a vizinha ao sul. Do ponto de vista prático, a dupla selou um "acordo de associação estratégica" que inclui um pacto de "defesa mútua em caso de agressão". O neoczar de Moscou, ao lembrar que os americanos ofereceram jatos F-16 para as tropas ucranianas, ressaltou não excluir a possibilidade de "cooperação técnico-militar" com os colegas orientais. Kim, com desfaçatez, disse ter assinado um documento "estritamente amante da paz e defensivo". Acredite quem quiser. ■

Caio Saad

“TEMOS MUITO A APRENDER”

Atual vice-presidente do Google para assuntos relacionados à web, um dos “pais” da internet alerta para os riscos do crescimento e do uso inadequado da inteligência artificial

PIONEIRO O matemático americano: criador do fundamental protocolo TCP-IP

MARVIN JOSEPH/THE WASHINGTON POST/GETTY IMAGES

É comum ouvirmos que a inteligência artificial (IA) será tão revolucionária quanto foi a internet. O senhor concorda com essa afirmação? Acho que ainda não entendemos completamente todas as nuances das IAs, em particular, do potencial do que chamamos de alucinações *(erros nas respostas geradas pelos modelos)*. É claro que os resultados são impressionantes, mas o que as IAs fazem é responder da maneira que elas imaginam que um humano faria. Isso não deve ser compreendido como um entendimento verdadeiro da realidade.

Em que fase do desenvolvimento dessa tecnologia nós estamos? Acho que o entusiasmo inicial está diminuindo e as pessoas estão começando a fazer mais perguntas sobre como os modelos funcionam, ou melhor, não funcionam. Temos muito a aprender.

Chegamos mesmo ao momento em que as IAs poderão superar as capacidades humanas? Meu medo não é que as máquinas dominem o mundo, mas sim que nós possamos transferir a elas mais autonomia do que devem ter. Se as usarmos de forma irresponsável, podemos permitir que tomem decisões autônomas que afetem a vida das pessoas de forma inadequada.

O que é possível fazer para evitar que isso aconteça? Precisamos entender para quais aplicações há garantia de que

os interesses e a segurança das pessoas serão protegidos. Os fornecedores de serviços gerados por meio desses modelos também devem ser responsáveis pelo uso seguro deles. No uso para diagnóstico médico, por exemplo, os fornecedores deverão ser responsabilizados pelos riscos.

Qual balanço o senhor faz da história da internet? A internet fornece acesso à informação em escala e conveniência sem precedentes. Contudo, também vemos seu poder de poluir o ecossistema digital com conteúdo duvidoso ou incorreto.

E como lidar com as consequências negativas? É preciso pensamento crítico por parte dos consumidores. O uso ingênuo da internet tem, sim, o potencial de ser muito prejudicial e muito perigoso.

Já chegamos ao limite do uso dessa tecnologia? Acho que a internet continua evoluindo e está amadurecendo em termos de aplicações confiáveis. A internet das coisas, por exemplo, é um campo com muito potencial de evolução. ■

Luiz Paulo Souza

UM NOVO HORIZONTE

O arquiteto japonês **Fumihiko Maki** venceu o prestigiado Prêmio Pritzker, o mais reputado de sua área de atuação, em 1993 — foi a consagração de um estilo inaugurado nos anos 1960 e batizado de "metabolismo", no qual os edifícios são pensados como organismos vivos, de estruturas aptas a se integrar com a natureza e o ambiente urbano, de modo harmonioso.

FOTOS MARK LENNIHAN/AP/IMAGEPLUS; ANDREW BURTON/GETTY IMAGES

NOVA YORK Fumihiko Maki e o edifício onde antes estavam as Torres Gêmeas: harmonia

Uma das mais conhecidas obras de Maki nesse caminho é uma das torres de escritórios que integram o novo complexo do World Trade Center, em Nova York, reconstruído depois dos atentados de 11 de setembro de 2001.

Maki tinha mais de 80 anos quando começou o projeto. Inaugurado em 2013, doze anos após os ataques terroristas, o edifício 4 World Trade Center tem 72 andares sustentáveis ambientalmente — 56 deles de escritórios — e teve como primeiros inquilinos a Autoridade Portuária de Nova York e Nova Jersey, proprietária e administradora da área, e o departamento de Recursos Humanos da prefeitura de Nova York. As fachadas de vidro, em dias de sol, parecem se misturar ao horizonte de céu e nuvens. Ele morreu em 6 de junho, aos 95 anos, em Tóquio.

TONY PALMIERI/SONIA MOSKOWITZ/WWD/GETTY IMAGES

CHARME Anouk Aimée, a estrela francesa do clássico filme *Um Homem, Uma Mulher*, de Claude Lelouch

UMA MULHER

A atriz francesa **Anouk Aimée,** nascida Françoise Judith Sorya Dreyfus, adotou o nome artístico do personagem de seu primeiro filme, quando tinha apenas 14 anos — a Anouk de *La Maison sous la Mer,* de 1947. Pelas mãos de Federico Fellini, ganhou alguma notoriedade em *A Doce Vida*, de 1960, e *Oito e Meio*, de 1963, mas foi ofuscada pelas luzes de Anita Ekberg e Claudia Cardinale. Em 1966, contudo, charmosa como ela só, ganhou fama mundial em *Um Homem, Uma Mulher*, de Claude Lelouch, obra-prima romântica pelas ruas de Paris, aquele filme de uma das mais adesivas canções do cinema — e atire a primeira pedra quem nunca cantarolou o "Da-ba-da-ba-da, da-ba-da-ba-da", de Francis Lai. Anouk morreu em 18 de junho, aos 92 anos, em Paris.

LEONARDO AVERSA/AGÊNCIA O GLOBO

SEMPRE CHIQUE Jacqueline Laurence: papéis de dama da sociedade na televisão e no teatro

A ELEGÂNCIA DO HUMOR

A postura altiva, o olhar irônico, de sobrancelhas arqueadas, e o sotaque sutil fizeram da atriz **Jacqueline Laurence,** nascida na França, a intérprete ideal para os papéis de damas da sociedade, quase sempre ricas ou amigas de personagens bem de vida. Em *Dancin'Days*, de 1978 e 1979, novela escrita por Gilberto Braga, ela foi Solange, a dona de um antiquário responsável por levar Júlia (Sonia Braga), ex-presidiária, para um banho de loja na Europa. Inteligente e atuante, nos anos 1980 ela fez parte — como atriz e diretora — do Teatro Besteirol, movimento que revelou nomes como Pedro Cardoso e Miguel Falabella. Jacqueline morreu em 17 de junho, aos 91 anos, de problemas cardíacos. ■

ESTA EDIÇÃO DE VEJA FECHOU QUINTA-FEIRA, ÀS 19H10.

PARA DESDOBRAMENTO DOS FATOS E ÚLTIMAS NOTÍCIAS, ACESSE:

Aponte a câmera do celular para o código ao lado e leia sobre os últimos acontecimentos do Brasil e do mundo .

veja.com.br

Nas bancas
No site
No app
E na sua casa

FERNANDO SCHÜLER

AS LIÇÕES DE VOLTAIRE

COMENTEI com uma amiga jornalista que ia escrever sobre o caso do Filipe Martins. Ela foi rápida: "Não faz isso", disse ela, com jeito querido. "Por quê?", perguntei, já antevendo a resposta. "Porque esse treco de prisões e censura da 'direita' não tem jeito. É como aquela traição sobre a qual o casal não fala. Tem muita coisa errada, mas é melhor empurrar para debaixo do tapete." Achei criativo. É isso mesmo. Mas resolvi escrever. Talvez eu seja meio implicante. Ou seja, o gosto pela filosofia. Na minha intuição, o país precisa tratar das coisas complicadas. E uma delas é esse "treco" da prisão provisória e aparentemente infinita do Filipe Martins. Ele era assessor do Bolsonaro e me lembro de uma imagem dele apertando a mão do Trump, no Salão Oval. Sua prisão já vai para mais de quatro meses. O mandado dizia que sua localização era "incerta", que poderia ter havido "burla do sistema migratório", e por isso seria "necessária a decretação da prisão cautelar". Dizia também que ele constou na lista de passageiros daquele voo do Bolsonaro para Orlando, no finalzinho de seu governo. O que "poderia indicar que tenha se eva-

dido do país", para fugir da Justiça. Tudo 100% errado. O sujeito não fugiu, a localização não era incerta, morava com a namorada, em Ponta Grossa. E já provou inúmeras vezes que não "se evadiu". Para encurtar a conversa, sua prisão é um completo nonsense. O absurdo a fogo brando, com o qual há muito parece que já fomos nos acostumando.

No Brasil de hoje é assim. Viramos colecionadores de absurdos. Um que está na minha lista dos top 10 é o da Debora. Ela estava lá, nas invasões do 8 de Janeiro. Cabeleireira de São Caetano, mãe de dois guris de 6 e 9 anos. No dia do "golpe" escreveu "perdeu, mané", com batom vermelho, naquela estátua de pedra da Justiça, na frente do STF. Andava com a frase debochada do ministro Barroso na cabeça, foi lá e escreveu. O batom acabou saindo com um pouco de detergente, mas sua imagem está lá. Foi um repórter que flagrou. Ela ali sentada, calmamente, rabiscando a frase terrível, com um "sorriso no rosto", como leio numa reportagem. Achei que tinha lido "sorriso golpista", mas foi imaginação. O fato é que ela está presa há mais de um ano. E pelo jeito será condenada a mais uns quinze ou dezessete. Nossa Suprema Corte acha que ela estava dando um "golpe de Estado" naquele domingo. É possível. Quem sabe ela poderia realmente ter tomado o poder, se não tivesse perdido tempo com a maldita frase. Cresci com as imagens do golpe de 1964, dos tanques descendo a Presidente Vargas, no Rio, as baionetas, a tropa na rua. E agora aquele batom? Algum plano? Algum apoio militar? Alguma arminha, mesmo que de

SPCOLLECTION/ALAMY/FOTOARENA

BLASFÊMIA Jean-François de La Barre: condenado a arder na fogueira por debochar da religião

brinquedo? Esquece. Isso é ou não é um "experimento popperiano", me diz um conhecido. Não é possível provar ou refutar coisa nenhuma. Há uma tese, produzida em última instância e apoio no mundo da opinião. É o que basta, no Brasil de hoje. A maior chance é que os guris cresçam sem Debora. No último Natal o mais novo foi para o canto da sala e chorou. Disse que, sem a mãe, nada daquilo tinha graça. Todos choraram. E o Natal se foi. Perdeu, manezinho. A frase nua e crua que faltou alguém escrever naquela estátua.

"Nosso rastro de pequenos e grandes abusos já vai longe"

Dói um pouco mergulhar nessas histórias. Mas é necessário. É o jeito de entender o que se passa no país, um pouco abaixo da pele retórica das redes, do bate-boca político. Reconheço que há uma impertinência nisso. Tempos atrás me perguntaram por que presto tanto atenção a certos "detalhes". Onde está o crime, qual a acusação, onde está escrito na lei tal e tal coisa. Fiquei pensando nisso. No fim me dei conta que é exatamente dessa intransigência em relação a direitos individuais que é feita a tradição liberal. Mas isso não respondia à pergunta. Há um lado pessoal nisso tudo. Por alguma razão, fui aprendendo na vida a desconfiar da narrativa política. Qualquer narrativa. E criando também um enorme asco pelo abuso de poder. E é com isso que estamos lidando no Brasil. Se a censura prévia não existe na lei brasileira, mas uma autoridade empurra goela abaixo a censura prévia, o que exatamente isso significa? Se alguém é preso, por razões inexistentes, no mundo real, estamos ou não falando de abuso de poder? Tempos atrás também me

perguntaram se fazia sentido questionar decisões judiciais. Na visão do meu interlocutor, não fazia. Se um ministro manda prender ou manda soltar, dizia ele, ou manda qualquer coisa, é a regra do jogo. Ponto. O raciocínio tinha lá seu apelo, mas era falso como uma nota de 3 reais. Uma República se define precisamente pelo fato de que ninguém, nem mesmo a mais alta autoridade, está acima das leis e da Constituição. De modo que decisões judiciais estão aí para serem obedecidas. Mas jamais para pedir que os cidadãos deixem de pensar com a própria cabeça.

O gosto pela impertinência vem da história. Voltaire talvez tenha sido o grande mestre, e suas histórias sempre me cativaram. Uma delas é a de Jean Calas, o comerciante de Toulouse queimado na fogueira, em 1762, acusado de matar o filho por motivos de religião. Voltaire agarrou aquele caso com as unhas. Escreveu, apelou a Paris, aos tribunais, ao rei. E virou o jogo. A outra história é ainda mais reveladora. Sua defesa do jovem Jean-François de La Barre, acusado de profanar um crucifixo e debochar da religião. La Barre era um tipo iconoclasta, e se recusou a tirar o chapéu numa procissão, e isso era coisa pesada à época. Possivelmente bem mais do que pintar uma estátua com batom, em Brasília. La Barre terminou na fogueira, como Calas. Foi o último francês queimado por blasfêmia. Voltaire mergulhou naquela história, quis saber da culpa, das provas, do trabalho dos juízes. E novamente virou o jogo. Note-se que ele nem sequer conhecia La Barre ou Calas. Sabia apenas

que aquilo não era justo, que os juízes eram enviesados, que o devido processo tinha sido atropelado e a excitação religiosa havia “tomado o lugar da prova”. E que aquilo ofendia não apenas a memória daqueles dois franceses manés, mas a todos os franceses, que viviam sob as mesmas leis. Mais do que isso, ofendia a própria ideia de justiça. E que por isso era preciso ser intransigente.

Nossa época é muito diferente daquela de Voltaire. O fanatismo religioso foi substituído pela paixão política, e somos mais civilizados. Não queimamos ninguém na fogueira, o que nos dá uma certa vantagem. Mas nosso rastro de pequenos e grandes abusos já vai longe. Na França de La Barre e Calas ainda havia os tribunais, em Paris, e depois o rei, a quem se podia recorrer. E por fim havia a letra de Voltaire. Ele e sua impertinência. No Brasil não temos nada disso. O que temos é um país que vai se acostumando. Empurrando certas histórias para debaixo de um imenso tapete. Até quando? Não faço a menor ideia. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

PL

O partido vai receber a maior fatia do fundo eleitoral para as eleições municipais deste ano: 886,8 milhões de reais a serem divididos entre candidatos aos cargos de prefeito, vice-prefeito e vereador.

NVIDIA

Avaliada em 3,3 trilhões de dólares, a maior fabricante do mundo de semicondutores se tornou a empresa mais valiosa do mercado, ultrapassando Apple e Microsoft.

LUÍSA SONZA

A cantora chegou ao topo do ranking do Spotify Brasil com a música *Sagrado Profano.*

DESCE

PEC DAS PRAIAS
Não há mais nenhuma perspectiva de tramitação rápida para a polêmica proposta de emenda à Constituição que transfere terreno da Marinha para estados, municípios e proprietários particulares.

BAHIA
O estado tem hoje sete das dez cidades mais inseguras do país, segundo dados mais recentes do Atlas da Violência 2024.

JUSTIN TIMBERLAKE
O cantor foi parado pela polícia após avançar um sinal vermelho e acabou sendo preso por dirigir embriagado em Nova York, nos Estados Unidos.

“É necessário reconhecer que caminhamos. Mas homens ainda surram suas ‘mulheres’, ainda matam suas ‘mulheres’.”

FERNANDA MONTENEGRO, 94 anos, em cartaz com um monólogo baseado na obra de Simone de Beauvoir (1908-1986)

INSTAGRAM @FERNANDAMONTENEGROOFICIAL

“Assim que o Brasil e a China aderirem aos princípios de todos nós aqui, países civilizados, ficaremos felizes em ouvir suas opiniões, mesmo que elas não coincidam com a da maioria do mundo.”

VOLODYMYR ZELENSKY, presidente da Ucrânia

“Podemos também rir de Deus? Claro que sim, não é blasfêmia, podemos, assim como brincamos e fazemos piadas com as pessoas que amamos.”

PAPA FRANCISCO, em encontro com humoristas no Vaticano

“Mas essa questão do tal ‘conje’ é uma bobagem, né? Eu estava em uma audiência pública no Senado. Não é que eu imagino que se escreva ‘conje’ dessa forma.”

SERGIO MORO, senador pelo União Brasil do Paraná, cônjuge da deputada federal Rosangela Moro, também do União Brasil, mas por São Paulo

“Foi um pesadelo.”

KATE WINSLET, ao lembrar a mais famosa cena do filme *Titanic,* a do beijo em Leonardo DiCaprio na proa da embarcação, ao pôr do sol

“Eu posso fazer isso com o nariz escorrendo.”

TAYLOR SWIFT, depois de aparecer fungando, resultado de uma gripe, em shows na Europa. Ela brincou no palco com o título de uma de suas canções, *I Can Do It with a Broken Heart*

“Desprezíveis.”

J.K. ROWLING, autora britânica de *Harry Potter,* ao comentar a postura de Daniel Radcliffe e Emma Watson, atores da série, que a criticaram (com razão) por ter feito comentários preconceituosos contra as pessoas trans

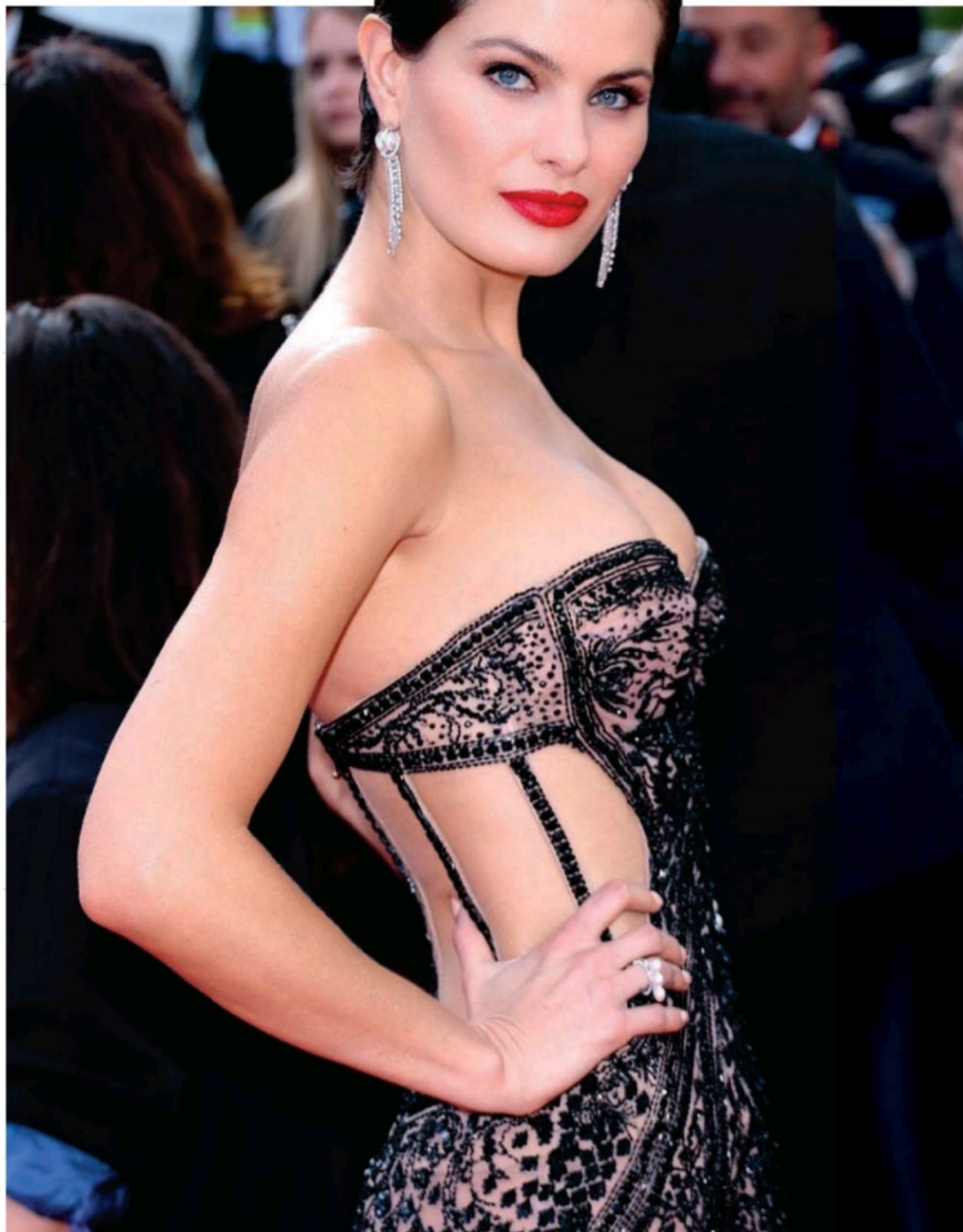
“Quem ataca o hip-hop é elitista.”

LECI BRANDÃO, sambista e deputada estadual pelo PCdoB de São Paulo, depois de o cantor Ed Motta chamar os fãs do gênero de “burros”

“Não gosto de ver séries. E ainda prefiro ver filmes no cinema.”

CAETANO VELOSO, cinéfilo de carteirinha

“Desenvolvemos com muito carinho.”

MICHELLE BOLSONARO, ex-primeira dama, ao lançar uma coleção de calçados

“Eles me curaram.”

ISABELI FONTANA, modelo, ao afirmar ter tido experiências positivas com supostos seres extraterrestres, que a curaram de um problema na bexiga

INSTAGRAM @ISABELIFONTANA

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia,
Nicholas Shores e Ramiro Brites

Tanto barulho por nada

A PGR arquivou recentemente um inquérito que investigava **Jair Bolsonaro** por "violar sistematicamente o princípio da publicidade" no Planalto, ao baixar mais de 1 000 ordens de sigilo durante a gestão, incluindo o cartão de vacinas do presidente e os gastos com cartão corporativo.

Não teve abuso

O relator do caso na PGR até defendeu a continuidade das investigações, mas foi voto vencido no órgão,

FIM Bolsonaro: a PGR arquivou investigação contra ele sobre decretos de sigilo

BUDA MENDES/GETTY IMAGES

que seguiu posição de Eitel Santiago, para quem "não é possível vislumbrar improbidade administrativa ou abuso nos atos excepcionais de sigilo" de Bolsonaro.

O santinho

Em 2018, Eitel disputou as eleições para deputado federal usando a foto de Bolsonaro no santinho. Ele acabou não se elegendo político e voltou à PGR.

Pode chegar

Custou, mas aliados petistas convenceram Lula a driblar Janja e receber parlamentares e empresários para conversas no Alvorada fora do expediente.

Toma lá, dá cá

Em um jantar recente no Alvorada, senadores disseram a Lula que ele parece "gostar mais dos inimigos". Queixaram-se que, sob gestão de Davi Alcolumbre, tem oposicionista recebendo mais verba de emendas do que parlamentares da base governista.

A danada da rede

Deputados bolsonaristas foram para cima do STF por causa da contratação de um serviço de monitoramento de redes que inclui análise de postagens positivas e negativas sobre a Corte. O serviço é o mesmo que Arthur Lira quer contratar para a Câmara e que já é adotado no STJ e TSE.

E o corte de gasto?

O governo Lula vai mandar, neste mês, dois burocratas dos Correios para um "workshop" de cinco dias no resort de Varadero,

em Cuba. Com tudo pago. A estatal teve prejuízo de 597 milhões de reais no ano passado.

Na rota dos gringos

Até abril, o Brasil recebeu 2,9 milhões de turistas estrangeiros. Celso Sabino avalia que o ano deve superar o recorde de 2018, de 6,6 milhões de turistas.

Escândalo da bola

Presidente da CPI das Apostas, Jorge Kajuru diz que recebeu telefonemas de representantes de Lucas Paquetá buscando engavetar o convite para o meia depor na comissão. Não quis conversa.

Meu Brasil brasileiro

Personagem de um documentário, a doleira Nelma Kodama deu uma festa no salão do prédio onde mora para comemorar o lançamento. Até posou para fotos com sua tornozeleira.

Os nossos Corleones

A Polícia Federal acaba de fechar uma parceria com a Divisão de Investigação Antimáfia da Itália para combater operações da organização por aqui.

Melhor esperar

A repercussão foi tão grande que a OAB estancou o debate sobre porte de armas de fogo para advogados. Vai pensar melhor na proposta.

Dando um tempo

Gilberto Kassab e Lula não sentam para uma conversa política há muito tempo. Nem a eleição os aproximou.

Companheiro Obrador

Em setembro, Lula deve visitar o México antes de ir à Assembleia da ONU, em NY. Quer dar o último abraço no quase ex-presidente López Obrador.

No Mar Cáspio

Anfitrião da COP30, Lula irá a Baku, no Azerbaijão, para a 29ª edição da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, em novembro.

PAULO BELOTE/AGÊNCIA PETROBRAS

NA URNA Luna: o general vai tentar se eleger prefeito de Foz do Iguaçu

Clima patagônico

Na reunião da Cúpula do G7, na semana passada, Lula e o vizinho Javier Milei se sentaram a quatro cadeiras um do outro, mas não trocaram sequer um "hola ¿qué tal?".

Curto e grosso

Ex-chefe da Petrobras e de Itaipu, o general **Joaquim Silva e Luna** vai disputar a prefeitura de Foz do Iguaçu pelo PL. Com o apoio de Bolsonaro e de Ratinho Jr., diz que seu projeto será focado "em gestão, e não em política".

Lá vai o governador

Tarcísio de Freitas e secretários vão aos EUA e à Europa atrás de investidores para a

Sabesp. Para boa parte dessa comitiva, o tour vai acabar no Fórum Jurídico de Lisboa.

Era furada

Paulo Guedes foi sondado para fazer o discurso em homenagem a Roberto Campos Neto no famoso jantar de Tarcísio. Não foi, diz um amigo, por perceber que o negócio todo era uma furada.

Quem busca minha mala?

Campos Neto anda numa pindaíba danada no BC. Ele tem viajado sozinho para compromissos oficiais porque não há verba para levar assessores.

Ninguém se entende

A autonomia financeira do BC subiu no telhado no Senado. Nem o autor do texto, Vanderlan Cardoso, concorda com o relatório de Plínio Valério.

Firme e forte

De um cacique do Congresso sobre a temperatura do café de Arthur Lira nessa reta final de mandato. “Ainda é o principal eleitor da Câmara.”

Que pecado

A Polícia Civil do DF investiga irregularidades na doação à Cruz Vermelha MG de dois terrenos pertencentes à Cruz Vermelha Brasileira.

Visual novo

O bolsonarista Jorge Seif tem andado de boina pelo Senado. Não é que queira lançar moda. Segundo um assessor, ele fez implante capilar, mas ainda está naquela fase... careca.

ESTEVAM AVELLAR/TV GLOBO

DÍVIDA Marisa: BNDES briga na Justiça para receber da família da atriz

Novos brasileiros

O governo Lula concedeu nesta semana nacionalidade brasileira a doze cubanos, incluindo profissionais do Mais Médicos.

Amor pela amarelinha

Chefe da delegação na Copa América, Julio Casares sonha com a "ressurreição" do amor à seleção: "A camisa amarelinha é do povo. Não é de nenhum movimento político".

Casos de família

O BNDES trava uma longa disputa judicial com a família da atriz **Marisa Orth** por dívidas de um financiamento que, em 1996, somavam 5,3 milhões de reais. Uma grande lista de imóveis está na mira do banco no processo de execução fiscal no TRF2, onde corre a ação. ■

NÃO AO ATRASO

Um projeto de lei que restringe o aborto legal e qualifica vítimas de estupro como criminosas causou repúdio geral e mostrou que há limites para o conservadorismo da sociedade brasileira

RICARDO FERRAZ E **SOFIA CERQUEIRA**

PASSO ATRÁS Lira com líderes partidários: consenso por adiamento da pauta após reação negativa

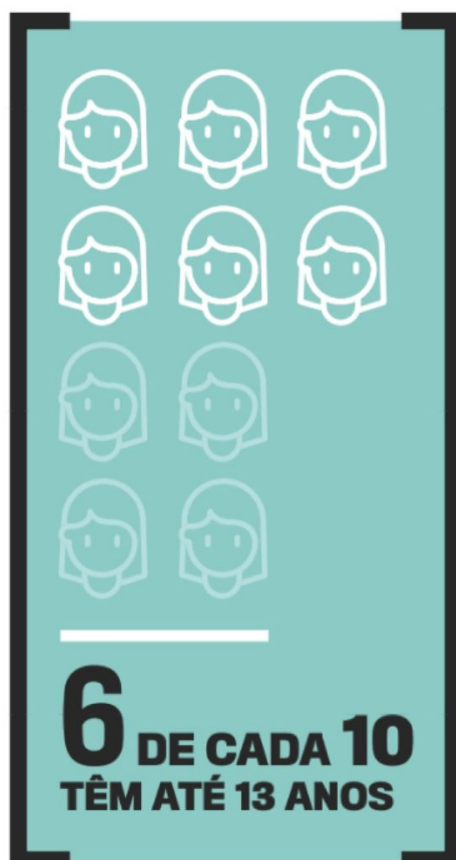
MARINA RAMOS/CÂMARA DOS DEPUTADOS

Desde que foi eleita com a atual composição, a Câmara dos Deputados, a mais conservadora desde a redemocratização, não tem poupado esforços para impor uma agenda de costumes em franca oposição às bandeiras progressistas e, muitas vezes, ao bom senso. A dissonância atingiu nível de alta estridência nos últimos dias, a partir de uma manobra furtiva do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), que deu caráter de urgência — votação imediata em plenário, sem passar pelo crivo de comissões — a uma aberração: o Projeto de Lei 1904, que equipara o aborto após 22 semanas de gestação a homicídio e impõe penas correspondentes à grávida que opte pelo procedimento.

A limitação adicional a um procedimento já extremamente restrito, em um primeiro momento, avançou graças à sustentação da bancada evangélica, ao oportunismo de Lira e à apatia do governo do PT, até topar com o muro de indignação da sociedade. Depois de muito barulho, a proposta não foi retirada da pauta, mas sua discussão acabou adiada. Radical, o projeto do pastor Sóstenes Cavalcante (PL-RJ), ex-dirigente da bancada evangélica na Casa, não

poupa nenhum dos três casos em que o aborto é permitido por lei — anencefalia do feto, risco de morte da mãe e gravidez decorrente de estupro, sendo que neste último a pena de prisão da vítima violentada superaria a de seu agressor.

A reação não demorou. “Fora Lira”, gritaram milhares de mulheres em protestos que tomaram as ruas de diversas capitais. Os celulares dos parlamentares do PL foram inundados de mensagens de repúdio ao partido “que protege o estuprador”, um movimento que transbordou ideologias e tomou de surpresa a ala da direita. Diante da tormenta, o presidente da Câmara, com apoio de praticamente todos os líderes, anunciou que a tramitação do tema ficará para o segundo semestre e instalou uma comissão representativa para analisar a questão. “Nada que traga dano às mulheres avançará”, garantiu, sem dizer como pretende superar a evidente contradição.

Nos últimos anos, a direita radical, no Brasil e no resto do mundo, se organizou e abriu espaço para a revisão de políticas públicas com as quais não concorda. Sóstenes apresentou seu projeto em maio, no momento exato em

que Lira empreendia um dos usuais cabos de guerra com o governo e, ao mesmo tempo, costurava apoios à candidatura de seu aliado, o deputado Elmar Nascimento (União Brasil-BA), à presidência da Câmara no ano que vem. Conversa daqui, conversa dali, e o PL 1904 furou a fila. “Quem faz o primeiro gol sai na frente”, diz o pastor Marco Feliciano (PL-SP). “Seremos intransigentes na defesa da vida desde a concepção.”

O episódio serviu para mostrar que as investidas contra conquistas que já estão consolidadas em países avançados, aí incluído o direito ao aborto, têm seus limites até em uma sociedade conservadora como a brasileira. Pesquisa Quaest realizada em dezembro do ano passado mostrou que 72% da população é contra a legalização do aborto, mas uma porcentagem ainda maior — 84% — se opõe à prisão da mulher que decide interromper a gestação. Tentando se equilibrar nessa linha fina, os articuladores do Planalto na Câmara deixaram a votação do regime de urgência acontecer e ainda pressionaram para que ela não fosse nominal — tudo para não pregar em seus candidatos o rótulo de “abortistas”. “O governo prioriza a pauta econômica e

NELSON ALMEIDA/AFP

OFENSIVA Manifestação em São Paulo: sem retrocesso em direitos adquiridos

deixa livre o caminho para a direita", afirma Sâmia Bomfim (PSOL-SP). Depois da vasta repercussão negativa, o presidente Lula rompeu o silêncio — de forma positiva, embora atabalhoada, mas rompeu. "É crime hediondo um cidadão estuprar uma menina e querer que ela tenha o filho de um monstro", afirmou. E adicionou, embaralhando repulsas: "Que monstro vai sair do ventre dessa menina?".

O direito de não dar à luz o filho de seu estuprador está previsto no Código Penal desde 1940 — na ocasião, uma decisão mais relacionada à resistência de maridos e pais de assumir a criança do que ao direito de escolha da mulher — e não prevê prazo para a realização do procedimento. O marco das 22 semanas advém da constatação científica de que

LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

O AUTOR Sóstenes Cavalcante, do PL: projeto ganhou tramitação urgente em acordo com Lira

desse ponto da gravidez em diante o feto adquire condições de sobreviver fora do útero. O aborto então exige providência drástica: como o feto abortado não pode nascer vivo, recorre-se à assistolia fetal, técnica que consiste na injeção de cloreto de sódio diretamente no coração, que para de bater instantaneamente. Estudos revelam que, até o nascimento, o feto não é capaz de sentir dor, mas o procedimento é de difícil assimilação — um dilema que não existiria se as meninas submetidas a violência sexual não passassem por um calvário que se prolonga por vários meses.

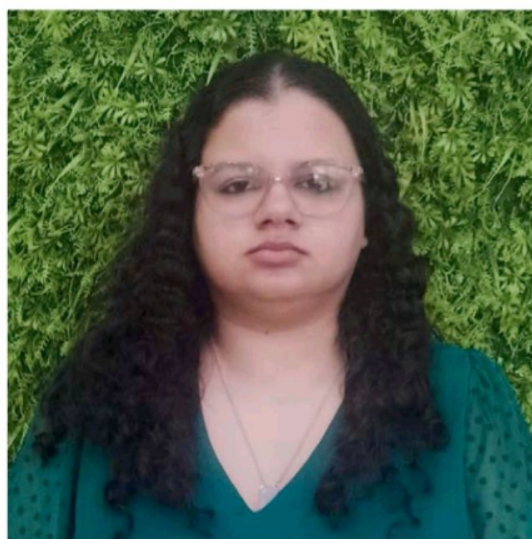
Calcula-se que 116 pessoas do sexo feminino sejam estupradas no Brasil a cada dia e 60% delas são menores de 13 anos. Nessa faixa de idade, a consciência da gravidez costu-

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

SOB PRESSÃO Nísia: ministra retirou norma que regulava abortos após 22 semanas de gestação

ma ser tardia. "É um mecanismo de defesa. Elas tentam esquecer, fazer de conta que nada aconteceu e demoram muito a procurar atendimento", diz a psicóloga Daniela Pedroso, que atuou por 26 anos no serviço de aborto legal do Hospital Pérola Byington, em São Paulo. Virgínia (nome fictício) tinha 14 anos quando começou a ser abusada pelo marido de sua avó. Diante da ameaça dele de matar a avó caso ela deixasse de comparecer aos encontros, permaneceu em silêncio durante meses. Quando criou coragem e contou à mãe, estava grávida de 29 semanas. A escolha pelo aborto foi imediata, mas as três tentativas de realizar o procedimento no Hospital da Vila Nova Cachoeirinha, em São Paulo, deram errado. "Primeiro, disseram que a médica não po-

“EU ERA UMA CRIANÇA TENTANDO SER MÃE”

PREMATURA Yara, aos 12, com o filho e a mãe *(acima)*, e atualmente: sucessão de violências

ARQUIVO PESSOAL

"Não tinha idade para namorar quando me aproximei de um homem mais velho. Eu com 12 anos e ele com 22, num relacionamento desigual em que o sexo era obrigação. Hoje, sei que essa situação configura estupro de vulnerável, mas, na época, não entendia direito o que estava acontecendo e fui me deixando levar. Até que, um dia, soube que estava grávida. Descobri a gestação por volta dos quatro meses e, por vergonha e medo, escondi. Meus pais só entenderam a situação quando o bebê estava prestes a nascer. Fui a um hospital público de São Paulo para uma consulta e me maltrataram, me culpando pela gestação. Ouvi do médico: 'Você estragou sua vida'. Ninguém me informou que abortar seria uma opção. Se soubesse, teria interrompido a gravidez. Meus direitos foram omitidos. Dar à luz foi uma experiência estranha, eu era uma menina tentando ser mãe. Tive depressão pós-parto e fui diagnosticada com transtorno borderline. Hoje, me revolta saber que o pai do meu filho nunca foi condenado como estuprador. O juiz que analisou o caso disse que a relação havia sido consentida. Me formei em direito e não concordo com essa decisão. Espero que, ao contar minha história, casos como o meu não se repitam."

Yara Alves Gomes, 32 anos

Depoimento a Ligia Moraes

deria ir, depois, que iriam chamar um profissional de fora e, por fim, que a interrupção estava proibida", conta a mãe de Virgínia. A solução foi viajar até Salvador, onde finalmente a adolescente foi atendida. "Se ela não tivesse feito o aborto, sua vida estaria destruída", afirma.

Um dos motivos da confusão nesse caso foi a ação dos chamados grupos pró-vida que, no governo de Jair Bolsonaro, conseguiram que o Ministério da Saúde emitisse uma nota técnica — sem força de lei — vetando abortos tardios. Pressionada por profissionais da saúde e pela base progressista, a gestão da atual ministra, Nísia Trindade, cancelou a portaria. Para evitar equívocos, tentou substituí-la por outra norma, restabelecendo as condições do aborto legalizado no país, mas foi obrigada a recuar diante da forte reação conservadora. A peleja voltou a esquentar em março, quando o Conselho Federal de Medicina, entidade alinhada ao bolsonarismo, baixou uma norma interna que vedava o aborto após 22 semanas de gestação. Ela foi suspensa por uma liminar expedida pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF, em maio — mesmo mês em que o deputado Sóstenes apresentou seu projeto de transformar vítimas em criminosas.

GUSTAVO MORENO/SCO/STF

NOVO ROUND Moraes: ministro comprou mais uma briga com o bolsonarismo ao permitir aborto a qualquer tempo

Para quem está na linha de frente, do atendimento, a briga em torno de uma lei estabelecida resulta em grande insegurança. “Está tudo muito confuso. Se fizer um aborto depois desse prazo gestacional, sei que assumo o risco de perder a licença e muitos de meus colegas não vão me apoiar”, diz Claudia Garcia Magalhães, professora da Ginecologia da Faculdade de Medicina da Unesp. Os profissionais da saúde ouvidos por VEJA relatam um aumento significativo de medidas contra os serviços públicos de abortamento. O Cachoeirinha, primeiro hospital a realizar procedimentos previstos em lei, em 1989, deixou de ser referência na rede depois que a gestão do prefeito paulistano, Ricardo Nunes, decidiu suspender o atendimento, no fim do ano passado. Ain-

RUBENS GAZETA/PREFEITURA SP

OBSTÁCULO Hospital da Cachoeirinha em São Paulo: serviço interrompido

da em São Paulo, duas médicas que realizavam abortos com base na lei tiveram o CRM suspenso por não respeitarem o prazo de 22 semanas. "Estamos vivendo uma ideologização muito perigosa", alerta Ivete Boulos, que há 26 anos atua no serviço do Hospital das Clínicas em São Paulo.

As dificuldades impostas pelo sistema têm reflexo direto na vida de garotas que se veem obrigadas a criar filhos que não escolheram ter. "Um médico disse: 'Você estragou sua vida'", relata Yara Alves Gomes, 32 anos (*leia o depoimento*). Rosa (nome fictício), 31, foi estuprada aos 14 anos, quando voltava da escola, e, com medo, só contou à mãe que tinha sido atacada e estava grávida na 25ª semana de gestação. Os médicos que a atenderam disseram que havia risco

CHIP SOMODEVILLA/GETTY IMAGES

SEM ESCOLHA Protesto pró-vida nos Estados Unidos: onda conservadora fez Suprema Corte reverter legislação

na interrupção, e sua mãe se recusou a autorizar o procedimento. “Não tinha amor pelo que levava na barriga, sentia nojo”, conta Rosa. “Tentei suicídio oito vezes. Só consegui dar algum carinho e dizer que amava meu filho quando ele já tinha 13 anos.”

Quem atua na área ressalta o óbvio: com prevenção e informação adequadas, o número de meninas grávidas de seus agressores seria muito menor. “Criou-se a ideia de que as equipes querem fazer aborto a qualquer custo, mas estamos trabalhando no acolhimento das vítimas. Tudo é feito com muito critério”, explica Sylmara Berger, que trabalha na elaboração de um protocolo de atendimento no estado de São Paulo.

Atropelado pela maré de populismo direitista que varre o Ocidente, o direito ao aborto sofreu retrocessos nos últimos tempos — sendo o mais bombástico deles nos Estados Unidos. Ali, em 2022, a Suprema Corte anulou a decisão que há meio século liberava o procedimento em todo o país, transferindo a decisão para os estados. Por outro lado, houve avanços significativos na católica e conservadora América Latina, onde Argentina, Colômbia, Chile e México, entre outros, legalizaram a interrupção da gravidez, seguindo o caminho adotado há décadas pelos países europeus. A França, que contabiliza menos de uma morte por ano em decorrência de intervenções legalizadas (no Brasil, o número estimado é 59), o direito da mulher a interromper a gravidez foi cimentado na Constituição. O presidente Emmanuel Macron tentou levar o tema para o G7, o clube das principais nações mundiais, no encontro deste mês na Itália, mas encontrou resistência dos colegas alinhados à direita. No Brasil, onde o assunto, entra governo, sai governo, segue sendo tabu, espera-se que ao menos os parcos direitos adquiridos sejam mantidos, bem como a esgarçada tela de proteção às vítimas de violência sexual. Basta de desrespeito. ■

Colaborou Ludmilla de Lima

TEMPESTADE POLÍTICA

Destruição provocada pelas chuvas em Porto Alegre dá um tom nacional à disputa pelo comando da capital gaúcha e já esquenta o debate entre os favoritos

VICTORIA BECHARA

ÁGUAS TURVAS Melo *(à dir.)*, com um assessor: tentativa de jogar parte da responsabilidade para o governo federal

MATEUS RAUGUST/PMPA

AS ÁGUAS que transbordaram do Guaíba durante as fortes chuvas que atingiram todo o Rio Grande do Sul entre maio e junho destruíram muitas cidades e não pouparam a capital do estado. Os vazamentos colocaram à prova o sistema de prevenção de Porto Alegre — e, como se viu, ele não passou no teste. A catástrofe mandou quase 15 000 pessoas para abrigos, interditou o Centro Histórico e vias importantes, fechou lojas e indústrias, bloqueou o transporte público e interditou até o Aeroporto Salgado Filho. Diante do ocorrido, a eleição municipal deste ano virou uma das mais importantes da história gaúcha e ganhou um tom nacional.

O debate político já começou a ser impregnado pela busca por eventuais culpados, pela apuração das falhas e pelo escrutínio de como cada um se comportou ou está se comportando em um dos momentos de maior desespero da população. Espera-se que a campanha não vire apenas uma enxurrada de acusações. A capital gaúcha precisa de propostas para se recuperar nos próximos anos. Além disso, casos como o de Porto Alegre abrem uma oportunidade para se fazer uma discussão mais séria sobre como preparar melhor as metrópoles brasileiras diante da realidade e das consequências dos extremos climáticos.

Os principais contendores pelo comando da capital já estão bem definidos. A disputa deve se dar entre o prefeito Sebastião Melo (MDB) e a deputada Maria do Rosário (PT). Em campanha para aquela que deve ser a reeleição mais difícil deste ano em todo o Brasil, Melo enfrenta crí-

ticas por sua atuação diante dos alagamentos, sobretudo em relação às falhas nas comportas e nos sistemas de bombas. Embora admita alguns erros na gestão dos equipamentos de proteção, o prefeito passou a jogar a responsabilidade pelo atendimento às vítimas e pela recuperação da cidade para a União e subiu o tom da cobrança ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. "Temos de fazer a nossa parte, mas obras pesadas precisam ser assumidas pelo governo federal", diz.

INSTAGRAM @_MARIADOROSARIO

EM CAMPANHA Maria do Rosário *(à dir.):* valorização das ações de Lula

A reação do prefeito embute um raciocínio eleitoral: é um antídoto para a quase certa estratégia de sua principal adversária de tentar capitalizar as ações federais no estado e na cidade. Maria do Rosário tem divulgado as medidas adotadas pelo governo Lula e feito críticas à gestão municipal e

à suposta falta de preparo de Melo para lidar com mudanças climáticas. Também visitou abrigos e publicou nas redes sociais vídeos nos quais moradores desabafam sobre a situação crítica da capital. “Tem sido uma prática do Sebastião Melo transferir a responsabilidade, mas o prefeito da cidade é ele, não o presidente Lula”, afirma.

O petista, de fato, jogou pesado no Rio Grande do Sul. A administração federal anunciou o investimento de 85,7 bilhões de reais, inaugurou um escritório de monitoramento em Porto Alegre, divulgou a criação do Auxílio Reconstrução, no valor de 5 100 reais para cada família de desabrigados, antecipou o Bolsa Família, auxiliou na montagem de hospitais de campanha, enviou medicamentos e criou linhas especiais de crédito para as vítimas das chuvas, entre outras medidas. O próprio Lula esteve no estado três vezes.

Melo, no entanto, acha que há muitos anúncios e pouca entrega, especialmente na questão habitacional. “Porto Alegre hoje dispõe de 1 000 imóveis entre novos e usados que chegam à faixa dos 170 000 a 200 000 reais. Acho que o presidente Lula já deveria ter comprado esse lote. Mas não. Não compra imóvel, não apresenta alternativa e ainda não coloca um centavo nos abrigos”, disse. Depois da crítica, o governo federal assinou uma portaria que possibilita a compra de imóveis já prontos para atender aos desabrigados pelas enchentes no estado. O prefeito também cobra apoio à recuperação econômica. Para se ter ideia do tamanho do problema, o Rio Grande do Sul arrecadou 990 mi-

CESAR LOPES/PMPA

NO PAPEL Pimenta, Lula e Melo, na Base Aérea de Canoas: pedido de 12 bilhões de reais ao governo federal

lhões de reais a menos em ICMS do que o esperado para junho. A queda se deve principalmente à paralisação das atividades econômicas e vai refletir nos cofres da prefeitura. Na última visita de Lula, Melo fez questão de ir à Base Aérea de Canoas e entregar ao presidente o tamanho da conta para a recuperação da cidade: 12,3 bilhões de reais.

Com a adversária disposta a explorar as ações do governo federal e com a mira voltada para ele durante a campanha, os movimentos de Sebastião Melo na recons-

trução de Porto Alegre nos próximos meses devem ser decisivos para seu desempenho na eleição. O prefeito coordenou esforços de limpeza e desobstrução de vias públicas, garantiu o restabelecimento de serviços essenciais, como água e energia elétrica, e organizou a assistência às famílias afetadas, fornecendo abrigo. Mas ainda há muita coisa pendente, como a reconstrução de equipamentos públicos e a questão habitacional. Durante a campanha, provavelmente a capital ainda vai estar fora da normalidade. A previsão para reabertura do aeroporto é apenas na segunda quinzena de dezembro. Muitas ruas seguem cheias de lixo e entulhos. Algumas escolas ainda não reabriram. Parte do comércio continua fechada.

Além do clima pesado na campanha em razão dos desdobramentos da tragédia, a eleição na capital gaúcha deve ter também um caráter de polarização entre direita e esquerda. O PL, partido do ex-presidente Jair Bolsonaro, pretende apoiar Sebastião Melo, como fez no segundo turno de 2020, quando ele derrotou Manuela d'Ávila (PCdoB). “O PL tem garantida a vaga de vice-prefeito na chapa”, diz o presidente estadual do MDB, Vilmar Zanchin. Melo também tinha a esperança de contar com Eduardo Leite, mas, no que depender do governador, isso não deve acontecer. “Eu sou defensor de candidatura própria do PSDB na capital”, afirmou o tucano a VEJA. Segundo o presidente nacional do PSDB, Marconi Perillo, o mais cotado para a tarefa é o ex-prefeito Marchezan Jr.,

GIULIAN SERAFIM/PMPA

FALHAS Homens tentam conter água do Guaíba que passou por comporta: críticas à prefeitura

que resiste à ideia. Ele não chegou nem ao segundo turno em 2020, quando tentou a reeleição.

O histórico político de Porto Alegre é mais favorável à esquerda. Desde a redemocratização, o PT ocupou a prefeitura por quatro mandatos, com Tarso Genro, Olívio Dutra, Raul Pont e João Verle. Já o PDT esteve à frente da cidade duas vezes, com Alceu Collares e José Fortunati. Nos últimos anos, a centro-direita virou o jogo com Marchezan Jr., em 2016, e Melo, em 2020. Na eleição presidencial de 2022, Lula foi o mais votado na capital (53,5%) no segundo turno.

A disputa municipal, aliás, é de extrema importância para o PT. Além de mostrar a força de Lula, a sigla precisa se recuperar do desempenho pífio do último pleito, quando não ganhou nenhuma capital. Além disso, o agora ministro da Reconstrução do Rio Grande do Sul, Paulo Pimenta, planeja ser o nome do partido ao governo em 2026.

O que o eleitor espera, no entanto, é que o debate não seja como em 2020, quando a polarização ideológica deu o tom. Algumas ideias ventiladas na atual campanha parecem mirar a um debate mais elevado. Sebastião Melo já anunciou uma parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) para aplicar 1,2 milhão de dólares em uma estratégia de revisão urbanística e de ocupação. Segundo a prefeitura, está em andamento a elaboração de um Plano de Ação Climática que inclui medidas de adaptação, aquisição de equipamentos para a Defesa Civil e instalação de sistema de alerta de riscos climáticos em dez pontos da cidade, com comunicação em tempo real. Maria do Rosário defende a necessidade de recuperar os sistemas de bombas e comportas internas, a criação de planos específicos para áreas mais afastadas do centro e melhora da coleta seletiva e tratamento de lixo. Historicamente, a questão das mudanças climáticas não tem apelo eleitoral. Mas uma tragédia como a vivida pelos gaúchos tem potencial para mudar isso. ■

Colaborou Adriana Ferraz

CAMPANHA ANTECIPADA

Mesmo com indefinições, corrida presidencial já está em curso

AS DECLARAÇÕES do presidente Lula afirmando que será de novo candidato à Presidência para evitar o retrocesso de um eventual retorno do bolsonarismo ao poder, juntamente com a propaganda eleitoral do PL, na qual Valdemar Costa Neto afirma que Bolsonaro é candidato — e, se não for, escolherá os nomes para a chapa —, em conjugação com as eleições municipais, deflagraram a pré-campanha eleitoral de 2026.

Em uma longa entrevista, Lula atacou Campos Neto, presidente do Banco Central, dizendo que ele não tem autonomia, já que dependeria do mercado. Lula ainda o comparou ao ex-juiz e ex-ministro Sergio Moro, insinuando que Campos Neto teria pretensões políticas. A pressão pública de Lula não mudou o rito do Banco Central sobre a definição da taxa Selic. Esses são exemplos pontuais das movimentações típicas do período que se inicia: declarações bombásticas, propaganda partidária, articulações de bastidores e, obviamente, a disputa municipal. A campanha deste ano é um

momento comparável às eliminatórias da Copa do Mundo, em que apenas os mais fortes avançam para as finais. Os partidos vencedores ficam "cacifados" para as eleições gerais em 2026 e vendem caro o seu apoio.

No âmbito federal, Bolsonaro confia que conseguirá ser elegível. Para alguns, ele seria um melhor cabo eleitoral do que candidato presidencial. Por outro lado, Lula mantém suas cartas fechadas, sem dar espaço para movimentações internas, apesar das especulações sobre supostas pretensões de alguns ministros. Ao lado das declarações e movimentações que marcam o início da temporada eleitoral de 2026, as eleições dos presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, que vão ocorrer no início de 2025, também embaralham o cenário da pré-campanha presidencial.

Lula, obviamente, não quer conviver com presidentes do Congresso que não sejam aliados. Já Bolsonaro deseja ter

"As eleições para os comandos da Câmara e do Senado também embaralham o cenário"

comandantes do Legislativo que o ajudem a ser elegível. A equação se mostra complexa também porque os partidos que elegerem os novos presidentes no Congresso podem não estar alinhados com o atual governo. Legendas como PSD, Republicanos e União Brasil, que integram a base de Lula, não devem apoiar uma candidatura petista, salvo uma reviravolta positiva na popularidade do presidente.

Enfim, Lula está entre a cruz e a caldeirinha: para ter governabilidade, precisa do apoio daqueles que podem não apoiá-lo em 2026. Como modular as relações de desconfiança? Mas Bolsonaro também enfrenta um dilema: conseguirá anular sua inelegibilidade? Quem seria seu candidato presidencial? Outro desafio de Lula é iniciar uma pré-campanha eleitoral sem ter um governo organizado e com narrativas consistentes.

Fato é que a pré-campanha se inicia cheia de indefinições. Ainda assim, já está em curso. O que não é bom para o país, pois desvia a atenção da política para a disputa pelo poder, e não para o enfrentamento de nossos desafios como nação. Os dois protagonistas têm grandes desafios. Um não sabe se será candidato e o outro ainda não organizou o governo e terá de enfrentar uma pré-campanha. ■

QUERO SER VICE

A disputa pelo cargo, que no passado já foi menosprezado e agora é tratado como um posto estratégico, serve a múltiplos interesses políticos **MARCELA MATTOS**

SÃO PAULO Bolsonaro e Ricardo Nunes: apoio condicionado à indicação de um candidato do PL na chapa do prefeito

GABRIEL SILVA/ATO PRESS/FOLHAPRESS

NAS DUAS VEZES em que disputou a Presidência da República, Jair Bolsonaro elaborou um plano para salvaguardar o seu mandato e escolheu para ocupar a vice-presidência dois generais de quatro estrelas — figuras que, em sua visão, seriam rejeitadas pelas classes política e econômica e serviriam como um escudo contra eventuais manobras para tirá-lo do poder. O presidente Lula, por sua vez, usou

RIO DE JANEIRO Paes e Lula: favorito à reeleição, o prefeito tenta se desvencilhar do PT, que pressiona por aliança

MAURO PIMENTEL/AFP

a vice para romper resistências de setores refratários ao PT e ampliar alianças partidárias, solução que ajudou a garantir o seu terceiro mandato. Trazendo um inédito paralelo com a corrida nacional, as eleições municipais deste ano, especialmente nas grandes capitais, estão reservando ao vice-prefeito uma atenção especial. O cargo, que já foi considerado decorativo e sem muita relevância, conquistou status de posto estratégico, agora é alvo de cobiça dos grandes partidos e está no centro das articulações que envolvem os maiores atores políticos do país. Nos últimos dias, por exemplo, o radar das principais lideranças em Brasília estava voltado para São Paulo.

Maior colégio eleitoral do país, a cidade promete uma das eleições mais disputadas dos últimos anos. Segundo a última pesquisa divulgada pela Atlas/Intel, Guilherme Boulos (PSOL) tem 35,7% das intenções de voto, seguido por Ricardo Nunes (MDB), o atual prefeito, que vai concorrer à reeleição, com 23,4%. O grande duelo, porém, será entre petistas e bolsonaristas, particularmente entre Lula e Jair Bolsonaro. Em 2022, Lula saiu vitorioso na capital, mas o estado entregou 55% dos votos a Jair Bolsonaro. Os dois encaram a disputa como uma espécie de terceiro turno das eleições presidenciais, querem manter viva a polarização e os vices são peça-chave nessa estratégia. Presidente do PT, a deputada Gleisi Hoffmann já afirmou que vencer em São Paulo "é também ganhar no Brasil". Com esse objetivo, coube a Lula articular no início do ano uma aliança inesperada: até então secretá-

ria de Ricardo Nunes, a ex-prefeita Marta Suplicy foi convencida pelo presidente a superar as desavenças do passado — ela criticou a corrupção no partido e apoiou o impeachment de Dilma Rousseff — e voltar ao PT para assumir o posto de candidata a vice na chapa de Boulos.

Do outro lado, Ricardo Nunes até tentou fugir da armadilha da polarização, mas não conseguiu. As pesquisas mostram que o apoio de Jair Bolsonaro e de seu partido, o PL, pode ser decisivo. Para firmar a aliança, porém, o ex-presidente exigiu indicar o candidato a vice. Até o fechamento desta edição, o indicado era o coronel Ricardo Mello Araújo, ex-comandante da Rota, a tropa de elite da Polícia Militar paulista. Neófito na política, o coronel reza a cartilha do bolsonarismo: carrega a bandeira da segurança pública, defende o voto auditável e já chamou Lula de "bandido". Para o prefeito, é o que ele precisa para amarrar os votos mais conservadores. Já Bolsonaro, numa estratégia similar à de Lula, amplia o leque de influência sobre a maior cidade do país, movimento que ele considera vital para um eventual retorno à política ou para pavimentar a campanha presidencial de um nome apoiado por ele. "Os dois principais players nacionais, tanto o PL quanto o PT, não têm candidato na maioria das cidades. O mínimo que eles podem ter é o vice, portanto. É o jeito de manter protagonismo e esperar que isso amarre alguma coisa para 2026", afirma Murilo Hidalgo, diretor do instituto Paraná Pesquisas.

EDSON HOLANDA/PCR

RECIFE João Campos: solução caseira para compor a chapa e advertência

O Rio de Janeiro vive um cenário parecido. Lula também se envolveu pessoalmente nas articulações para tentar emplacar o candidato a vice na chapa de Eduardo Paes (PSD), que disputará a reeleição. Bem avaliado, o prefeito tem 51% das intenções de voto, segundo pesquisa Quaest divulgada na terça-feira 18, e tem lançado mão desse cacife para se proteger das pressões. Na cidade do Rio, a vice é vista como um bilhete premiado. Paes já confidenciou a aliados a intenção de concorrer ao governo do estado em 2026. Ou seja, se

INSTAGRAM @JHCDOPOVO

MACEIÓ Lira e JHC: definição do candidato a vice pode atrapalhar os planos do presidente da Câmara para 2026

ele conseguir a reeleição em outubro e der sequência ao plano, o seu companheiro de chapa assumirá o comando do segundo maior colégio eleitoral do país por dois anos e meio. É um trampolim e tanto para a carreira de qualquer pessoa e uma janela de oportunidade para alguns partidos. Por causa disso, a lista de pretendentes ao posto enfileira secretários municipais, vereadores, deputados estaduais, deputados federais e até auxiliares do presidente Lula. O PT, por exemplo, vislumbra a chance de mudar seu status de coadjuvante

para protagonista num estado em que o partido sempre enfrentou dificuldades eleitorais — daí o empenho de Lula. Considerando essa possibilidade, o ex-deputado André Ceciliano deixou recentemente a secretaria de Assuntos Federativos da Presidência da República. “Com o PT, o Paes tem chance de vencer a eleição logo no primeiro turno”, avalia ele. Não é bem isso que as pesquisas mostram. De acordo com o último levantamento, a intenção de votos no prefeito cai quando Lula é citado como apoiador de sua candidatura.

No duelo particular entre petistas e bolsonaristas, o ex-presidente aparece como um cabo eleitoral mais eficiente na largada do Rio de Janeiro. Se nada mudar, o principal adversário de Eduardo Paes será o deputado federal Delegado Ramagem (PL), que também segue com o vice indefinido e aparece em segundo lugar nas pesquisas, com 11% das intenções de voto. Quando o eleitor é informado de que ele é o candidato apoiado por Jair Bolsonaro, o índice salta para 29%. Eduardo Paes, por enquanto, não deu sinais de que vai ceder à pressão. Ele prefere ter como companheiro de chapa um correligionário — garantia de que seu partido continuará dando as cartas no Rio e de que ele não atrairá para si a rejeição que Lula e o PT têm na capital fluminense.

Situação semelhante enfrenta o prefeito do Recife, João Campos (PSB). Franco favorito no pleito, ele também planeja disputar o governo do estado em 2026, busca uma solução caseira para compor a chapa e, claro, sofre pressão dos petistas pela vaga de vice. “O PT tem uma contribuição importan-

te do ponto de vista político e administrativo a dar ao Rio e ao Recife, e é uma força política que deveria ser levada em consideração”, diz o senador Humberto Costa (PT-PE), coordenador do grupo que organiza e traça as estratégias eleitorais da legenda. “Acho difícil uma candidatura viável para um governo de estado, de quem quer que seja, que tenha uma má vontade da parte do PT ou um sentimento de que o PT foi escanteado”, adverte.

Outros figurões da política também têm se dedicado à engenharia das candidaturas a vice. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), por exemplo, planeja disputar uma cadeira no Senado em 2026. O projeto passa pelo fortalecimento de seu nome em Maceió, a única cidade do Nordeste que deu vitória a Bolsonaro na última eleição. Por isso, Lira tenta emplacar um vice sobre o qual tenha influência na chapa do atual prefeito, João Henrique Caldas (PL). JHC, como é conhecido, deve deixar a função na metade do mandato para tentar o governo ou uma vaga no Senado. Ele, assim como Paes e Campos, também faz contas sobre como a composição da chapa pode ajudar ou atrapalhar seus projetos futuros — nos últimos dias, cresceram os rumores de que o prefeito pode recuar da parceria combinada com Lira e fechar a aliança com o senador Rodrigo Cunha (Podemos). O motivo? A mãe de JHC é suplente de Cunha e herdaria a cadeira dele no Senado. Parece uma opção politicamente (ou familiarmente?) interessante, mas o prefeito ainda avalia se vale a pena ganhar um inimigo para resolver essa complexa equação. ■

LIÇÃO DE CASA

Paraná e São Paulo têm o desafio de provar que a gestão privada em escolas públicas pode elevar a nota delas, em meio à oposição política e ideológica **LAÍSA DALL'AGNOL** E **BRUNO CANIATO**

MODELO Colégio Aníbal Khury Neto, em Curitiba: pioneiro na governança por empresa, é bem avaliado pela comunidade

SEED-PR

ÁREA CONSIDERADA vitrine para qualquer governante, a educação está no centro de um novo desafio em dois importantes estados brasileiros. Paraná e São Paulo lançaram iniciativas para terceirizar a gestão de escolas públicas com o objetivo de aperfeiçoar a eficiência da administração das unidades e, como consequência, melhorar o desempenho dos alunos. Pioneiros, os projetos ainda são um experimento direcionado a parte pequena da rede pública de ensino fundamental e médio, mas já despertam reações contrárias, quase todas movidas por corporativismo e oposição política.

A iniciativa mais adiantada é a do Paraná, comandado pelo governador Ratinho Jr. É também onde está o maior barulho. O programa Parceiro da Escola, aprovado pela Assembleia Legislativa (Alep) em 4 de junho, prevê que 204 unidades de ensino possam ter a sua gestão administrativa de serviços como manutenção, limpeza e vigilância feita por empresas terceirizadas. Hoje, a maioria das tarefas já é prestada assim, mas por meio de contratos individuais com firmas especializadas. Com o novo programa, a governança será feita por uma única companhia de gestão educacional, escolhida em processo público *(veja o quadro)*. O governo defende que, assim, os diretores poderão focar na condução pedagógica, que não irá mudar: diretores e professores continuarão com a autonomia existente, seguindo o currículo da Secretaria de Educação. “Queremos tirar a burocracia dos ombros dos diretores. Deixá-los

ROBERTO DZIURA JR/AEN

BOA NOTA O governador do Paraná, Ratinho Jr.: o estado é o primeiro no Ideb

focados na aprendizagem", diz o secretário de Educação do Paraná, Roni Miranda.

A ideia faz muito sentido, está sendo aplicada em um universo relativamente pequeno (menos de 10% dos estabelecimentos da rede) e a medição dos resultados daqui para frente pode mostrar se ela realmente funciona na prática, mas detalhes do projeto enfrentam fortes resistências, sobretudo a licença para as empresas poderem contratar docentes temporários. O APP-Sindicato, que representa a categoria de professores do Paraná, convocou uma greve que durou três dias, com direito a invasão da Assembleia Legislativa do es-

CÉLIO MESSIAS/GOVERNO DO ESTADO DE SP

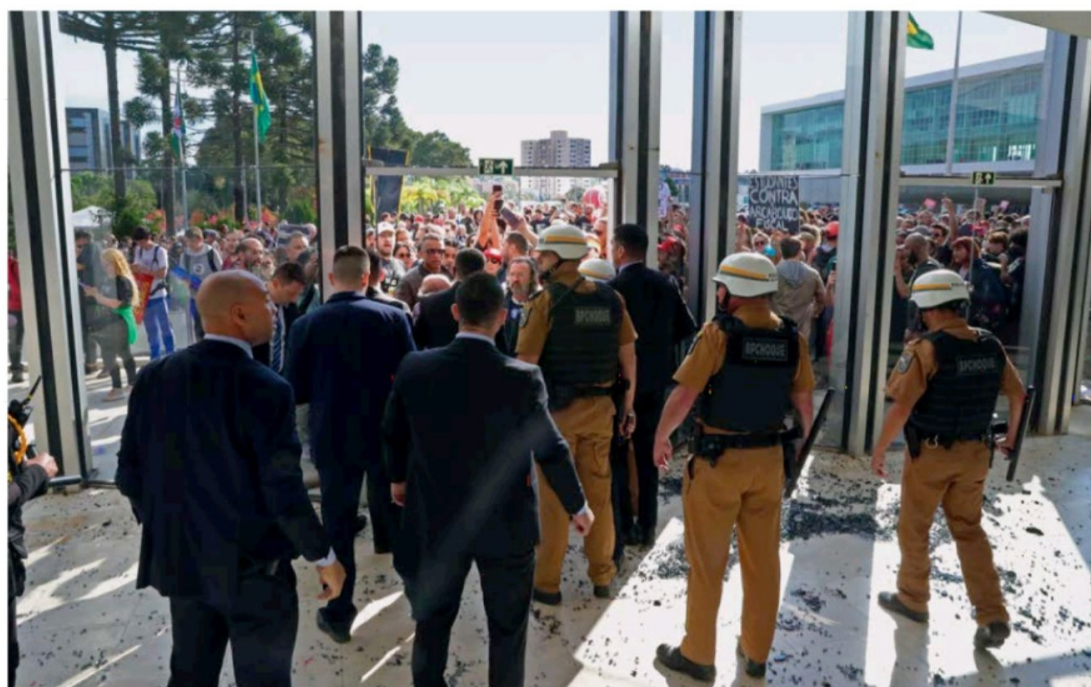
FUTURO O governador de SP, Tarcísio de Freitas: o PPP irá construir 33 escolas

tado por manifestantes. O governo pediu a prisão da presidente da entidade, Walkiria Olegário, e a inclusão dos grevistas no inquérito que apura o episódio. O sindicato deve entrar em breve com uma ação contra o projeto. "Passar a gestão e os recursos da educação para uma empresa privada é inconstitucional", entende Olegário, forçando ao limite a interpretação do que está na Carta.

A intenção de mudar o paupérrimo cenário do ensino público com ajuda da iniciativa privada ganha espaço também em São Paulo. O programa Novas Escolas, autorizado pelo governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) na semana

passada, é uma parceria público-privada e, assim como no Paraná, visa uniformizar a terceirização de serviços sem mudar a condução pedagógica. A implementação valerá para 33 unidades a serem construídas pela PPP. As escolas serão divididas na licitação em lotes de 16 e 17 unidades — cada um será gerido por 25 anos por uma vencedora.

Além de usar a experiência para tentar melhorar o ensino, o projeto mira na ampliação das escolas de tempo integral. “Teremos fiscalização contínua, com avaliação sobre como será feita essa prestação de serviços, a modelagem financeira e o padrão construtivo das unidades”, diz Vinicius Neiva, secretário-executivo da Educação. Segundo ele, uma escola nova, adequada, com modelo de arquitetura voltada à aprendizagem, melhora o ambiente para que o aluno tenha melhor desempenho. No caso paulista, não serão empresas de educação, mas, sim, prestadores responsáveis pela contratação e gestão das atividades administrativas. Não haverá a possibilidade de contratação de docentes, nem mesmo temporários.

Até agora, a oposição ao Palácio dos Bandeirantes tem debatido o projeto de forma rasa. O deputado federal Guilherme Boulos (PSOL), pré-candidato à prefeitura da capital, vociferou nas redes sociais que o governo está tentando privatizar o ensino. Atitude que merece nota dez em demagogia — e zero em interpretação de texto. “Precisamos que esse projeto não avance”, postou. No Paraná, a deputada Gleisi Hoffmann (PT) criticou a ideia do governador Ratinho Jr. na

OPOSIÇÃO Manifestantes invadem a Assembleia do Paraná durante votação: grevistas são investigados

mesma linha. "Seguimos ao lado da APP-Sindicato contra essa sabotagem ao direito de todos e dever do Estado", publicou a presidente nacional do PT.

Embora tenham suas particularidades, as iniciativas têm um elemento em comum: Renato Feder, ex-secretário da Educação do Paraná entre 2019 e 2022 e atual titular da pasta em São Paulo. Durante a sua gestão no governo paranaense, ele iniciou a implementação da terceirização da administração de escolas, que agora tornou-se lei estadual. Por lá, já foram testadas duas unidades sob o novo modelo, com índices positivos de aprovação da comunidade escolar.

Há muito que a educação pública brasileira acumula indicadores vexatórios — por isso, qualquer tentativa de mu-

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

EMBRIÃO O secretário de Educação de SP, Renato Feder: idealizador do projeto ainda no Paraná

dar esse cenário merece ser estudada com seriedade. Na mais recente edição do Pisa, ranking global que monitora o ensino em 81 nações, o Brasil ocupou o 52º lugar em leitura, 62º em ciências e 65º em matemática. Em quase vinte anos de aplicação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), que utiliza uma escala de qualidade de 0 a 10, nenhuma rede estadual do país chegou à nota 5 no ensino médio. Entre 2011 e 2021, tanto São Paulo quanto Paraná superaram as médias nacionais nessa métrica (respectivamente, 4,4 e 4,6 em 2021) e estiveram entre as primeiras posições entre os estados, o que sugere que os ensinos paulista e paranaense caminham na direção certa, embora ainda haja longa estrada a percorrer. “Não estamos conformados,

PROJETOS PIONEIROS

As iniciativas para terceirizar a gestão de escolas em São Paulo e no Paraná

SÃO PAULO

O que prevê

Empresas ficarão responsáveis por manutenção, zeladoria, alimentação e vigilância, entre outros. Atividades pedagógicas permanecem sob a gestão da Secretaria Estadual da Educação

Escolas abrangidas

33 unidades novas de ensino fundamental 2 e médio, com entregas previstas a partir de 2026. O número representa 0,7% do total de estabelecimentos da rede

Como está

O decreto autorizando a licitação foi publicado em 11 de junho. O leilão está previsto para setembro, e a assinatura dos contratos para até o fim do ano

PARANÁ

O que prevê

Além de manutenção e zeladoria, empresas especializadas em gestão educacional poderão contratar professores temporários. As atividades pedagógicas continuam sob gestão do estado

Escolas abrangidas

204 unidades já existentes de ensino fundamental 2 e médio. O número representa 9% dos 2 200 estabelecimentos da rede

Como está

O projeto de lei foi aprovado pela Assembleia em junho e aguarda decreto do governador. Consultas públicas são esperadas para setembro. Depois, será aberto o edital e feito o leilão

Fontes: *Secretarias estaduais de Educação de São Paulo e do Paraná*

queremos nos comparar com os melhores países da América Latina", diz Roni Miranda, secretário do Paraná.

Os planos de gestão mista de São Paulo e Paraná têm precedentes internacionais. No exterior, o modelo mais frequente é o das *charter schools*, escolas inteiramente geridas por organizações sem fins lucrativos custeadas por verba pública. Há tantos resultados positivos quanto negativos nesse esquema. "Não existe bala de prata para o desafio da educação brasileira, mas essas propostas tornam mais sustentável a missão de entregar ensino público de qualidade, desde que a autonomia do Estado sobre o currículo seja respeitada", diz Claudia Costin, professora da FGV e ex-diretora de Educação do Banco Mundial.

Um receio comum é que haja prejuízo no ensino, mesmo com a divisão de tarefas. "Todos os funcionários da instituição são responsáveis pelo acolhimento e formação do estudante", diz Anna Helena Altenfelder, presidente do Conselho de Administração do Cenpec. Defensores da medida ressaltam que a terceirização das atividades de suporte já existe, mas a fragmentação e a burocracia estatal tornam os processos lentos e ineficazes. O fato é que o atual modelo, mesmo recebendo uma das maiores fatias dos orçamentos — 25% no caso dos estados —, não mostra resultados. Nesse sentido, as experiências em São Paulo e no Paraná podem levar a algum choque de gestão nas escolas do país. Diante do retrospecto anterior, não há dúvidas de que vale a pena fazer essa lição de casa. ■

CRISTOVAM BUARQUE

UNIVERSIDADE NÃO É FÁBRICA

A greve pode ser legítima, mas não é compatível com a educação

GREVES SÃO instrumentos necessários, eficientes e justos para forçar patrões ao diálogo nas lutas dos trabalhadores. Para retomar o trabalho, os donos podem reduzir o lucro da empresa ou elevar os preços de suas mercadorias. A atual greve de professores e servidores das universidades e institutos federais são justas ao reivindicar reajuste salarial, mas é desnecessária porque o atual presidente e seus ministros não precisam de paralisação para dialogar com sindicatos, e ineficiente quando se considera que governo não é patrão, apenas administrador do orçamento do Estado, e a educação não é fábrica com mercadoria para venda. Para atender às reivindicações, o governo precisaria reduzir outros gastos, sacrificando setores essenciais da sociedade ou enfrentando poderosos na política. Tudo indica não haver neste momento margem para sacrifício, nem enfrentamento. Quando dispõe de recursos ou de força, um governo comprometido socialmente não precisa de greve para aumentar salário de professores, e não adianta greve se não tem esses recursos.

A greve surte efeito quando a interrupção da produção asfixia os interesses do patrão ao diminuir a rentabilidade imediata do capital financeiro. Na escola, a paralisação depreda o conhecimento de toda a nação nos anos seguintes. Escola não produz para o presente, forma para o futuro. Na indústria, a produção retoma no estágio em que parou, e seus produtos mantêm a mesma qualidade, mas a formação educacional fica danificada, porque os professores não recuperam plenamente o que foi perdido durante a paralisação. Na educação de base, especialmente, o aprendizado fica prejudicado com perdas irrecuperáveis. Até porque as interrupções são uma causa determinante de evasões de alunos nos níveis médio e superior.

O mercado não recusa comprar um produto porque os trabalhadores estiveram parados, mas as greves nas universidades depredam o valor do diploma; os empregadores levam em conta a perda na qualificação dos alunos diplomados em instituições reincidentes em paralisações. Apesar dos

“As paralisações são causa determinante de evasões de alunos nos níveis médio e superior”

imensos prejuízos que provocam no futuro do país, ao não interromperem a produção de bens e serviços essenciais, os braços cruzados em escolas e universidades apenas incomodam as famílias e arranham a imagem do governante.

A greve seria eficiente se a universidade fosse fábrica e o diploma sua mercadoria, e os alunos fossem o patrão, aceitando pagar mensalidade maior para atender às reivindicações dos professores e servidores; ou aceitando que os professores reduzissem a jornada de trabalho. Notícias na imprensa informam que governo e sindicatos estariam negociando nesta direção: sacrificam a qualidade, para atender a suas reivindicações sem aumentar os gastos. Como às vezes se esconde inflação diminuindo a quantidade de mercadoria na embalagem. Estranhamente, com aceitação dos alunos.

O histórico descuido de governos com educação exige luta por bons salários para professores e servidores, mas as greves são armas que se voltam contra os alunos em busca de qualificação e contra a nação, carente de profissionais qualificados. Por isso, ainda que a greve possa ser justificável, ela não é um instrumento compatível com a essência da educação. ■

MULTINACIONAL DO CRIME

Megaoperação feita pela PF e policiais da Europa revela um esquema de tráfico de drogas que envolve alianças do PCC com facções da Itália, da Sérvia e da Albânia **ISABELLA ALONSO PANHO**

FORÇA-TAREFA Agentes europeus e brasileiros na recente operação conjunta: quarenta presos em seis países

EUROPOL/DIVULGAÇÃO

MAIOR MERCADO consumidor de cocaína do mundo, a Europa viu durante anos a ascensão de grupos marginais que viraram referência para o crime organizado em todo o planeta, como a siciliana Cosa Nostra, a mais antiga máfia da história, ou a Camorra, que impôs o terror a partir do porto de Nápoles, por onde chegava boa parte da droga. O poder dessas quadrilhas, construído por meio de corrupção e violência, inspirou sucessos literários como *Gomorra* (Roberto Saviano) e *O Poderoso Chefão* (Mario Puzo) — este serviu de base à trilogia homônima imortalizada por Francis Ford Coppola no cinema. Nos últimos anos, no entanto, o controle sobre o mercado foi se pulverizando, com o surgimento de falanges baseadas em países periféricos, mas que agem de forma coordenada para abastecer o Velho Continente — entre elas, está uma sigla bem conhecida dos brasileiros: PCC.

O alerta, que já está disparado há algum tempo, voltou a soar com força há pouco mais de uma semana. Uma megaoperação coordenada pela Europol, a polícia da União Europeia, com participação da PF brasileira, prendeu quarenta pessoas, no Brasil, na Croácia, Alemanha, Sérvia, Espanha e Turquia, acusadas de enviarem drogas à Europa — a PF e a Europol não detalham as prisões. Em solo brasileiro, foram apreendidos 12,5 milhões de euros e 3 milhões de dólares, soma equivalente a 90 milhões de reais. Além disso, 50 milhões de euros foram bloqueados na Sérvia. Uma investigação de março reve-

O CAMINHO DA COCAÍNA

Cartéis usam rotas marítimas para chegar à Europa via países dos Bálcãs

QUEM PRODUZ

COLÔMBIA, PERU E BOLÍVIA

1 CORREDOR BRASILEIRO

O principal caminho utilizado pelos traficantes para escoar a produção são portos do litoral do Sul e do Sudeste do Brasil, como o Porto de Santos

2 ESCALA AFRICANA

Rotas passam pela África Ocidental e pelas Ilhas Canárias antes de cruzarem o Mediterrâneo. O cartel alvo de operação no último dia 12 tinha pontes também em Dubai e na Turquia

3 CHEGADA À EUROPA

O tráfico usa portos da Turquia, Romênia, Bósnia e Herzegovina e Croácia

4 DESTINO FINAL

O principal mercado está em países ricos e populosos como **Alemanha, França e Espanha**

Fonte: *Europol*

lou que o esquema já movimentou 371 milhões de euros em cerca de 500 contas bancárias.

O papel do PCC não é pequeno. O entorpecente vem dos países produtores (Colômbia, Peru e Bolívia), passa por Brasil e África e entra no continente europeu pelos portos dos Bálcãs (Bósnia e Herzegovina, Croácia, Romênia e Turquia), uma alternativa aos destinos clássicos — e ainda utilizados —, como Hamburgo (Alemanha), Antuérpia (Bélgica) e Roterdã (Holanda). Além de ser responsável pelo transporte terrestre da droga, a rede brasileira fornecia serviços de logística e facilitava a lavagem de dinheiro para outras quadrilhas. “As organizações estão sempre se reinventando”, afirma o secretário nacional de Segurança Pública, Mário Sarrubbo.

A cocaína ainda é a grande mercadoria do tráfico internacional. No começo do ano, o quilo da droga chegou a custar 84 000 dólares na França, mais de vinte vezes o preço do início da cadeia produtiva. Antes, as máfias europeias enviavam membros à América Latina para cuidarem da compra e do transporte da droga. Porém, além de custar caro e ser pouco eficiente, pela falta de conhecimento da região, o método chamava a atenção das autoridades. Por isso, as facções firmaram alianças com grupos latinos para terceirizar a operação e ficar com a distribuição e venda. Chefes do PCC, como André de Oliveira Macedo, o André do Rap, Gilberto Aparecido dos Santos, o Fuminho, e Marcos Willians Herbas Camacho,

EUROPOL/DIVULGAÇÃO

FORTUNA Dinheiro recolhido em ação: Europol confiscou 12,5 milhões de euros

o Marcola — este o *capo di tutti capi* da facção —, já vendiam ao exterior a sua própria cocaína desde 2009, mas a organização, de forma articulada, entrou no tráfico internacional em 2017. Hoje, as maiores alianças são com a 'Ndrangheta — que tomou o lugar da Cosa Nostra como a principal quadrilha da Itália —, com traficantes sérvios e com a máfia albanesa, conhecida pela violência e por assumir o "trabalho sujo" que não interessa mais à organização italiana.

A articulação das facções preocupa — e muito — os governos da Europa. Em abril, uma comitiva de autoridades

da Justiça da Romênia e da República Tcheca esteve no Brasil para debater, entre outros temas, o tráfico de cocaína na Europa com participação decisiva de brasileiros. O caráter transnacional do problema exige cada vez mais cooperação. Em novembro de 2023, os países da América do Sul criaram em Brasília a Ameripol, uma polícia continental. A iniciativa foi um passo importante, mas está longe do ideal. Hoje, grande parte da colaboração do país com outras polícias se dá no cumprimento de diligências — e não para dividir a investigação. “O crime organizado não tem fronteiras, nós é que temos”, diz o promotor de Justiça Lincoln Gakiya, que investiga o PCC desde o surgimento e diz que a sua expansão foi negligenciada pelas autoridades *(leia a entrevista com o secretário da Segurança Pública de SP, Guilherme Derrite, em Amarelas).* Nem a negligência, nem o improviso e a desarticulação podem dar mais o tom na reação do país ao poderio do crime. O alarme já soou até na Europa. ■

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes
e Felipe Erlich

DIVULGAÇÃO

GIGANTE BarraShopping: um dos vinte centros de compras da gestora Multiplan

Saída bilionária

Histórico parceiro da **Multiplan,** o fundo de pensão canadense Ontario Teachers, que acaba de se desfazer de mais de 1 bilhão de reais em ações na gestora de shopping centers, informa que não pretende realizar novos movimentos de saída. A Multiplan administra vinte centros de compras no Brasil.

Casa arrumada

A saída parcial dos canadenses moveu os ponteiros na empresa, dona dos tradicionais BarraShopping, no Rio, e MorumbiShopping, em São Paulo. O empresário

José Isaac Peres voltou a ser o dono da maior fatia, com 25% das ações da companhia. O fundo de pensão agora tem cerca de 18%.

Não contem comigo

O empresário Nelson Tanure não entrará na disputa pela Sabesp. Ele até cogitou se associar a um dos consórcios no processo de privatização da companhia, mas desistiu, por considerar o negócio arriscado demais.

O grande obstáculo

Cerca de 30% da água fornecida pela Sabesp vem da Empresa Metropolitana de Águas e Energia (Emae), arrematada pelo fundo Phoenix, que tem Tanure como um de seus principais investidores. Estima-se que o preço pago equivale a 10% do valor de mercado.

Porteira fechada

A Sabesp abrange a maioria dos municípios de São Paulo. São muitos atores que podem questionar a venda. Além disso, tratamento de esgoto e coleta não foram universalizados. Tanure quer negócios completos.

De grão em grão

Em recuperação judicial desde outubro, o Grupo Petrópolis quitou 20% da dívida com os credores. O passivo anunciado é de 5,6 bilhões de reais. A família Faria, dona da cervejaria, não pretende realizar aportes volumosos para resgatar a operação.

Água no chope

O Grupo Petrópolis tem pequenas hidrelétricas e outras usinas, que estão à venda. O processo de alie-

nação dos ativos de energia está em fase de cotação. Quando avançar, a venda será realizada por meio de leilão. Os acionistas dizem não ter pressa. Eles têm até 2035 para quitar tudo.

Agora ou nunca

O fundo Mubadala, de Abu Dhabi, maior interessado na reabertura da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, quer que o arcabouço legal seja resolvido até o início de 2025 — ou nada feito. O governador Cláudio Castro e o prefeito Eduardo Paes conversaram com os árabes nos últimos dias para aplacar a ansiedade dos investidores.

Quem dá mais?

A clínica de vacinação Pró Imune está à venda. São sete unidades no Grande ABC. Já há negociações com as redes de laboratórios Fleury e Dasa, além de empresas hospitalares. As cifras giram em torno de 50 milhões de reais.

Só no início

Cerca de 86% das empresas utilizam tecnologia de inteligência artificial, mas apenas 36% delas a consideram essencial para o negócio. O ChatGPT é a ferramenta mais utilizada. É o que mostra a pesquisa AI Insight, realizada pela agência OvoCom. ■

UMA VIRADA HISTÓRICA

Com o Plano Real, o Brasil foi capaz de vencer o tormento da hiperinflação. Falta achar soluções para outros problemas — em particular do setor público — para a economia deslanchar de vez

JULIANA ELIAS E **JULIANA MACHADO**

GUSTAVO MIRANDA/AGÊNCIA O GLOBO

NOVO VALOR Fernando Henrique no lançamento da moeda: o longo período de inflação descontrolada ficava para trás

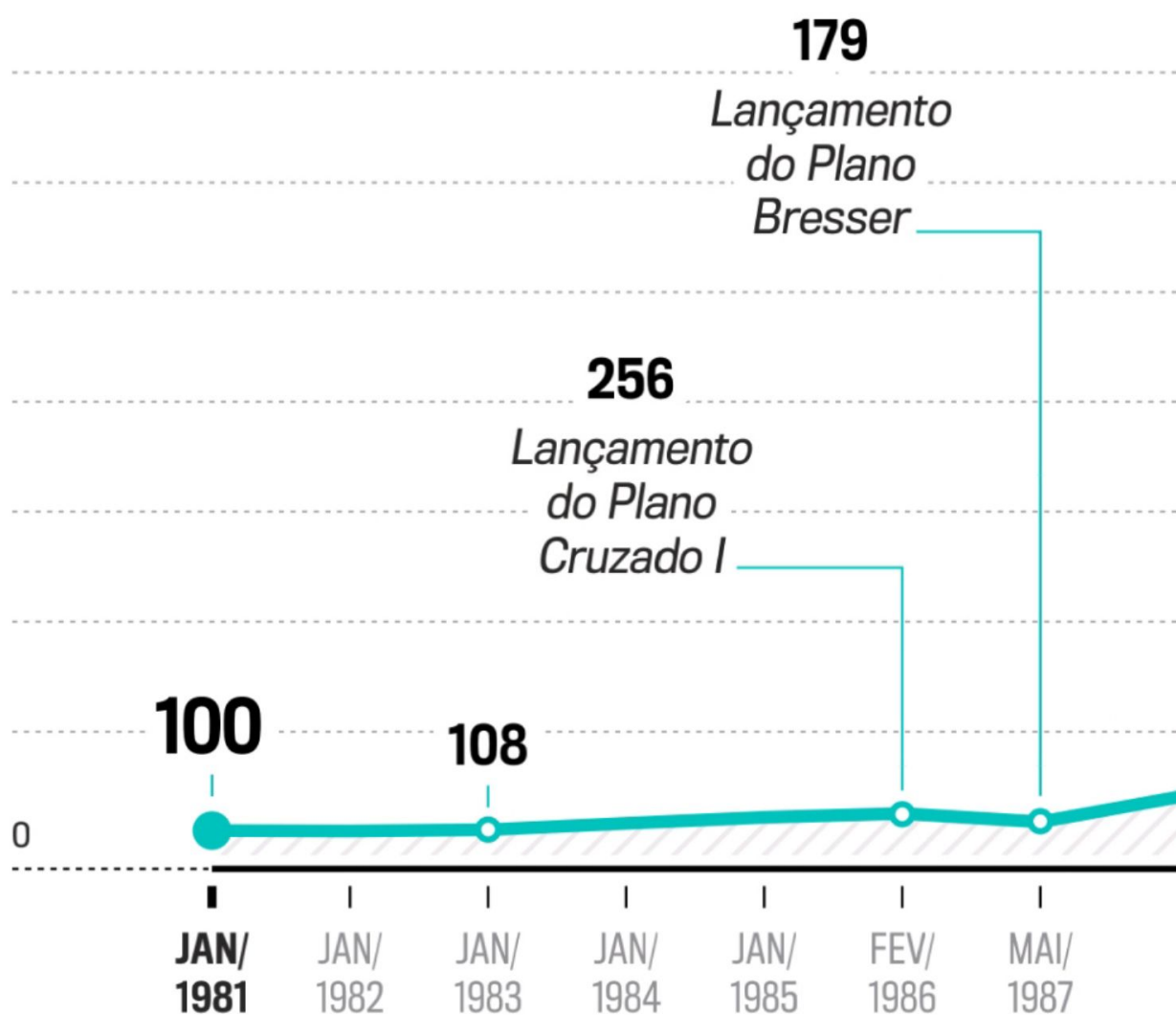
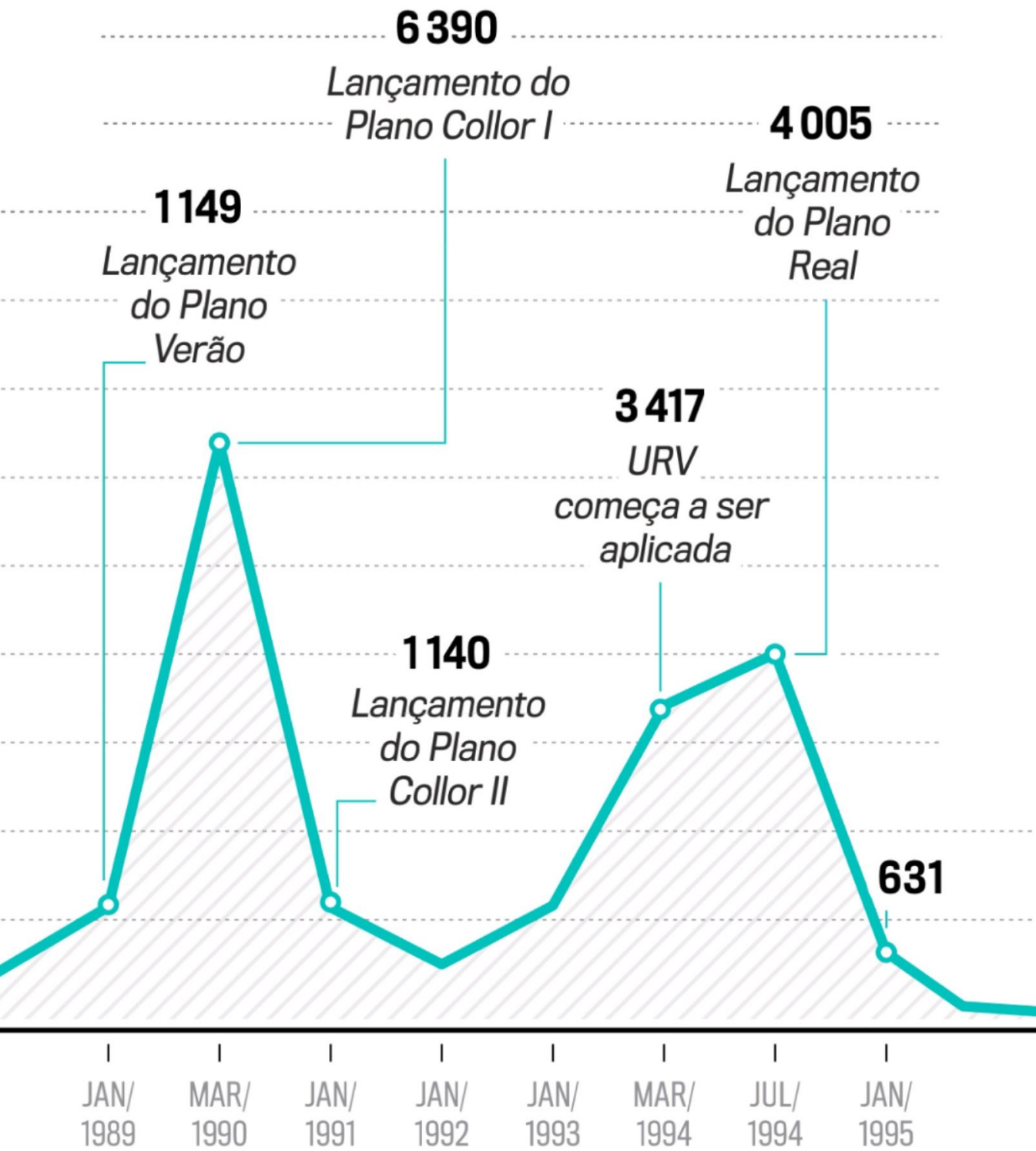
CAPA: MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM IMAGENS DE IA CANVA.COM, FREEPIK.COM

A edição de VEJA publicada na semana de 29 de junho de 1994 — a última antes de a mais nova moeda, o real, entrar em circulação — apresentou uma reportagem especial de doze páginas sobre o assunto. O texto buscava, nos detalhes do cotidiano, os sinais que apontassem se o plano daria certo ou se seria apenas o próximo a fracassar, como tantos outros haviam sucumbido à dura realidade do país. Se tiver dinheiro na poupança, não saque agora, informava a publicação da época. Deixe para comprar dólar depois e, nos supermercados, espere para ver se os preços baixam, foram outras sugestões. "Este plano é tecnicamente muito melhor do que os outros", disse o ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen em entrevista às Páginas Amarelas da semana seguinte. A avaliação de Simonsen foi premonitória. O Plano Real, de fato, representou a mais bem-sucedida cruzada econômica da história do Brasil, um ponto de virada que exterminou a hiperinflação do período, trouxe estabilidade monetária e permitiu, com o passar dos anos, que milhões de brasileiros passassem a levar uma vida melhor.

O anúncio do Real disputou a audiência e a ansiedade dos brasileiros com a Copa do Mundo nos Estados Unidos, onde a seleção lutava para reconquistar o título após 24 anos de derrotas. Na seara monetária, o clima, desde os economistas e empresários até os trabalhadores e as donas de casa, era uma mistura de esperança com descrença, situada entre a promessa de um projeto maduro e as traumáticas

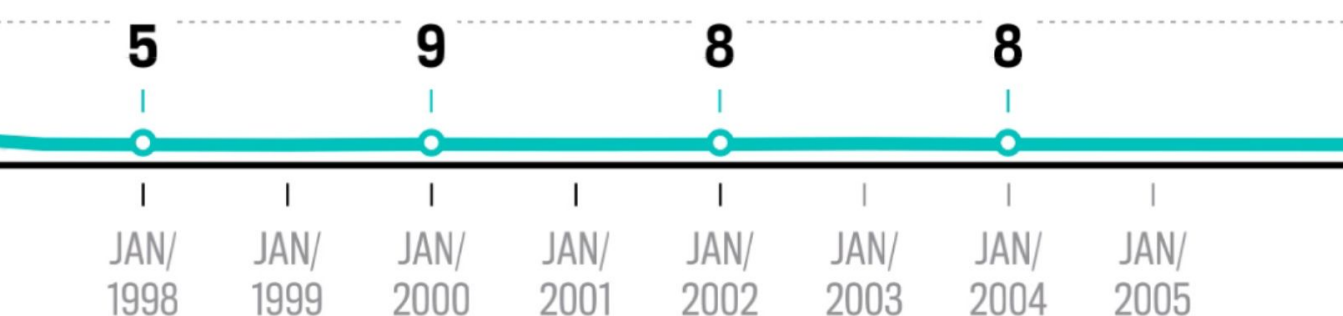
DRAGÃO DOMADO

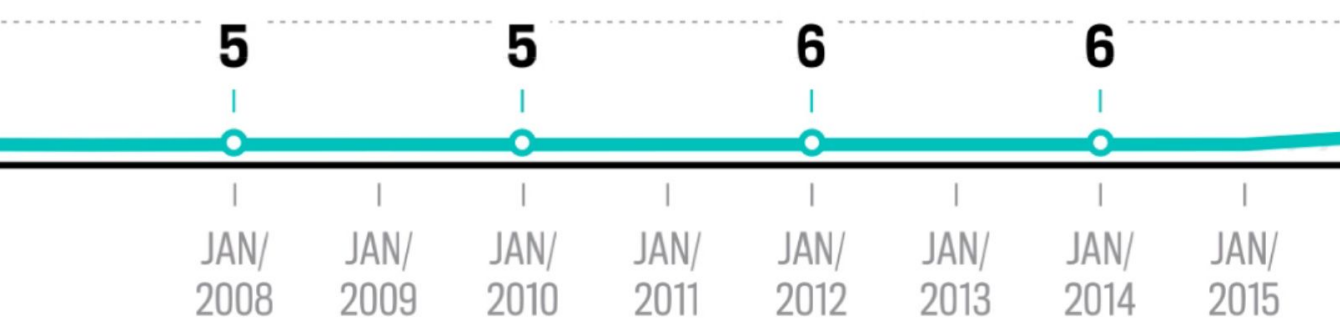
A evolução da inflação em 12 meses desde 1981 (em %)

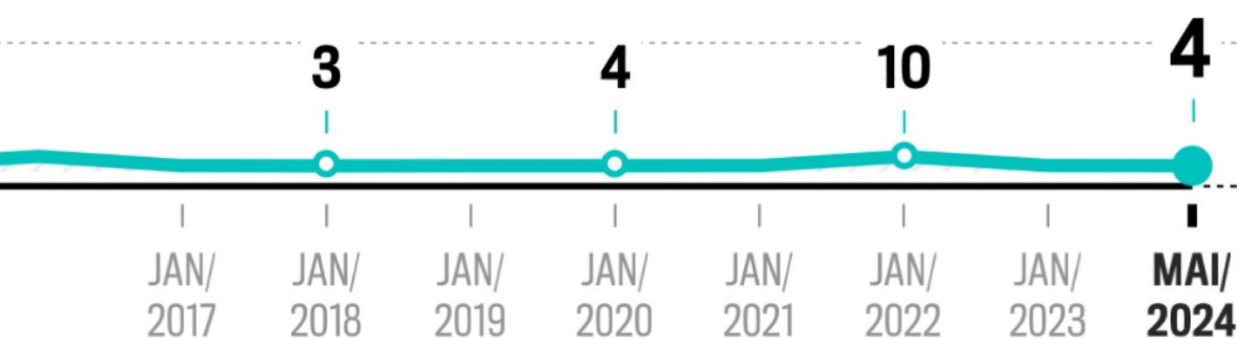
6 390
Lançamento do Plano Collor I
4 005
Lançamento do Plano Real
1 149
Lançamento do Plano Verão
3 417
URV começa a ser aplicada
1 140
Lançamento do Plano Collor II
631
JAN/ 1989
MAR/ 1990
JAN/ 1991
JAN/ 1992
JAN/ 1993
MAR/ 1994
JUL/ 1994
JAN/ 1995

frustrações das tentativas anteriores. Numa campanha de cinco vitórias, dois empates, uma prorrogação e uma angustiante decisão nos pênaltis, o tetracampeonato da seleção brasileira chegou, finalmente, em 17 de julho. No caso do Real, a vitória começou a ser construída em 1º de julho de 1994, quando a moeda estreou, e seus efeitos positivos são sentidos até hoje.

Às vésperas de completar trinta anos, o real é a moeda mais longeva de todas as oito que o Brasil teve desde o fim do mil-réis, em 1942. Quando entrou em circulação, a alta dos preços beirava os 50% ao mês. Ao fim de julho, tinha se reduzido a 6% e, um ano depois, a 2%. Por mais que manter a inflação na meta e ter juros baixos continuem a ser desafios atuais, não há nada que se compare ao ritmo frenético de ajustes diários de preços com que o Brasil convivia antes da chegada do real. Diversas séries econômicas nem sequer

5 9 8 8

JAN/1998 JAN/1999 JAN/2000 JAN/2001 JAN/2002 JAN/2003 JAN/2004 JAN/2005

têm dados estruturados anteriores a 1994, como é o caso até mesmo do produto interno bruto. É como se uma parte inteira do país só tivesse começado a partir dali. “Precisávamos de um novo padrão monetário duradouro e saudável, e foi isso o que o Real fez”, diz Gustavo Franco, um dos titulares da equipe do governo Itamar Franco e de seu ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. “Mas o Real não encerra a história econômica do Brasil. Resolvemos um grande problema, mas muitos outros persistem.”

Fernando Henrique ocupava o cargo de ministro das Relações Exteriores quando foi convocado por Itamar para a Fazenda em maio de 1993 — seria o quarto titular da pasta em sete meses. Com ele, viriam Pedro Malan, colocado na presidência do Banco Central em setembro, e uma equipe de economistas notáveis que, além de Gustavo Franco, incluía André Lara Resende, Pérsio Arida, Edmar Bacha, Winston

Fritsch e Murilo Portugal. A primeira grande missão do grupo era combater os aumentos galopantes dos preços. A segunda, fazer isso sem repetir os planos anteriores, fundados em congelamentos e confiscos que, como se sabe, falharam. "Era muito difícil ter controle de qualquer coisa que estávamos vendendo e até mesmo dos lucros", afirma Carlos Correa, diretor-geral da Associação Paulista de Supermercados e que, há trinta anos, era gerente de compras em uma rede de varejo. "O real mudou tudo, permitiu que aumentássemos o sortimento e a variedade de produtos."

A hiperinflação brasileira foi resultado de desastres cultivados por décadas. Começa com a máquina de imprimir dinheiro com que Juscelino Kubitschek fez Brasília, se estendeu com as correções automáticas criadas na ditadura militar e chegou à década de 1980 já tomando forma de avalanche. "A inflação é agora essencialmente inercial, isto é, os

Fontes: *IPCA/IBGE e Banco Central*

preços sobem hoje porque subiram ontem", foi o diagnóstico de Lara Resende em um artigo escrito a quatro mãos com o colega Pérsio Arida em 1984. O famoso "Larida", como o projeto da dupla ficou conhecido, já tinha sido rejeitado nas rodadas anteriores, mas acabaria resgatado como a base teórica do Plano Real. "Era uma ideia tão revolucionária que ninguém topou usar antes", diz o ex-ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega, que participou dos planos na Presidência de José Sarney.

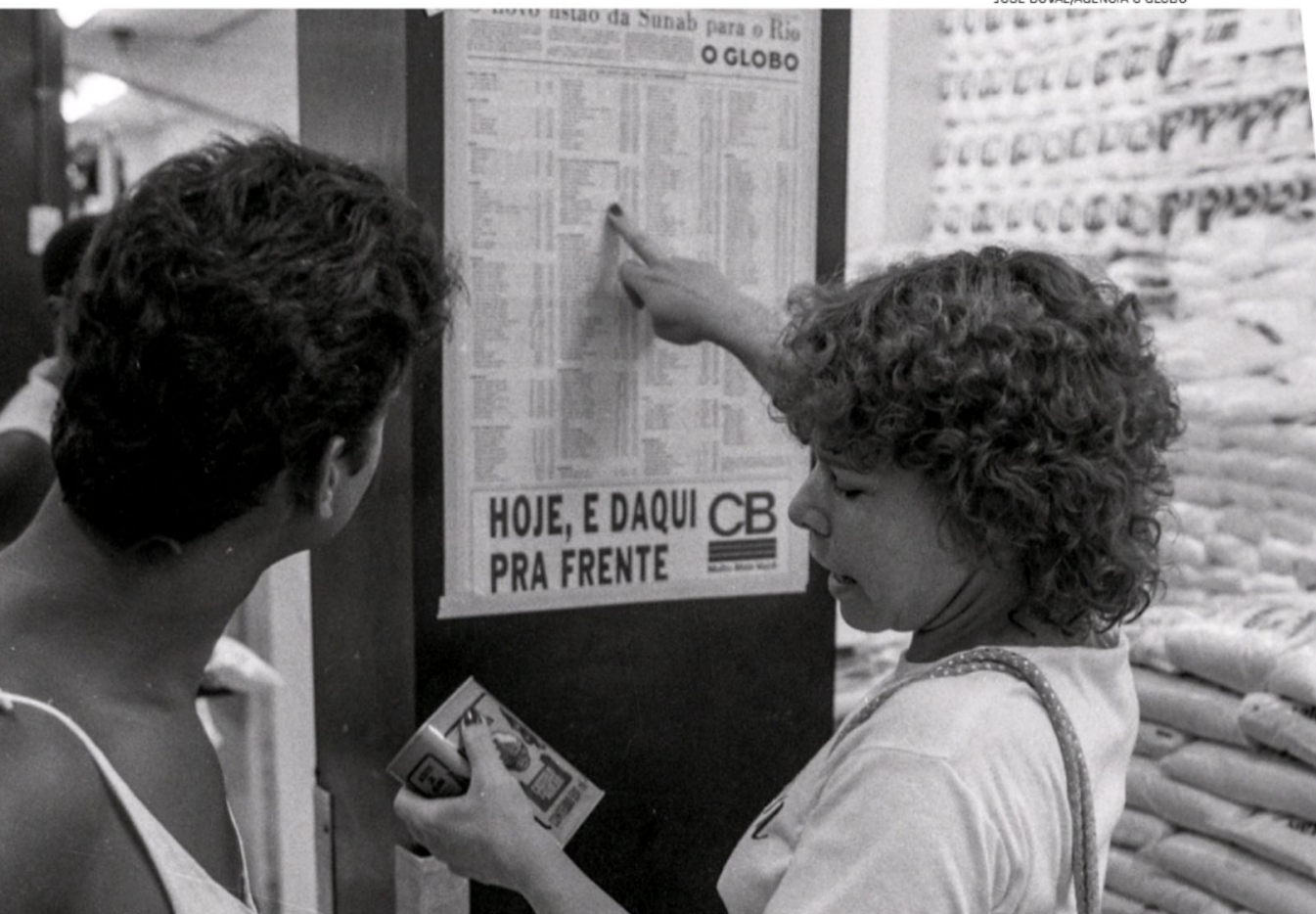
A tese propunha indexar a moeda podre a uma referência fixa, paralela e com lastro próprio, numa espécie de taxa de câmbio imaginária. Foi o que, em 1994, virou a Unidade Real de Valor (URV), a moeda virtual que precificou o cruzeiro nos quatro meses de transição até o real. "O grande diferencial do plano é que ele não interveio nos contratos privados e teve uma preocupação muito grande de comunicação com a sociedade", diz Gustavo Loyola, presidente do Banco Central de 1995 a 1997. Em 1º de julho, os preços em cruzeiros deixaram de existir, os valores em URV foram convertidos para reais e o real, por fim, se tornou a nova e única moeda em circulação. Com a moeda velha, desaparecia também a hiperinflação intrínseca a ela e a toda a estrutura de vícios que representava.

Para que a nova configuração desse certo, um participante teve papel essencial: o câmbio. Originalmente, optou-se pelo câmbio fixo, já que ele permitia um melhor controle da inflação ao equiparar o valor do dólar ao do

SÉRGIO MARQUES/AGÊNCIA O GLOBO

IDEIA REVOLUCIONÁRIA Equipe que formulou o Real: plano vitorioso após uma sequência de tentativas fracassadas

real, tornando a moeda brasileira mais estável e forte — ainda que artificialmente. No entanto, quando havia fuga de capitais do país, o Banco Central era forçado a vender dólares no mercado para compensar o que estava saindo e manter a taxa de câmbio na paridade fixada. É aí que residia o problema: a medida de paridade fixa esgotou as reservas internacionais e obrigou o país a recorrer a um financiamento externo, junto ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

JOSÉ DOVAL/AGÊNCIA O GLOBO

FRUSTRAÇÃO "Fiscais do Sarney": os controles de preços nunca deram certo

Nesse ponto, o Brasil flertava com a recessão. "O FMI ficava nos fiscalizando, dizendo o que o Brasil poderia fazer ou não", afirma Henrique Meirelles, presidente do Banco Central durante os dois primeiros governos de Luiz Inácio Lula da Silva, de 2003 a 2010. "Eu tive a satisfação de assinar o cheque quitando a nossa dívida com o FMI. A reserva permitiu que o Brasil se estabilizasse, enquanto as crises posteriores foram internas e fiscais."

O combate à hiperinflação foi a coroação do Plano Real, mas diversas outras reformas eram necessárias para permitir

EGBERTO NOGUEIRA

SISTEMA ENGENHOSO Preços em URV: a transição de moeda funcionou

o controle de preços. Por isso, um conjunto amplo de propostas, empacotado em 63 emendas à Constituição, foi enviado pelo governo ao Congresso — uma tentativa frustrada, já que quase nada foi aprovado. “A ideia era transformar a Constituição, que era social e estatista, em um texto social-liberal, mas não passou”, recorda Edmar Bacha. “Esse é o copo meio vazio do nosso trabalho, com reformas que discutimos até hoje e poderiam ter sido feitas lá atrás.” Bacha, Franco e Malan lançaram neste mês o livro *30 Anos do Real*

— *Crônicas no Calor do Momento*, pelo aniversário do plano e da moeda.

Antecessor de Meirelles, Arminio Fraga assumiu o comando do BC na chegada do segundo governo de Fernando Henrique, convencido da necessidade de replicar modelos praticados em outros lugares do mundo. Por isso, instituiu, em janeiro de 1999, a mudança do câmbio fixo

LONGEVIDADE

Nos 82 anos desde o fim do mil-réis, o Brasil teve 8 moedas diferentes — e o real já é a mais duradoura delas

1942

Cruzeiro (Cr$)
25 anos

Cruzeiro (Cr$)
16 anos

1967
1970

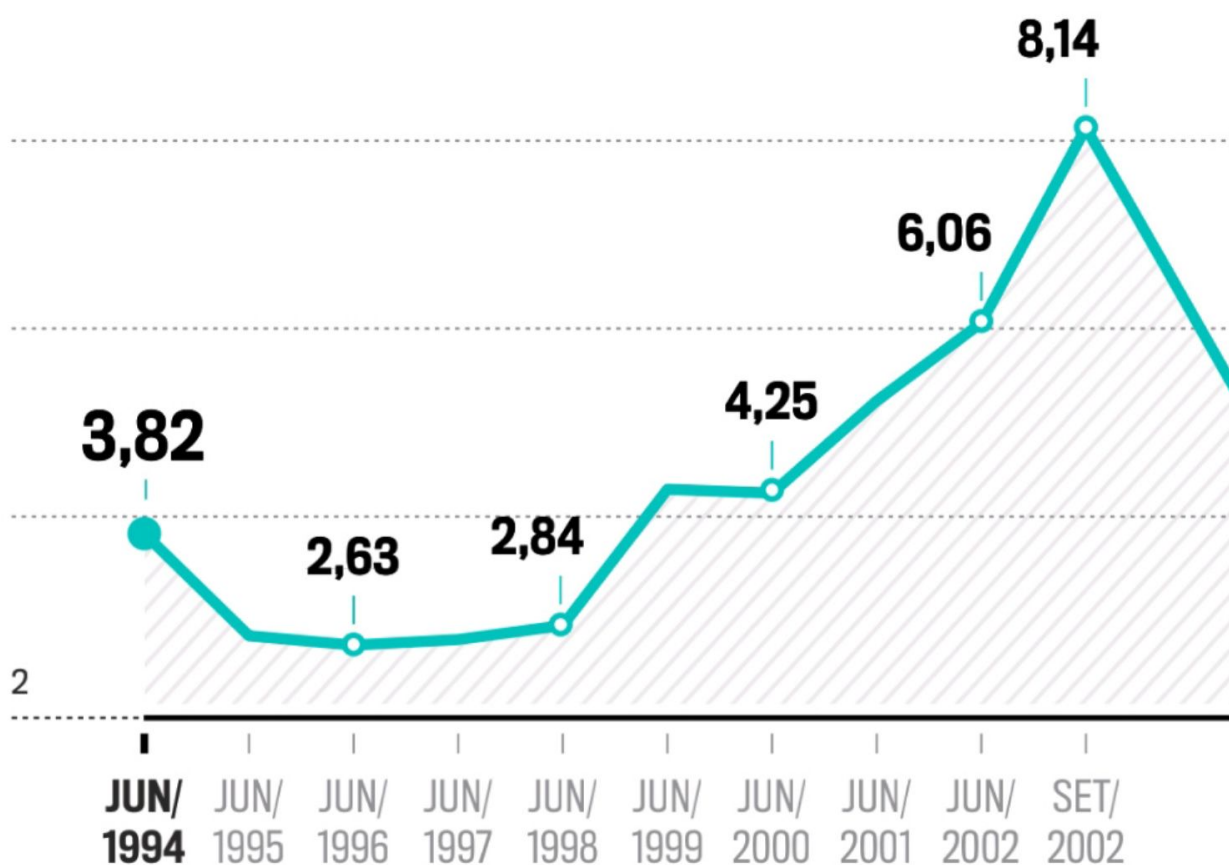
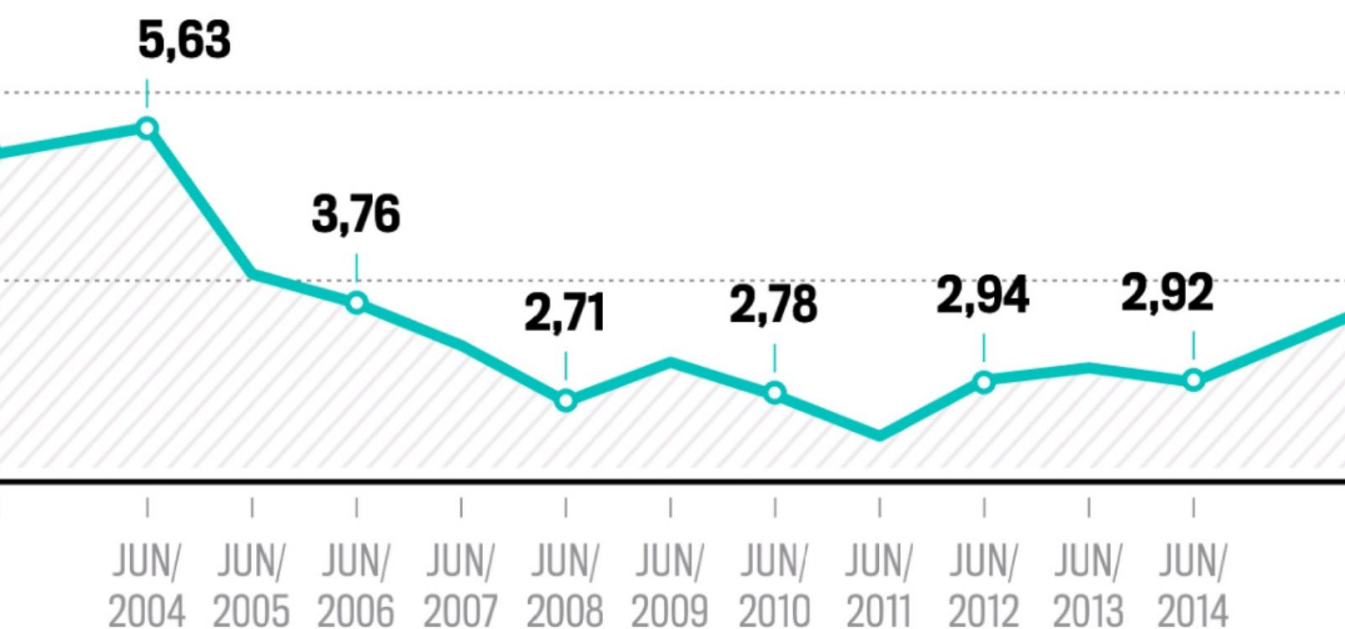
Cruzeiro Novo (NCr$)
3 anos

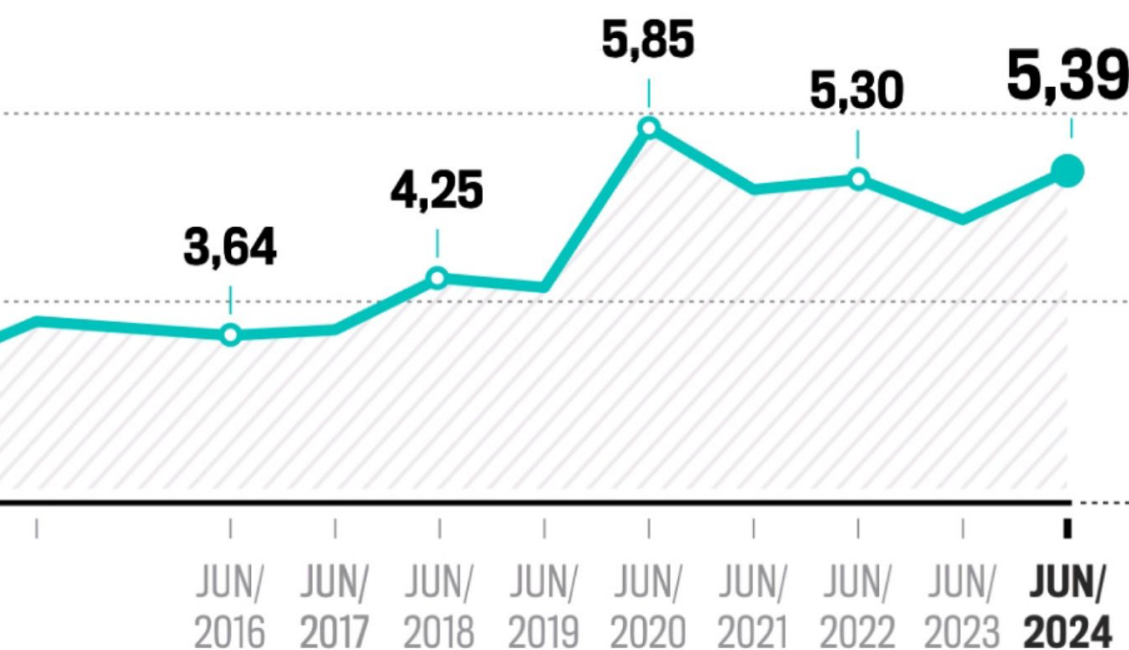
BANCO CENTRAL DO BRASIL
100
CEM CRUZADOS NOVOS
BANCO CENTRAL DO BRASIL
50000
CINQÜENTA MIL CRUZEIROS REAIS
Cruzado Novo (NCz$)
1 ano
Cruzeiro Real (CR$)
11 meses
1986
1989
1990
1993
1994
Cruzado (Cz$)
3 anos
Cruzeiro (Cr$)
3 anos
BANCO CENTRAL DO BRASIL
1000
MIL CRUZADOS
BANCO CENTRAL DO BRASIL
10000
DEZ MIL CRUZEIROS

para o flutuante dentro do chamado tripé macroeconômico. Além do novo regime cambial, o tripé estabeleceu metas de inflação e metas de superávit primário, ou seja, o resultado positivo na balança entre receitas e despesas do governo. “O trabalho de transição foi o maior desafio, porque as expectativas de inflação na época oscilavam entre 20% e 50%”, afirma Fraga. “Nosso receio era de que, se a inflação de fato acabasse nesse nível, a indexação voltaria, e estaríamos na estaca zero.”

Fonte: *Banco Central*

O PREÇO DA MOEDA

A cotação do real em relação ao dólar, ajustada pela inflação (em reais)

Do Plano Real ao tripé macroeconômico, o Brasil fez a lição de casa. Em uma frente, a taxa de câmbio deu lugar à taxa de juros como instrumento de controle da inflação. Em outra, o BC passou a perseguir metas de inflação, em um trabalho bem reconhecido até aqui. A frente fiscal, contudo, é uma fraqueza que persistiu ao longo de trinta anos. Prova disso é a dificuldade do governo atual para cumprir as metas de equilíbrio de suas contas. Na decisão mais recente, o governo abandonou o superávit e se comprometeu a zerar o déficit primário apenas em 2026, além de sucessivamente mandar a mensagem de que

gastos são sinônimo de investimento — quando, na verdade, são aliados de primeira hora da inflação. “A estabilidade econômica foi só o começo”, diz Rubens Ricupero, que assumiu o Ministério da Fazenda em março de 1994, quando FHC se afastou para concorrer à Presidência, e foi o responsável por colocar as novas notas de real na rua. “Ela é a base do monumento, mas, em cima disso, há uma série de outras coisas por fazer. E a obra da responsabilidade fiscal o Brasil não completou até hoje.”

Não é só a atribulada agenda fiscal que hoje está no foco dos investidores e economistas. Para que o Brasil tenha infla-

Fonte: *Alex Agostini/Austin Rating*

RAPHAEL RIBEIRO/BCB

GUARDIÕES DA MOEDA Diretoria atual do Banco Central: a independência da autarquia ainda é uma questão em aberto

ção e juros de países desenvolvidos, é preciso endossar a independência do BC. Na última decisão de juros, na quarta-feira 19, a autoridade manteve, por unanimidade, a taxa Selic em 10,5%, reforçando a visão do mercado de que o BC atual age de forma técnica — e contrariando o desejo do presidente Lula, que subiu o tom *(leia a reportagem "A grande encrenca")* e abriu uma crise de confiança sobre o futuro da autarquia com a saída, no fim do ano, de Roberto Campos Neto do comando do BC. "A escolha do presidente do BC será reveladora da sabedoria política do governo", diz Gustavo Franco. Há trinta anos, com o Plano Real, o Brasil superou uma de suas maiores mazelas — a hiperinflação. Agora, é preciso encontrar novas soluções para vencer outros velhos problemas. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

A MÁ IDEIA DA CESTA BÁSICA

Sua inclusão na reforma tributária é um passo atrás

ENTRE AS MUITAS exceções da reforma tributária, a maioria em favor de grupos de interesse, figura uma regra de baixa justificativa: a da cesta básica de alimentos. Ela tende a beneficiar as classes mais ricas e a elevar o lucro das empresas que comercializam os respectivos produtos.

Anos atrás, quando a cesta foi criada na Europa, parecia fazer sentido reduzir ou eliminar impostos que sobre ela incidiam. Beneficiaria as classes menos favorecidas, minimizando a regressividade dos impostos sobre o consumo (os pobres despendem, na cesta, uma proporção relativamente maior de sua renda). O pressuposto básico era o repasse integral do benefício aos consumidores.

Acontece que os ricos consomem basicamente os mesmos itens da cesta, em maior quantidade e a preços mais altos. O resultado é que eles se apropriam muito mais dos benefícios. Quanto mais se amplia a cesta, mais os ricos ganham, mais aumenta a complexidade da tributação e mais se reduz a produtividade. Finalmente, as empresas

repassam apenas parte do benefício aos preços, elevando seus lucros.

Daí surgiu uma segunda saída. Em lugar da redução dos impostos, a regressividade poderia ser enfrentada via orçamento público, mediante programas sociais. Isso não avançou muito, por dificuldades práticas ou por questões de economia política. É difícil convencer os políticos e a sociedade da inconveniência do uso de impostos sobre o consumo com objetivos distributivos, ainda que isso seja verdadeiro. Ou de que haja instrumentos mais eficientes.

A solução veio com o avanço da tecnologia, que viabilizou a "devolução personalizada" do imposto, o cashback. O imposto é devolvido ou descontado no momento em que a compra é efetuada. O método é aplicado com sucesso no Equador, no Uruguai e no Rio Grande do Sul.

"O cashback, ou devolução de imposto, é a melhor forma de limitar o benefício aos menos favorecidos"

Além da inequívoca vantagem operacional e social do cashback, seus beneficiários prestam um serviço ao país. Ao terem de exigir a nota fiscal para gozar do benefício, isso mitiga a sonegação, tornando desnecessário o aumento de alíquotas para compensar as respectivas perdas tributárias. Em localidades em que não seja possível cumprir esses requisitos, o projeto de lei de regulamentação da reforma tributária cria uma válvula de escape, por meio de um cálculo simplificado da devolução.

Diante dessa realidade favorável, o Congresso teria tudo para resistir aos lobbies em torno da cesta básica, inclusive os que defendem a medida por miopia ou desinformação. A saída seria não regulamentar a cesta, permitindo que o cashback funcionasse plenamente.

É pouco provável, todavia, que os parlamentares adiram a essa proposta. Desse modo, resta a esperança de que, nas próximas revisões da reforma, o funcionamento da cesta básica venha a provar sua inconveniência. Uma das grandes inovações da reforma foi a regra pela qual as normas sejam revistas a cada cinco anos. Teremos a oportunidade de optar pelo cashback, que é a melhor forma de limitar a redução de impostos apenas aos segmentos menos favorecidos. ■

A GRANDE ENCRENCA

O Brasil tem uma lista enorme de problemas, como apontou o ministro Fernando Haddad. O que ele não disse é que uma parte deles é provocada pelo seu próprio governo **HUGO MARQUES**

AJUSTE FISCAL Lula e Fernando Haddad: o presidente e o ministro divergem quando o assunto é cortar despesas

BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

O MINISTRO DA FAZENDA, Fernando Haddad, vive dias conturbados. Estrela de um ministério apagado, ele foi desautorizado pelo presidente da República, viu a relação com o Congresso se desgastar após a devolução da medida provisória que restringia o uso de créditos tributários pelas empresas e esteve no centro de uma onda de boatos sobre sua permanência no governo. O cenário assustou os investidores, derrubou a bolsa de valores e elevou a cotação do dólar, que atingiu o maior valor desde janeiro de 2023 — sinais que, combinados, indicam que há algo muito errado acontecendo. Em meio a essa turbulência, no sábado 15 o ministro participou como convidado de um evento em São Paulo. Falando para uma plateia de empresários, fez uma avaliação interessante sobre o país. O Brasil, segundo ele, é "uma encrenca", um lugar "difícil de administrar", e quem pode fazer a diferença, ou seja, quem ocupa posições de poder, muitas vezes não faz "a coisa certa" e "nem sempre está pensando no interesse público".

A crítica do ministro era dirigida ao Congresso e aos empresários, mas o diagnóstico caberia muito bem ao Executivo. Em um ano e meio de governo, Haddad tem sido uma espécie de cavaleiro solitário na tentativa de equilibrar as contas públicas — desafio que está na raiz do cenário turbulento e de muitas encrencas que realmente tornam o Brasil um país difícil de administrar. Não há mais espaço para aumento de impostos, o que torna a austeridade a única alternativa. Depois da confusão provocada pela

GABRIEL SILVA/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

ALVO ERRADO Lula sobre Campos Neto: "A quem este rapaz é submetido?"

devolução da medida provisória do PIS/Cofins,, Haddad se reuniu com a ministra do Planejamento, Simone Tebet, em busca de uma saída para o impasse. "Nós temos agora um dever de casa sobre o lado da despesa. Se os planos A, B, C e D já estão se exaurindo para não aumentar a carga tributária pela receita, sob a ótica da despesa, nós temos os planos A, B, C e D, que estão sendo formulados", disse Tebet. A ministra também pode ser incluída na categoria das pessoas que tentam fazer a coisa certa. Mas, ao que parece, ela está no grupo das exceções.

TON MOLINA/FOTOARENA

COISA CERTA Simone Tebet: "Não há mais espaço para aumento de impostos"

Dias depois, o presidente Lula até reconheceu a necessidade de cortar gastos, mas disse que existe uma "divergência profunda" sobre o que ele considera gasto e investimento. A seu modo, ele tentou explicar: "Tem uma coisa na minha vida que eu sempre prezei muito: primeiro, eu não gosto de gastar aquilo que eu não tenho, aprendi com uma mulher analfabeta, que era minha mãe. 'Você não pode gastar o que você não tem, você só pode gastar o que você ganha. Se você tiver que fazer uma dívida, você tem que fazer uma dívida para aumentar alguma coisa na vi-

JOÉDSON ALVES/AGÊNCIA BRASIL

ATIVISMO Equipe apagada: muitos dos problemas do governo são criados pelos próprios ministros

da.' É assim que eu prezo a minha consciência política. Nós temos que gastar corretamente aquilo que nós temos, e é por isso que nós estamos fazendo um estudo muito sério sobre o Orçamento", disse em entrevista à rádio CBN. Não conseguiu ser muito claro. Na sequência, disparou críticas contra os empresários, contra o Congresso e, principalmente, contra o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto.

Lula disse que a economia do Brasil vai bem. A única "coisa desajustada" é a taxa de juros, que estaria alta por

CRIS FAGA/NURPHOTO/GETTY IMAGES

INCERTEZA Bolsa de valores: cenário instável tem afugentado os investidores

causa da autonomia do Banco Central, que seguiria orientação política e trabalharia contra os interesses do país. "É preciso baixar a taxa de juros compatível com a inflação. A inflação está totalmente controlada. Fica se inventando discurso de inflação do futuro, o que vai acontecer", ressaltou o presidente, antes de partir para o ataque a Campos Neto. "Um presidente do Banco Central que não demonstra nenhuma capacidade de autonomia, que tem lado político e que, na minha opinião, trabalha muito mais para prejudicar do que para ajudar o país. Não tem explicação a

taxa de juros do jeito que está", analisou. "A quem esse rapaz é submetido? Como vai a festa em São Paulo quase assumindo candidatura a cargo no governo de São Paulo? Cadê a autonomia dele?", acrescentou, referindo-se a um evento de que o presidente do BC participou recentemente na companhia do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas. Feitas às vésperas de uma das reuniões mais importantes do Comitê de Política Monetária — que, como se previa, interrompeu um ciclo de cortes de juros, com a manutenção da taxa em 10,5% ao ano —, as insinuações de Lula, além de tentarem constranger os integrantes do Copom, tinham o claro objetivo de transferir para o BC a responsabilidade pela encrenca em que o governo se meteu ao negligenciar o ajuste fiscal.

É público que, enquanto o ministro da Fazenda busca alternativas para tentar equilibrar as contas, o chefe da Casa Civil, Rui Costa, trilha o caminho inverso. Por trás desse paradoxo, há divergências de opiniões, mas também interesse eleitoral. Os dois petistas se apresentam como candidatos à sucessão de Lula em 2030 ou em 2026, caso o presidente decida não concorrer à reeleição. Aplicado o diagnóstico de Haddad, Rui Costa poderia perfeitamente ser listado entre aqueles que "não fazem a coisa certa" e "nem sempre pensam no interesse público". Costa defende o abrandamento das metas fiscais, sabendo que a tarefa de equilibrar o Orçamento, embora necessária, vai gerar atritos com setores influentes da atividade econômica, inevitá-

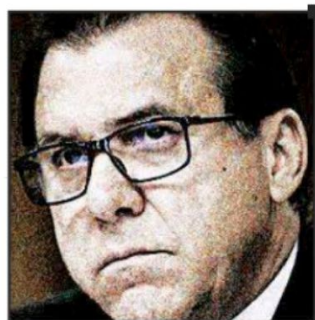
OUTRAS ENCRENCAS

Não é só na economia que o governo acumula problemas criados a partir de ideias retrógradas, propostas populistas, promessas não cumpridas, leniência e inoperência

PREVIDÊNCIA SOCIAL

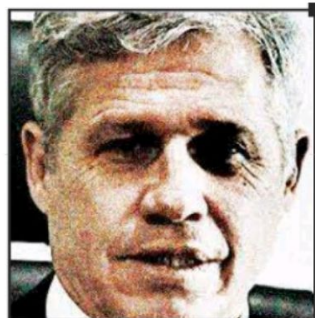
O ministro **Carlos Lupi** prometeu zerar no ano passado a fila de mais de 1 milhão de segurados do INSS e agilizar o atendimento para novas aposentadorias. Conseguiu, por enquanto, apenas aumentar em mais 300 000 pessoas o contingente de espera em relação a dezembro de 2022

TRABALHO

Algumas leis trabalhistas são consideradas arcaicas, dificultam o empreendedorismo e precisam ser modernizadas. Na contramão, o ministro **Luiz Marinho** propôs recriar a contribuição sindical e insiste em estabelecer regras para o funcionamento de aplicativos

PORTOS E AEROPORTOS

O governo anunciou há mais de um ano um programa que reduziria o preço das passagens aéreas para 200 reais. A medida, que beneficiaria aposentados e estudantes, foi adiada recentemente pelo ministro **Silvio Costa Filho** pela terceira vez

DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

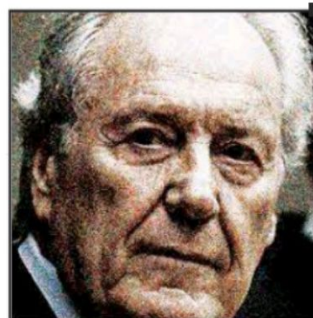
O ministro **Paulo Teixeira** abriu as portas do governo ao MST como estratégia para tentar mitigar as ações hostis do grupo. Líderes do movimento passaram a ocupar postos-chave na pasta, mas as invasões de terra, ao invés de diminuir, aumentaram 213%

MEIO AMBIENTE

Marina Silva assumiu o cargo de ministra como garantia de que o Brasil priorizaria a preservação das florestas e outros biomas. Este ano o país lidera o ranking das queimadas na América do Sul. Os incêndios aumentaram no Pantanal, Amazônia, Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado

COMUNICAÇÕES

A pasta controla concessões de rádio e televisão e tem projetos ambiciosos de levar a internet a todas as escolas públicas, tarefa que cabe ao ministro **Juscelino Filho,** indiciado pela polícia por corrupção ativa, lavagem de dinheiro e organização criminosa

JUSTIÇA

A segurança pública é uma das principais preocupações dos brasileiros, mas o ministro **Ricardo Lewandowski** defende um genérico "SUS da Segurança Pública", para facilitar a troca de informações entre polícias, e até hoje não apresentou planos para conter os índices de violência

POVOS INDÍGENAS

Anunciada como prova do compromisso de priorizar a proteção dos povos originários, a ministra **Sonia Guajajara** assumiu o cargo em meio a disputas entre garimpeiros e indígenas. Com poucos meios à disposição, as mortes de ianomâmis cresceram quase 6% no ano passado

veis embates com o Congresso e pode resultar, num primeiro momento, em impopularidade — tudo o que Lula se esforça para evitar. A encrenca entre os dois ministros rende intrigas, troca de acusações e ruídos que ampliam o nível de desconfiança em relação ao governo.

Há outros integrantes do Executivo dando sua parcela de contribuição para fazer do Brasil "um lugar difícil de administrar". São autores de propostas populistas, projetos retrógrados, promessas não cumpridas, trapalhadas, leniência e omissão em áreas importantes. Combinadas com o enrosco econômico, formam um conjunto respeitável de encrencas que precisam ser enfrentadas *(veja o quadro)* por quem ocupa posição de poder. Vacilante e ambíguo em suas declarações sobre a real disposição de promover o ajuste fiscal necessário, o presidente, segundo consta, teria sido bem mais contundente sobre o tema numa reunião reservada que teve com Fernando Haddad e Simone Tebet no Palácio do Planalto. Teria, inclusive, cobrado dos ministros um plano de ação detalhado. É um bom sinal, que aponta na direção de fazer a coisa certa, sem deixar de lado o interesse público, como deve ser. ■

DERROTA À VISTA

Rishi Sunak sabe o que o aguarda na eleição de 4 de julho: perder feio para os trabalhistas. Só lhe resta esperar que a queda da inflação e medidas anti-imigrantes amenizem o baque

ERNESTO NEVES

MAL NA FOTO Sunak: seu partido, em pé de guerra interna, está na rabeira das pesquisas eleitorais

LAURENT CIPRIANI/AP/IMAGEPLUS

Sitiado no célebre número 10 da Downing Street, a rua de Londres onde ficam a casa e o gabinete do primeiro-ministro, o britânico Rishi Sunak, 44 anos, olha para o futuro com desalento: ao que tudo indica, os resultados da eleição que ele mesmo antecipou para o dia 4 de julho serão devastadores para seu partido, o Conservador, há catorze anos no poder. Tirando alguma dramática reviravolta ou um erro grosseiro de todas as pesquisas eleitorais, a votação deve consagrar seu maior rival, o ex-procurador e advogado especializado em direitos humanos Keir Starmer, 61, líder do Partido Trabalhista, como próximo dirigente do país. Como desgraça pouca é bobagem, levantamento divulgado nos últimos dias pelo instituto YouGov colocou não só os trabalhistas com 37% dos votos, abrindo vantagem de quase 20 pontos percentuais sobre os conservadores — diferença extraordinária para os padrões britânicos —, como alçou o nanico Reform UK ao segundo lugar, com 19%, puxado pelo inesperado anúncio da candidatura de Nigel Farage, ultranacionalista que liderou a campanha do Brexit. Aos *tories*, como são chamados os conservadores, restou a humilhante terceira colocação, com 18%.

Por que, em cenário tão desfavorável, Sunak resolveu antecipar as eleições programadas inicialmente para o fim do ano? Segundo especialistas, por desespero — se arrastasse a agonia, seu partido iria sangrar mais ainda. O primeiro-ministro aproveitou a volta da inflação ao aceitável patamar de 2% em maio (eram 11% em 2022, quando ele

KIN CHEUNG/AP/IMAGEPLUS

IMPULSO Keir Starmer: empurrado ao topo pela insatisfação da população

assumiu, a maior em quarenta anos) e a dificultosa aprovação de seu projeto anti-imigração, calcado na deportação de indesejáveis para Ruanda, para convocar uma eleição em que a derrota é certa, na esperança de se sair um pouco melhor do que indicam as pesquisas e evitar um vexame total. Uma aposta de alto risco, que espelha o fracionamento do partido devido a brigas internas e o descontentamento geral com sua atuação. “Cansados da turbulência nos últimos anos, os britânicos estão ansiosos por mudanças”, diz Edmund Neil, professor de história moderna da Universidade Northeastern, de Londres. Muito ansiosos, sem dúvida as pesquisas mostram que, para 73% dos britânicos, “é hora de mudar”.

Socialista militante convertido em parlamentar pragmático, famoso por mudar de opinião conforme os interesses do momento (apelido: Camaleão), sir Keir Starmer assumiu o comando dos trabalhistas em 2019 por ser o exato oposto do então líder Jeremy Corbyn, um ultraesquerdista frequentemente acusado de antissemitismo, que levou o partido a sua pior derrota eleitoral em oitenta anos. Uma vez na liderança, Starmer tratou de expurgar as alas à esquerda, direcionou a sigla para o centro e abraçou bandeiras do outro lado particularmente caras ao eleitorado, como a repressão à imigração ilegal. “Tenho muito orgulho de ter transformado o partido para colocá-lo novamente a serviço dos trabalhadores”, diz. O mote da campanha trabalhista, no entanto, consiste em desancar os conservadores — o que não é difícil.

No Serviço Nacional de Saúde, que já foi um orgulho britânico e passou por seguidos cortes de verba nos governos conservadores, 40% dos pacientes aguardam mais de quatro horas por atendimento nos prontos-socorros e a internação em hospitais pode levar até doze horas. O Brexit, do qual a maioria dos apoiadores de 2016 hoje se arrepende, não trouxe o impulso esperado — pelo contrário, a economia estagnada reduz a produtividade a seu nível mais baixo desde a Revolução Industrial, a renda média dos britânicos é hoje 43% menor do que a dos americanos, a crise imobiliária faz com que o número de sem-teto no país seja o mais alto do mundo desenvolvido e o crescimento médio do PIB, do divórcio da União Europeia até 2025, deve ser de parco

0,8%. Responsáveis maiores pelo declínio, os conservadores se dividiram e uma ala mais à direita vive em pé de guerra com os colegas mais tradicionais. As brigas internas paralisaram e derrubaram governos — foram quatro em oito anos.

Estimativas apontam que até 64% dos 14 milhões de britânicos que optaram pelo Partido Conservador em 2019, quando o carismático Boris Johnson impôs uma fragorosa derrota aos adversários, agora podem votar nos trabalhistas. Nesse cenário, parece que o Reino Unido caminha na contramão da virada para a ultradireita do resto da Europa. O previsto avanço do Reform UK, porém, aponta que não é bem assim — o eleitorado britânico simplesmente não suporta mais os conservadores. Vem daí, provavelmente, a dianteira acachapante nas pesquisas dos trabalhistas de Starmer, cujo programa de governo desperta tão pouca empolgação quanto a sua pessoa. Os trabalhistas falam em trazer de volta o crescimento através de uma nova política industrial, marcada por subsídios e proteção contra a concorrência externa, mas não pretendem se desviar da austeridade em vigor e avisam que vão aumentar impostos — só garantem mesmo a manutenção do imposto de renda como está. “Starmer fez propostas realistas, semelhantes às dos conservadores”, diz Steven Fielding, professor de história política da Universidade de Nottingham. A se julgar pelas pesquisas, a essa altura, desde que o novo primeiro-ministro consiga domar o Parlamento e pôr o governo em movimento, é o que basta para os britânicos. ■

AGORA VAI?

Depois de suar para aprovar a Lei de Bases, mesmo em versão enxuta, o governo Milei dá a largada para valer e já se mexe para ampliar apoios e vingar no longo prazo **AMANDA PÉCHY**

LUDOVIC MARIN/AFP

A SORRIR Milei: altas negociações com a "casta" que dizia combater

DEPOIS DE UM DURO choque de realidade, em que viu seu plano de revirar política e economicamente a Argentina tropeçar e quase cair no Congresso, Javier Milei colheu, enfim, uma vitória decisiva no propósito de dar ao país as feições ultraliberais que deseja. Na quinta-feira 13, enfim, os senadores aprovaram a Lei de Bases, um pacote de medidas que, no conjunto, pretende reduzir a presença do Estado na economia, sanear as contas públicas e ampliar os poderes do Executivo. É verdade que a proposta, mais conhecida como Lei Omnibus (para todos, em latim), minguou de 664 para 238 artigos para poder vingar, o que ocorreu após espremidíssima votação: 36 votos contra, 36 a favor, cabendo à vice-presidente, Victoria Villarruel, o voto de minerva. Daí o apelido que a oposição se apressou a dar ao texto: "micro-ônibus".

O próximo movimento de Milei é se articular justamente com a "casta" que tanto desdenhou para alargar suas bases no pleito legislativo do ano que vem — hoje, seu nanico partido, o Liberdade Avança, conta com 38 de 257 deputados e sete dos 72 senadores. Dessas costuras depende o sucesso do projeto, um duelo de longo prazo. Os protestos do lado de fora do Congresso ajudam a dar os contornos dos obstáculos no horizonte do ocupante da Casa Rosada — por ora, ele registra popularidade na casa dos 50%, mas isso pode evaporar rapidamente, já que os cortes de benefícios e subsídios têm pesado no bolso. O próprio Milei, mantendo o tom megalômano, reconheceu ser só um começo. "É o primeiro passo para a recu-

LUCIANO ADAN GONZALEZ TORRES/ANADOLU/GETTY IMAGES

OS DESCONTENTES Protesto em Buenos Aires: uma fatia da população está sentindo o arrocho no bolso

peração da nossa grandeza", disse sobre o documento, que retornará à Câmara apenas para cumprir o rito.

Ajusta daqui, ajusta dali, o que sobrou da desidratada Lei de Bases não é pouco na direção de reconfigurar o Estado. No início, o presidente queria poder governar por decreto em onze áreas durante três anos — ficaram quatro com validade de um ano, mas se concentram em assuntos centrais da gestão (economia, finanças, administração e energia). É ferramenta, porém, que deve ser usada com critério. "Precisamos observar como o presidente utilizará os poderes extraordinários", diz a cientista política Ariadna Gallo, da Universidade de Buenos Aires. Das quarenta empresas que Milei planejava privatizar, restaram oito, estando de fora a petrolífera YPF, o Banco

de La Nación e a Aerolíneas Argentinas, que saiu do rol nos últimos minutos. Um dos mais celebrados tópicos foi certamente o estabelecimento do Regime de Incentivos a Grandes Investimentos, com o objetivo de destravar a burocracia e dar estímulo a empresas dispostas a investir vultosas somas em solo argentino. Também passou uma anistia fiscal para fundos no exterior. A ideia aí é tentar trazer dólares ao país, algo essencial num cenário de baixíssimas reservas.

Os mercados emitiram sinais imediatos de aprovação, e o Fundo Monetário Internacional (FMI) liberou mais 800 milhões de dólares para a Argentina refinanciar sua dívida. Com um arrocho brutal que se refletiu numa subida da pobreza, ao mesmo tempo que garantiu o superávit primário e o recuo da inflação para um dígito, organizações e sindicatos ligados ao peronismo seguem protestando, assim como uma ala dos governadores, temerosos de que suas províncias percam a autonomia. Eles são, aliás, peças nevrálgicas no intrincado tabuleiro político argentino, e Milei e sua turma precisarão encontrar um jeito de atraí-los — inclusive para o pacto que era para ser "de maio" e agora está previsto para 9 de julho, dia da independência do país, quando o presidente lançará as bases liberais para sua simbólica "refundação" da Argentina. "Mesmo com todas as concessões que precisou fazer, Milei acalmou as dúvidas sobre sua governabilidade", avalia o sociólogo Marcelo Casarin, da Universidade Nacional de Córdoba. Uma vitória que ainda requer tempo e habilidade para se provar duradoura. ■

VILMA GRYZINSKI

LEVEM-NOS A SEU LÍDER

Como reagir à pergunta clássica de extraterrestres

QUAL PRESIDENTE fará menos mal aos Estados Unidos, e ao mundo, Donald Trump ou Joe Biden? Esse é o dilema de eleitores americanos indecisos ou que simplesmente odeiam as duas opções — nada menos que 25% do total. Em lugar de procurar o melhor candidato, veem-se na vexaminosa posição de escolher o menor pior, um Biden dolorosamente senil, fora políticas impopulares e equivocadas como o liberou geral na fronteira com o México, e um Trump com uma lista de defeitos que dá volta ao mundo. Sobre ela, nada melhor do que ouvir, não adversários, mas antigos aliados como o ex-ministro da Justiça Bill Barr (foi "nauseante" e "desprezível" a tentativa de melar o resultado da eleição perdida por um homem que "sempre põe o próprio ego acima do interesse nacional") ou o ex-comandante dos fuzileiros navais, o general da reserva John Kelly, ministro da Casa Civil de Trump ("hipócrita", "não fala a verdade" e "Deus nos ajude" se for reeleito).

O panorama dos governantes de países importantes hoje nos faz lembrar o clássico dos cartuns. Se ETs baixarem no nosso lindo planeta azul e pedirem "Levem-nos a seu líder", daria até vergonha imaginar seus interlocutores. Um Biden que esfregaria testa com testa como fez com o papa Francisco? O próprio Francisco, que fez propaganda para o sindicato da Aerolíneas Argentinas, a empresa estatal que perde 1,5 milhão de dólares por dia, dinheiro dos pobres, só para marcar posição contra Javier Milei? Ou imaginem o diálogo do hipotético ET com Emmanuel Macron, o presidente francês que acionou o botão da autodestruição ao antecipar eleições sem nenhuma explicação lógica.

Quem também está acelerado rumo à própria sabotagem política é o primeiro-ministro Rishi Sunak, líder do Partido Conservador do Reino Unido. Disse um comen-

"'Vai mais um impostozinho aí?', perguntaria um ET galhofeiro diante de taxações de outro planeta"

tarista inglês: os eleitores sabem que o Partido Trabalhista será um desastre, mas vão votar nele mesmo assim. Só de raiva dos conservadores que não respeitaram seus mandamentos fundacionais. O próximo chefe de governo é Keir Starmer, ex-trotskista que se passa por moderado. Foi apelidado de Keir Jong-un por causa das 33 fotos de sua própria e inflada pessoa no opaco programa de governo dos trabalhistas. Na Alemanha, o partido que construiu a social-democracia minguou para um humilhante terceiro lugar nas mãos do apagado primeiro-ministro Olaf Scholz. Em países periféricos, líderes de esquerda ignoram as mudanças das últimas décadas e tentam recuperar políticas do Estado promotor de crescimento que faziam sentido quando Getúlio Vargas ou Juan Domingo Perón criavam a aura de transformadores de nações agrárias e subdesenvolvidas. Ironicamente, em ambos os países foi o agronegócio que se modernizou e virou a máquina exportadora imaginada para uma indústria incapaz de alcançar a competitividade requerida no mundo atual — talvez, justamente, pelo vício no protecionismo. “Vai mais um impostozinho aí?”, perguntaria um ET galhofeiro diante de taxações de outro planeta.

Em tempo: Bill Barr reconsiderou suas posições e disse que vai votar em Trump em 5 de novembro. “Acredito que ele fará menos mal nos próximos quatro anos”, argumentou. Continuar com Biden por mais um mandato “seria um suicídio nacional”. Riam, ETs, riam. ■

VALMIR MORATELLI

CONHECIMENTO É VIDA

Em meio à gravidez, **IZA,** 33 anos, deu de querer ficar perita nos assuntos da maternidade, devorando aquelas bíblias sobre o tema e até promovendo rodas de conversa em casa com a família, para ouvir depoimentos de quem já viveu os temores dessa fase e tentar moderar a ansiedade. "Me sinto uma montanha-russa de emoções", conta a cantora, que, muito séria, diz "estudar para ter um norte". Mesmo penando com enjoos e sentindo mais sono, além de ver aflorar uma acne na pele, ela decidiu não frear a agenda de shows. "Vou até onde der", planeja Iza, que quer parto normal e, afeita aos desenhos animados, já negociou o nome da filha com o pai, Yuri Lima, que joga na Série B do Brasileirão pelo Mirassol. Será Nala, homenagem à valente leoa de *O Rei Leão.*

ALEX SANTANA/INSTAGRAM @IZA

INSTAGRAM @MONJACOEN

ESPELHO, ESPELHO MEU

Em meio a um tratamento de câncer de pele, do qual foi considerada curada, **MONJA COEN,** 76 anos, teve um clique para o livro que está para lançar, *Em Cada Instante Nascemos e Morremos Bilhões de Vezes.* A doença a fez mais reflexiva sobre a passagem do tempo. "Olhava no espelho e via meu avô, carequinha e com o rosto redondo, exatamente como eu fiquei", lembra. Foi aí que resolveu registrar seus pensamentos sobre o envelhecimento no papel. "Às vezes, volto àquele espelho e pergunto: cadê a mocinha que queria ser como os meninos, uma mulher liberal, que fuma e anda de moto?" Em meio a tanta filosofia, ela segue a toda e garante: parar de trabalhar nem pensar.

CLÃ EM CHAMAS

Como se já não bastasse uma condenação na Justiça, a primeira no currículo de um ex-ocupante do Salão Oval, e uma coleção de processos no horizonte, Donald Trump, 78 anos recém-completos, agora está na mira do sobrinho de nome aristocrático, **FRED C. TRUMP III,** 62 anos, que resolveu expor as feridas em relação ao tio num livro que, prestes a ser lançado, promete barulho – a começar pelo título, *All in the Family: The Trumps and How We Got This Way* (na linha de: como os Trump ficaram assim). Sua irmã, Mary, já havia cutucado feridas do clã numa publicação com suas memórias, de 2020. Recentemente, ambos entraram com uma ação judicial argumentando que o atual candidato à Casa Branca surrupiou seu naco na herança do avô, o magnata Fred Christ Trump. “O silêncio só vale ouro quando não há nada que precise ser dito”, declarou Fred-sobrinho, disposto a elevar a temperatura no ringue eleitoral.

ANDREW SAVULICH/NY DAILY NEWS ARCHIVE/GETTY IMAGES

MAX MUMBY/INDIGO/GETTY IMAGES

DE VOLTA AO BALCÃO

Numa demonstração de capacidade para seguir em frente, a realeza britânica apareceu reunida sob os ainda frios ventos primaveris londrinos no balcão do Palácio de Buckingham, após uma enxurrada de notícias que acabou por fazer minguar, aos poucos, o contingente de *royals* em eventos oficiais. A cerimônia era o Trooping the Colour, desfile em homenagem aos 76 anos do rei Charles (que, na verdade, é em novembro), mas todos os holofotes se voltaram para **KATE,** 42 anos, que posou ao lado do marido, William, e dos três filhos, ressurgindo lindamente embalada em um vestido branco, depois de três meses afastada tratando de um câncer — doença com a qual também o monarca duela. Nas redes, a princesa de Gales disse estar "fazendo progressos", embora tenha mantido tom cauteloso: "Estou melhor, mas não fora de perigo", informou. Mais aparições não estão previstas na agenda real.

GENTE GRANDE

Não é de hoje que **DANIEL RADCLIFFE,** 34 anos, frequenta os palcos da Broadway, ainda que muita gente olhe para ele e ainda pense no bruxinho Harry Potter, que o alçou à fama duas décadas atrás. Agora, em sua quinta tentativa, talvez ele tenha conseguido, enfim, se libertar do encantador protagonista da obra de J.K. Rowling. Daniel acaba de faturar seu primeiro Tony, o prestigiado prêmio do teatro americano, como melhor ator pela participação no musical *Merrily We Roll Along.* Na peça, dá vida ao letrista e dramaturgo Charley Krigas, um texto denso sobre o qual conseguiu discorrer apenas superficialmente, sugado que estava pela emoção. "Vou falar rápido. Esta foi uma das melhores experiências da minha vida, inacreditável", disse, e copiosamente chorou. ■

BRUCE GLIKAS/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

DO LABORATÓRIO PARA A MESA

Trinta anos após o lançamento do primeiro transgênico, a tecnologia que revolucionou a agricultura, apesar de forte resistência, busca se tornar mais popular entre os consumidores

LUIZ PAULO SOUZA

CRISTINA PEDRAZZINI/SPL/AFP

TOMATE PIONEIRO Flavr Savr: com maior tempo de prateleira, foi o primeiro transgênico a chegar ao mercado

A proposta pode soar presunçosa e até futurista, mas já é uma realidade há pelo menos 15 000 anos, desde quando os primeiros homens desenvolveram a agricultura e passaram a selecionar plantas para alavancar a colheita. Ninguém, claro, intuía que existisse algo chamado DNA, porém, inconscientemente, ao escolher frutos e sementes mais saborosos e resistentes, nossos ancestrais elaboraram uma forma rudimentar de favorecer artificialmente alguns genes — as sequências de informações que guardam a receita de cada ser vivo — em detrimento de outros. Foi só no século XIX que a compreensão do fenômeno viria à luz. Ao observar a cor e a textura de ervilhas, o botânico Gregor Mendel descobriu as regras da hereditariedade, apontando como cruzamentos podiam ser feitos para impor as características desejáveis de determinada espécie vegetal. No desenrolar do século XX, o DNA foi revelado como o grande regente dessa orquestra biológica e, ao aprender a manipulá-lo, a ciência abriu caminho a uma tecnologia capaz de modificar um pedaço do código da vida. Era a transgenia.

Em 1994, chegava aos supermercados americanos o primeiro produto dessa safra revolucionária, o Flavr Savr, um tomate que emprestava uma sequência genética de bactérias para durar mais tempo nas prateleiras e nas despensas. A recepção, contudo, não foi das melhores: além do pecado de brincar de Deus, como se dizia, havia um

JANA MILIN/ISTOCKGETT IMAGES

POTÊNCIA Milho e soja: mais de 90% das safras são geneticamente modificadas

medo real de consumir um alimento adulterado com uma pitada bacteriana. O alarde não foi suficiente para frear o desenvolvimento da categoria, mas, desde então, o foco dos transgênicos — esses cultivares que carregam um gene de outra espécie, vegetal ou não — passou a ser os agricultores e a produtividade no campo, muito mais que o apelo entre os consumidores.

COSTFOTO/NURPHOTO/GETTY IMAGES

EVOLUÇÃO Edição genética: novas técnicas facilitam e barateiam modificações benéficas para os próximos cultivos

Com uma inédita resistência a pragas e aos efeitos deletérios de herbicidas, as lavouras nascidas desse método prosperaram e as perdas diminuíram drasticamente. "Hoje, no Brasil, mais de 90% das safras de soja, algodão e milho são transgênicas, porque elas resolvem problemas que, por enquanto, são difíceis de solucionar com técnicas mais tradicionais", afirma Ana Brasileiro, pesquisadora

BETTMANN/GETTY IMAGES

NOBEL DA PAZ Norman Borlaug: agrônomo mudou o trigo para combater a fome

da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. O mercado é dominado por poucas e parrudas empresas privadas, detentoras também dos fertilizantes e pesticidas indicados para o cultivo. “Como o processo regulatório é caro, o lançamento de produtos desenvolvidos dentro de universidades é lento”, diz Kleiton Machado, pesquisador da Universidade Federal de Viçosa.

De fato, criar um transgênico tem um preço estratosférico, resultado de investimento em pesquisa e regulamentação — todo o processo pode chegar a custar mais de 130 milhões de dólares. Por esse motivo, a Embrapa, empresa pública brasileira que estuda transgenia há pelo menos 25 anos, tem apenas dois produtos no mercado: uma soja resistente a herbicida e um feijão imune ao vírus do mosaico-dourado, ambos orgulhosamente lançados há menos de cinco anos — e celebrados.

De fato, o rito para criar e aprovar organismos geneticamente modificados é rigoroso. Isso porque sempre houve um receio de que eles pudessem fazer mal ao ser humano ou ao ecossistema. São necessários, portanto, extensos estudos de segurança até a comercialização. “Reconhecemos que o processo segue exigente, mas, nas últimas duas décadas, entendemos que os riscos eram menores do que se imaginava, e agora as coisas são mais fáceis”, diz Leandro Astarita, presidente da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio), órgão responsável por avaliar os transgênicos no país. “Ao longo dos 25 anos de atividade da CTNBio, não houve qualquer caso de problema que uma dessas plantas tenha gerado para a saúde ou o meio ambiente.”

O cuidado, no entanto, é sempre bem-vindo e, por vezes, nem diz respeito à engenharia genética em si. Não há natureza que resista aos estragos provocados por milhões de hectares de monocultura — uma realidade no Brasil,

O FUTURO JÁ COMEÇOU

Ao longo de 50 anos, a transgenia revolucionou a agricultura — e continua se expandindo

[DÉCADA DE 1970]

Com aprimoramento da genética, pesquisadores começam corrida por plantas transgênicas

[1983]

Monsanto e universidades americanas desenvolvem primeira planta de fumo transgênica

[1986]

Embrapa começa a trabalhar com plantas geneticamente modificadas — a área avança no Brasil

[1994]

Tomate transgênico conhecido como Flavr Savr começa a ser comercializado nos Estados Unidos

[1995]

Lei cria Comissão Técnica Nacional de Biossegurança, que regulamenta organismos geneticamente modificados

[1996]

Primeira soja tolerante ao glifosato começa a ser comercializada nos EUA e chega ao Brasil dois anos depois

[1998]

Venda de transgênicos é proibida no Brasil até 2003. Decisão será revista e revertida

[2003]

Organismo ligado à ONU cria regulamento internacional para segurança de transgênicos

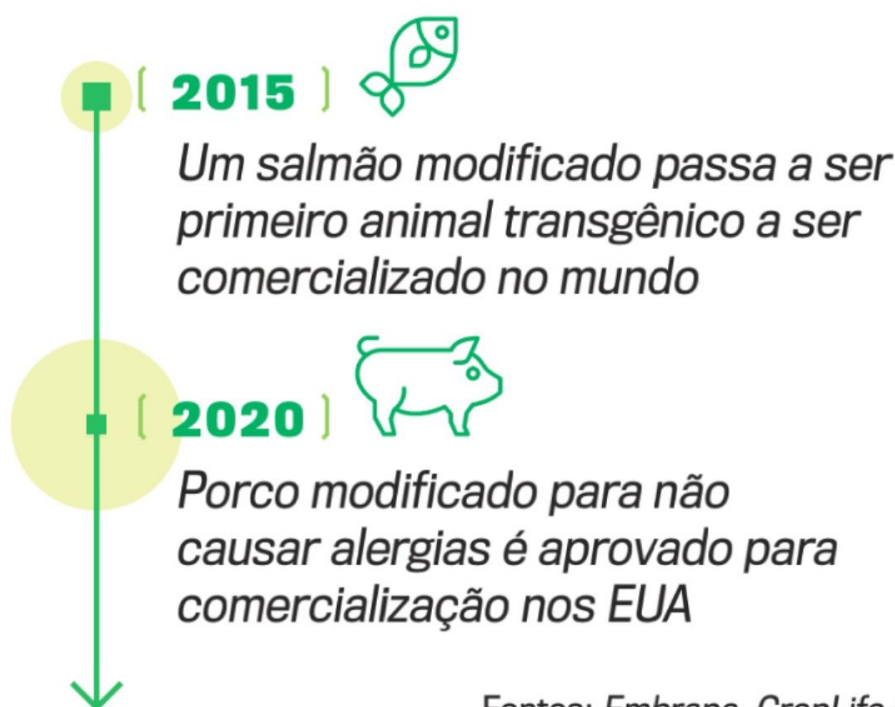
[2005]

Bases para comercialização de transgênicos são estabelecidas pela Lei de Biossegurança brasileira

2015

Um salmão modificado passa a ser primeiro animal transgênico a ser comercializado no mundo

2020

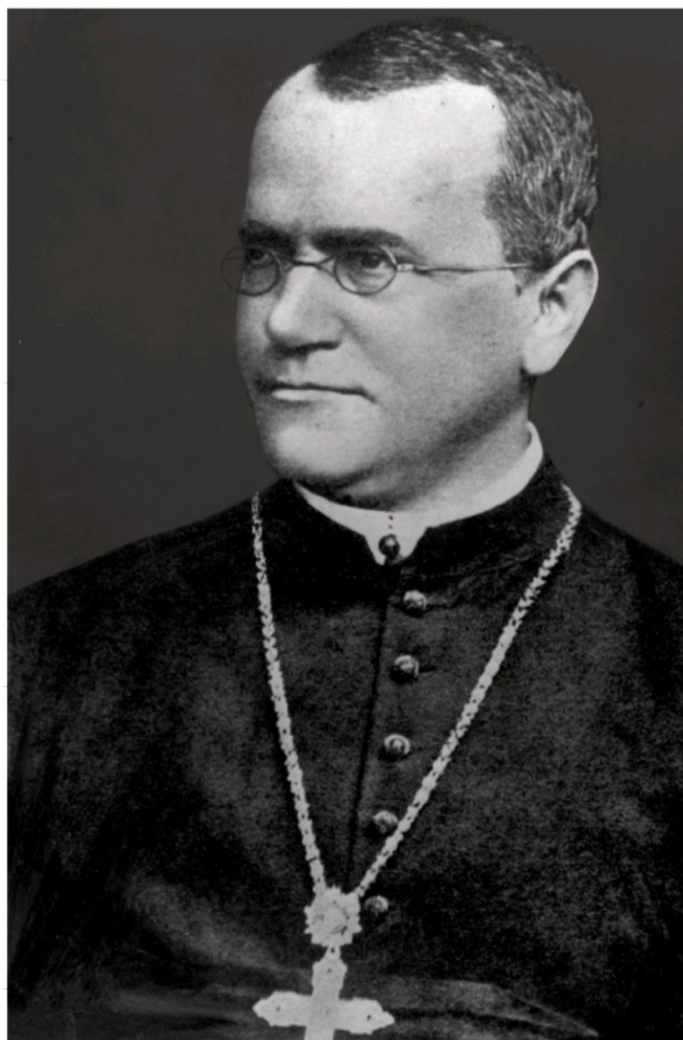
Porco modificado para não causar alergias é aprovado para comercialização nos EUA

Fontes: *Embrapa, CropLife e Veja Saúde*

---

que surfa a onda verde da transgenia. É prudente repensar o modelo, e a própria tecnologia pode ser útil nesse sentido, atuando em prol de um sistema agrícola sustentável e regenerativo. Até porque temos um desafio enorme pela frente, o aquecimento global.

Hoje, pesquisas ao redor do globo tentam manipular o DNA para desenvolver safras capazes de sobreviver às mudanças climáticas, emulando os experimentos com trigo feitos pelo agrônomo americano Norman Borlaug, Prêmio Nobel da Paz em 1970, que renderam uma variante mais resistente e apta a mitigar a fome e a desnutrição pelo planeta. Agora, as intervenções genéticas buscam criar versões que consigam escapar das secas cada vez mais frequentes — e não apenas na cultura do trigo.

Sem o movimento dos transgênicos, não estaríamos hoje às portas da edição genética milimétrica, que não depende mais da importação de genes de outras espécies para alterar uma característica ou corrigir doenças. E esse movimento, em que pesem as discussões e os receios em jogo, é o mesmo que começa a nos brindar com plantas mais nutritivas e menos alergênicas e animais capazes de se adaptar a ambientes diversos. Ferramentas que facilitam o processo de "cortar e colar" genes, como o celebrado Crispr, têm tudo para acelerar e baratear o desenvolvimento de organismos geneticamente modificados. O resultado desse frutífero empreendimento será visto no campo, nas gôndolas... e à mesa. ■

HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

VISIONÁRIO Gregor Mendel: botânico austríaco descobriu as leis que regem a hereditariedade

SEXO NÃO É COM ELES

Numa evolução dos tempos, a diversidade de orientações é cada vez mais assimilada. Nesse rol emergem os assexuais, turma que começa a ganhar rosto

DUDA MONTEIRO DE BARROS E **MAFÊ FIRPO**

FACEBOOK @ACEAWARENESS

EU EXISTO
Bandeira preta e roxa: símbolo de um grupo que agora tem voz

AS RUAS de Nova York foram tomadas, em junho de 1969, por um movimento que viria a desencadear um decisivo avanço na discussão sobre a sexualidade: as pessoas saíram às ruas para defender um clube gay que havia sido alvo de violentos ataques da polícia. Batizada de Rebelião de Stonewall, a manifestação durou seis agitados dias e dali emergiu a sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes). Passado meio século, a vastidão de letras que expressam diferentes orientações sexuais foi se ampliando até que, na década de 1990, começou a se falar de assexualidade — o “A” das nove opções compreendidas no leque LGBTQIAPN+. O marco da existência do grupo — que, em comum, tem pouca ou nenhuma vida sexual, fruto da ausência do desejo — foi o reconhecimento formal da Asexual Visibility and Education Network de que ele representa uma fatia da população mundial.

O assunto veio aos holofotes com o sucesso de *Slow*, vencedor da categoria de melhor direção no Festival Sundance, nos Estados Unidos. A obra lituana conta a história de amor entre Elena e Dovydas, que se envolvem emocionalmente. Um belo dia, Dovydas revela: “Eu não sou atraído por ninguém sexualmente, nunca fui. Sou assexual”. E dá-lhe posts sobre o tema, simbolizado por bandeiras das cores preto e roxa, que intriga pelo desconhecimento que o cerca. Um sinal positivo de que o tópico já deixa as sombras está em uma recente pesquisa publicada na revista científica *Nature*, conduzida pela USP junto à Unesp. O levantamento mostra o fenômeno — 5,8% dos brasileiros se declaram assexuais. No mun-

do, compõem um contingente de 80 milhões de pessoas. "Eles podem amar, se apaixonar e cultivar relacionamentos, mas são pouco ou nada interessados em sexo, e isso não lhes traz sofrimento ou conflito", diz a psiquiatra Carmita Abdo, coordenadora do Programa de Estudos em Sexualidade do Hospital das Clínicas da USP, à frente do estudo.

Não há até agora evidências científicas em número suficiente para corroborar a hipótese de que a assexualidade seria resultado da genética de cada um. O mais provável é que suas raízes estejam fincadas em múltiplos fatores, aliando uma tendência hereditária à educação e à cultura em que o indivíduo se encontra imerso. Chama atenção na publicação da *Nature* o fato de 7,7% das mulheres se classificarem assexuais, enquanto apenas 2,5% dos homens se encaixam no escaninho. A diferença pode ter relação com um traço masculino: para eles, seria mais duro admitir o desinteresse. Já sob o ângulo feminino, não se descarta a linha segundo a qual algumas delas, sobretudo as mais velhas, se definirem assexuais quando, na verdade, foram podadas em seu desejo, incapazes de deixá-lo aflorar. "Muitas mulheres passam a vida sem conhecer um sexo prazeroso", diz a antropóloga Mirian Goldenberg.

Mais do que uma terminologia, a definição da assexualidade trouxe alívio a muita gente que se imaginava portadora de um mal por nunca ter sentido impulso sexual. Na adolescência, todo mundo falava de sexo, e o publicitário Cristofer Mansano, 27 anos, se via à margem. "Ficava inseguro porque era o único que não tinha beijado ou transado com alguém", lembra. "Agora, es-

ARQUIVO PESSOAL

PRESSÃO PARA SER "NORMAL"

A designer **Alice Alivorte,** 27 anos, começou a perceber os primeiros sinais de assexualidade na adolescência, quando não sentia nenhuma vontade de ter contato físico, embora se apaixonasse. "Tentava beijar meninos, mas achava horrível", diz. "Cheguei a achar que estava doente."

tou em um relacionamento há dois anos, com uma pessoa não assexual, e conversamos muito para alinhar as expectativas", diz ele, que raríssimas vezes tem vontade de fazer sexo, uma fagulha que o situa na chamada "zona cinza" da assexualidade. "Por meio do diálogo, os casais podem firmar acordos saudáveis. Não existe uma fórmula para isso, o importante é respeitar os limites de cada um", afirma o sexólogo Rodrigo Torres.

O mundo caminhou muito desde que Sigmund Freud (1856-1939) plantou os primeiros pilares da psicanálise — entre eles, a compreensão da libido, a energia psíquica derivada dos instintos sexuais, como grande força motriz da existência humana. A ausência do ímpeto sexual seria, para ele, indicador de um problema, até de uma neurose. Hoje, mesmo inte-

grantes da escola freudiana têm revisitado essa visão. "A libido não deve ser reduzida à excitação sexual, mas ampliada para a busca do prazer de forma geral, nos vários departamentos. No caso do assexual, não praticar sexo gera inclusive satisfação", diz a psicanalista Neila Mendes, da PUC-Rio. Aos 22 anos, o ilustrador Cris Ferreira se sente plenamente satisfeito ao sair com alguém e passar a noite conversando "sem ir para os finalmentes", ainda que esteja apaixonado. "Tenho atração romântica, mas não sexual em meus relacionamentos", esclarece, reconhecendo um peso que incide sobre as costas dos assexuais: a sociedade, em geral, só entende a plenitude quando há vida sexual no horizonte.

A constante falta de vontade de estabelecer relações físicas pode, sim, ser sinal de uma disfunção — baixa hormonal, depressão, conflitos no relacionamento, entre outros. "Isso ocorre com pessoas que tinham interesse em sexo, perderam por alguma razão e querem recuperar aquilo", diz Carmita Abdo. São essas nuances que vão sendo aos poucos assimiladas. A designer Alice Alivorte, 27 anos, conta como se viu estigmatizada por fugir à norma e, mais nova, tentou levar uma rotina sexual como a dos outros, para fugir do estranhamento alheio. Acabou ficando presa num ciclo que lhe fazia muito mal. "Cheguei a achar que estava doente e procurei médicos, mas não havia nada de errado comigo", relata ela, que, ao descobrir se identificar com a letra "A" do extenso leque da diversidade, se acalmou. Mesmo não sendo uma trilha simples, é certamente a mais verdadeira para essa turma. ■

MEMÓRIA ROUBADA

Em ato de reparação, arquivo europeu busca parentes de vitimas do nazismo na Polônia, entre 1943 e 1944, para devolver pequenos bens confiscados

MARÍLIA MONITCHELE

LEVANTE Em 1943: judeus do Gueto de Varsóvia se insurgem contra os invasores e opressores

AUSTRIAN ARCHIVES/IMAGNO/APA-PICTUREDESK/AFP

NO FIM da Segunda Guerra Mundial, a Polônia invadida e ocupada pela Alemanha nazista foi palco de dois eventos históricos, intensos e sangrentos, no intervalo de pouco mais de um ano. Em abril de 1943, em um ato heroico de resistência, residentes judeus do Gueto de Varsóvia se levantaram contra os invasores. Entre 1º de agosto e 2 de outubro de 1944, a capital polonesa foi novamente palco de uma batalha assimétrica e covarde. O chamado Exército da Pátria enfrentou sem recursos as forças alemãs, mais numerosas, mais bem equipadas e treinadas com esmero. Apesar de um início promissor na defesa de casas e vidas, a *Wehrmacht* de Hitler massacrou os revoltosos e destruiu grande parte da cidade em retaliação. Pelo menos 150 000 combatentes e civis morreram. Milhares de sobreviventes foram enviados para campos de concentração, onde tiveram seus pertences pessoais confiscados.

O Levante do Gueto de Varsóvia, em 1943, e a Revolta de Varsóvia, em 1944, deixaram cicatrizes profundas nas testemunhas daqueles eventos e, claro, em seus descendentes. É capítulo que começa a ser revisitado. Na Europa, os Arquivos Arolsen, centro internacional para preservação da memória das vítimas do nazismo, acabam de lançar uma campanha para localizar os descendentes dos donos dos objetos roubados pelos invasores e esclarecer o destino dos familiares. A ideia é fazer com que itens possam ser recuperados não pelo valor pecuniário, mas sobretudo pelo simbolismo. É o caso, por exemplo, do par de anéis e um relógio de bolso devolvidos aos parentes de seu dono, registrado como Josef Kryncewicz. De acordo com pesqui-

DE BOLSO Relógio de Józef Hryncewicz: item resgatado do campo de Neuengamme

NA MÃO Anel com brilhantes: joia de Zofia Strusi

LEMBRANÇAS Envelopes preservados: fragmentos da vida

sas iniciadas em 2020, trata-se na verdade de Józef Hryncewicz, detido em 1944, em Varsóvia, e depois enviado para os campos de concentração de Stutthof e Neuengamme, na Alemanha, onde seria assassinado em março de 1945. É o caso do anel com brilhantes que pertenceu a Zofia Strusi.

A preservação desses objetos pelos Arquivos Arolsen só foi possível porque o sistema dos campos de prisioneiros nazistas variava de acordo com a gestão e objetivo. Nos campos de concentração, os pertences eram coletados e colocados em salas de armazenamento. Nos campos de extermínio, os algozes recolhiam os itens das pessoas assassinadas e os distribuíam entre os oficiais. No fim da guerra, muitos desses depósitos foram sa-

FOTOS AROLSEN ARCHIVES/INTERNATIONAL CENTER ON NAZI PERSECUTION

queados. Coleções dos campos de Neuengamme e Dachau, na Alemanha, e de outros locais de detenção foram recuperadas pelos Aliados. No pós-guerra, várias organizações criadas por ex-prisioneiros tentaram devolver as peças aos poucos sobreviventes e famílias, mas os esforços fracassaram.

Restam nos depósitos dos Arquivos Arolsen cerca de 2000 envelopes com objetos confiscados, entre fotos, cartas e joias. Desses, 100 são itens de judeus que foram deportados da capital polonesa depois da ofensiva dos resistentes. “Naquela ocasião, as pessoas já não tinham quase nada”, diz Tania de Luca, professora de história na Universidade Estadual Paulista (Unesp). “Tudo que elas acumulavam de valioso tinha sido vendido ou confiscado.”

A recuperação dos fragmentos de vida não representa apenas reparação histórica, o que já seria extraordinário. Tampouco pode ser traduzida como consolo, bálsamo para as camadas de cicatrizes alimentadas pelo tempo. O passo é sinônimo de respeito à memória de quem pagou com a existência por um preconceito abjeto e uma intolerância inaceitável. É o resgate da resiliência humana e da relevância de nunca esquecer o Holocausto, para que não se repita. “É uma forma de fazer com que os cidadãos cruelmente assassinados, por ordem de uma política de Estado, deixem de ser mais um número entre os 6 milhões de judeus assassinados e se tornem pessoas novamente”, diz a professora Tania. Vale repetir à exaustão a frase do escritor e ativista Elie Wiesel (1928-2016), Prêmio Nobel da Paz de 1986, que passou um tempo nos campos de Auschwitz e Buchenwald: “Indiferença para mim é a personificação do mal”. ■

VILÕES DO AQUECIMENTO

Cientistas indicam pressa no controle da emissão dos chamados gases de vida curta, como metano, que afetam o clima de forma severa **VALÉRIA FRANÇA**

SUJÕES Gado de pecuária: produção de metano a partir do arroto dos animais

E+/GETTY IMAGES

NÃO É DE HOJE que especialistas bradam alertas sobre a necessidade da adoção de práticas para frear o aumento da temperatura da Terra. O mundo precisa esfriar, e logo. O planeta já aqueceu 1,2 grau em relação ao período pré-industrial. Falta apenas 0,3 grau para o limite máximo de 1,5 grau firmado pelo Acordo de Paris, em 2015. Nas discussões sobre o tema, a descarbonização da economia é tema seminal e recorrente. Na matemática da emergência climática, dá-se ênfase à redução dos combustíveis fósseis. É vital, sem dúvida, mas convém lembrar que domá-los resultaria em decréscimo de apenas 0,2 grau. Isso porque o dióxido de carbono tem vida longa na atmosfera. Demora um século, no mínimo, para ser completamente dissipado.

Uma nova linha de estudos, em busca de soluções práticas, tem chamado a atenção para um outro tipo de poluentes — os chamados gases de vida curta, que desaparecem da atmosfera em dias, semanas, meses ou no máximo alguns anos. Adotar medidas eficazes contra eles seria crucial. “Controlá-los é uma estratégia capaz de baixar em até quase quatro vezes mais o aquecimento na comparação com a restrição do dióxido de carbono”, diz Gabrielle Dreiyfus, cientista chefe do Instituto para Governança e Desenvolvimento Sustentável (IGSD), autora do Inventário de Gases para o Aquecimento Global.

No topo da lista dos sujões está o metano, produzido sobretudo pelo arroto do boi e pela fermentação dos resí-

CRIS FAGA/NURPHOTO/GETTY IMAGES

TÓXICO Fuligem do trânsito: problemas de saúde

duos biodegradáveis de aterros sanitários a céu aberto. Além, é claro, do processo industrial das companhias de petróleo, que perdem a matéria-prima ao longo da cadeia, com vazamentos ocorridos desde a exploração até o transporte e distribuição do biogás. O estudo do IGSD indica a redução compulsória de 45% dessa família gasosa. Despontam, no horizonte da imundície, também o carbono negro, cujo resíduo é a fuligem dos centros urbanos, os hidrofluorocarbonetos, derivados dos equipamentos de ar-condicionado e refrigeração, e o ozônio troposférico, nevoeiro formado pela poluição *(veja o quadro)*. "Durante a COP28, no ano passado, as empresas de petróleo se comprometeram a eliminar o desperdício, mas até agora

CONTROLE Aterro sanitário: é fundamental a separação de resíduos

nada aconteceu”, diz o climatologista Carlos Nobre, do Instituto de Estudos Avançados da USP.

Levantamentos recentes mostram um cenário ruim. O metano, a fuligem, os carbonetos de ar-condicionado e o ozônio respondem por metade dos danos relacionados ao aquecimento global, segundo os especialistas do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima. Direto ao ponto: impõe-se mudança da matriz energética não apenas para o sumiço, em um tempo de quimera, lá no futuro, do dióxido de carbono, o drama mais evidente. É preciso desligar a chave de produtores de detritos que andam um tantinho à margem das atenções. E, se ainda paira algum tipo de questionamento, uma estatística de saúde pública

A ORIGEM DO PROBLEMA...

METANO
Gás natural, pecuária, aterros sanitários

CARBONO NEGRO
Queima de carvão, escapamento de diesel, queima de biomassa na cozinha

HIDROFLUOROCARBONETOS
Ar-condicionado, refrigeração

OZÔNIO TROPOSFÉRICO
Reações na atmosfera

...E AS SOLUÇÕES DE LIMPEZA

Recuperação e utilização de gás ventilado na produção de petróleo e gás

Redução do vazamento de gás durante a distribuição

Separação de resíduos sólidos urbanos biodegradáveis nos aterros

Tratamento de resíduos sólidos e líquidos da indústria alimentar

Tratamento de resíduos do estrume animal com biodigestores anaeróbicos

tem a resposta: 5 milhões de pessoas morrem, todos os anos, em decorrência da poluição das metrópoles, atalho para doenças respiratórias e câncer. “É hora de mudar a orientação do desenvolvimento das cidades para o bem da sociedade”, diz Romina Picolotti, diretora de políticas para o clima do IGSD. Convém, portanto, olhar para soluções simples, mas que só caminham se todos os personagens da sociedade colaborarem, o público e o privado. É fundamental repensar a dinâmica da civilização, que pode começar dentro de casa, com a separação correta do lixo, e avançar, por exemplo, para a separação de resíduos sólidos urbanos biodegradáveis nos aterros. Há pressa. ■

PISADA GLOBAL

Esgotada em 48 horas, coleção da Havaianas com a italiana Dolce&Gabbana é exemplo de febre mundial pelos famosos chinelos de dedo tipicamente brasileiros

SIMONE BLANES

SUCESSO Parceria com a grife italiana: na vitrine internacional

DOLCE&GABBANA

PARECIA VENDA de ingressos de show internacional. Dezenas de pessoas aguardavam ansiosas pela abertura de uma loja temporária, no Shopping JK Iguatemi, em São Paulo, numa fila quilométrica. A espera, porém, nada tinha a ver com astros da música, e sim com chinelos. A turma ali reunida estava ansiosa para desembolsar 350 reais por um par das sandálias feitas em colaboração entre a marca Havaianas e a grife Dolce&Gabbana. Apesar do valor muito acima do praticado nas versões mais simples, os quatro modelos com estampas assinadas pela dupla italiana esgotaram em menos de 48 horas, além do lote vendido por e-commerce na véspera. A *collab* internacional representa um salto relevante e aplaudido para a grife brasileira e mostra o apelo fashionista das alpargatas de dedo, ou flip-flops, como são conhecidos lá fora. Virou moda, ganhou relevância e não há mais como frear a toada. É filme que vem rodando há algum tempo, mas deu agora o maior e mais celebrado de seus passos.

Não se trata, é verdade, da primeira parceria da Havaianas. Modelos assinados com H.Stern, Missoni, Yves Saint Laurent e a japonesa de streetwear Bape já chegaram ao mercado em passado recente. Em 2023, um acordo com a atriz americana Barbie Ferreira ganhou vitrines em renomadas redes de varejo global, como Selfridges e Galerie Lafayette. Mas a união com a Dolce&Gabbana, que deve ganhar nova coleção ainda neste ano, dá o tom ruidoso e colorido da fase atual.

TRAGO/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

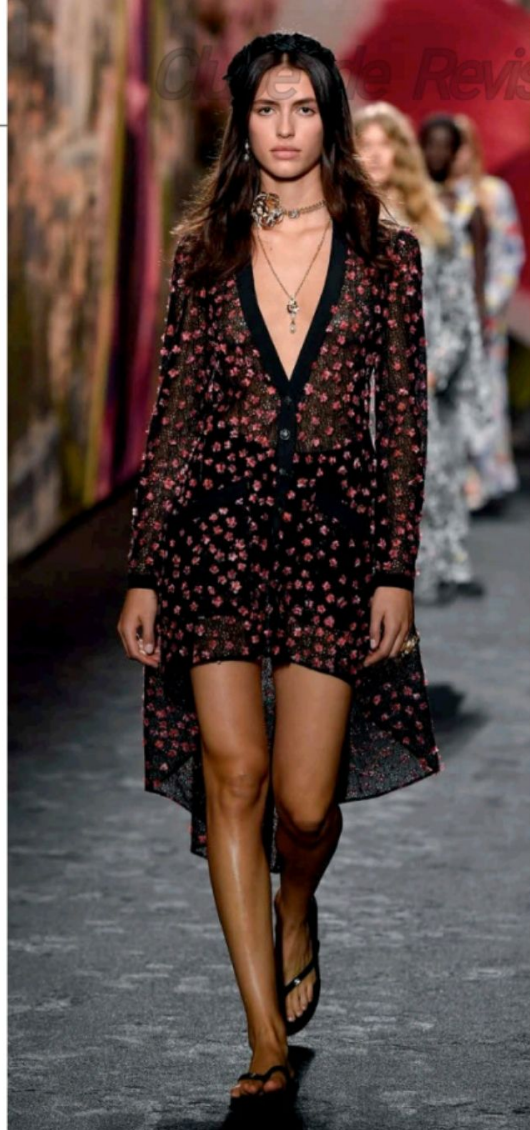
MARC PIASECKI/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

MXRF/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

EM HOLLYWOOD Leighton Meester, Uma Thurman e Jennifer Garner: fãs dos modelos clássicos

Mas, afinal, como um simples calçado feito de borracha, útil mas insosso em seus primórdios, chegou a tal patamar? A história começa em 1962 com o lançamento do modelo clássico, Tradi, inspirado na sandália japonesa Zori. Logo chamou a atenção pelo curioso formato, que lembrava um grão de arroz, e pelo preço de banana, quando a banana era barata. Na época, era vendido em peruas da Volkswagen nas cidades do interior. Na década de 1980, virou peça de sobrevivência de trabalhadores, a ponto de entrar até na cesta básica estipulada pelo Ministério da Fazenda. O desejo de ter um deles, porém, ultrapassava as classes de menor poder aquisitivo. Foi assim que surgiu o slogan "todo mundo usa", nos anos 1990.

O momento de virada, atalho para o domínio global, aconteceu na Copa do Mundo de 1998, na França, com a criação da Havaianas Brasil, modelo que leva a bandeira nacional na tira. A derrota brasileira na final fez com que as sandálias encalhassem no país de Ronaldo e Zagallo, mas viraram sucesso na Europa. "Mandamos o chinelo verde-amarelo para lá e explodiu", diz Maria Fernanda Albuquerque, vice-presidente global de marketing da Havaianas. "Até hoje, é a linha mais vendida internacionalmente". E dá-lhe "viralização", com o apoio de uma ideia esperta, a distribuição para atores e atrizes que disputavam o Oscar em 2003.

Não demorou, no casamento da propaganda com a utilidade (e alguma beleza, o.k.), para a influência crescer. Etiquetas de luxo como Chanel, Gucci, Valentino e Louis Vuit-

FOTOS PASCAL LE SEGRETAIN/GETTY IMAGES; GIOVANNI GIANNONI/WWD/GETTY IMAGES

NAS PASSARELAS Chanel e Valentino: chinelos são tendência irrefreável nas semanas de moda

ton já têm chinelões no catálogo, inspirados no pecado original. Busca-se o clássico, sem dúvida, como toque nostálgico, mas a festa nos pés agora é feita também de materiais como camurça e couro. O que importa é ter os dedos livres e soltos, de unhas pintadas. E quando nomes como Leighton Meester, Uma Thurman e Jennifer Garner querem parecer despojadas, mas chiques, não há dúvida: apelam para Havaianas e seus pares. Gastam os tubos, mas exalam simplicidade. Eis a regra do jogo. ■

LUCILIA DINIZ

DOA A QUEM DOER

A verdade que se esconde no sincericídio

A ESPONTANEIDADE INFANTIL é bem conhecida. Toda família tem sua coleção de episódios de franqueza extrema que, se na hora causam embaraço, depois são recordados com risadas. Porém, se toleramos a falta de limites das crianças é por ela ser passageira. Com o tempo, nos moldamos às regras do bom convívio e adquirimos "filtro". Sendo assim, como se explica que pessoas maduras percam o crivo e se entreguem à incontinência verbal por escolha, mesmo sendo conhecedoras das convenções sociais?

O termo "sincericídio", dado ao ímpeto excessivo pela verdade, é eloquente: ele é um ataque de sinceridade mortal. Para os psicólogos, o sincericida é alguém que se crê injustiçado. Ele usa a honestidade como uma arma para cobrar, doa a quem doer, o que acha que o mundo lhe deve. Em diferentes medidas, acredito que raiva, ilusão de poder e vaidade são alguns dos sentimentos que fazem aflorar o "sincerão" em nós. Se, em jornais e conversas, a expressão aparece cada vez mais, é porque a atitude está em alta. Surge tanto em colocações pessoais acaloradas quanto em declarações públicas. Às vezes, é um lapso; em geral, é uma afirmação calculada para causar impressão.

Eu mesma não escondo ter tido momentos assim. Lembro, não exatamente com orgulho, da resposta atravessada que dei quando um chef me serviu um risoto cuja consistência mal mascarava o uso de creme de leite. Da mesma forma, denunciei doces que se diziam "zero" sem ser. Era o início de minha carreira. Dedicada e séria, exigia dos demais rigor igual ao meu. Nessas ocasiões, deixei claro que não seria enganada por quem escolhesse caminhos fáceis. Hoje, talvez eu evitasse alguns embates desnecessários.

Em toda parte, haverá quem se creia acima do bem e do mal, sentindo-se autorizado a proferir suas opiniões com segurança desbragada, mesmo quando elas não são solicitadas. Essa maneira de agir é imprudente. Porque, é importante lembrar, os sincericidas não são apenas soldados armados com uma "metralhadora cheia de mágoas", como diz a famosa canção de Cazuza. Embora esses arroubos possam

"Do escritor francês André Maurois: 'Asinceridade é de vidro, e a discrição, de diamante' "

acertar muitos pelo caminho, também quem dispara pode ser atingido pelos efeitos de suas próprias palavras. Não à toa os sincericidas são às vezes chamados "camicases da verdade". Como esses pilotos japoneses da Segunda Guerra, eles não só lançam sua bomba, mas se atiram com ela contra o alvo. Por falar demais, o sincericida pode perder um amigo, azedar um negócio e até ver sua reputação ser jogada na lama. Portanto, é bem comum que, depois da falta de medida, venha o arrependimento.

A honestidade é qualidade a defender. Ter apego aos seus valores, manter uma linha coerente entre o que pensamos, dizemos e fazemos é louvável. Mas ser sincericida não é ser sincero — é ser um tanto inconsequente. Porque mesmo ao conversarmos com aqueles em quem mais confiamos, nas situações mais privadas, podemos sempre escolher medir as palavras. E o que, então, é ser sincero? Para o escritor francês André Maurois, a sinceridade não está em dizer tudo o que se pensa, mas em não dizer nada contrário ao que se pensa. Ou, como ele resume em uma afirmação conhecida, com a qual me alinho: "A sinceridade é de vidro, e a discrição, de diamante". ■

QUE TAL MALHAR PARADO?

Estudos fortalecem a recomendação de que exercícios isométricos, aqueles que fazemos sem nos mexer ou deslocar, são a melhor pedida para controlar a pressão **PAULA FELIX**

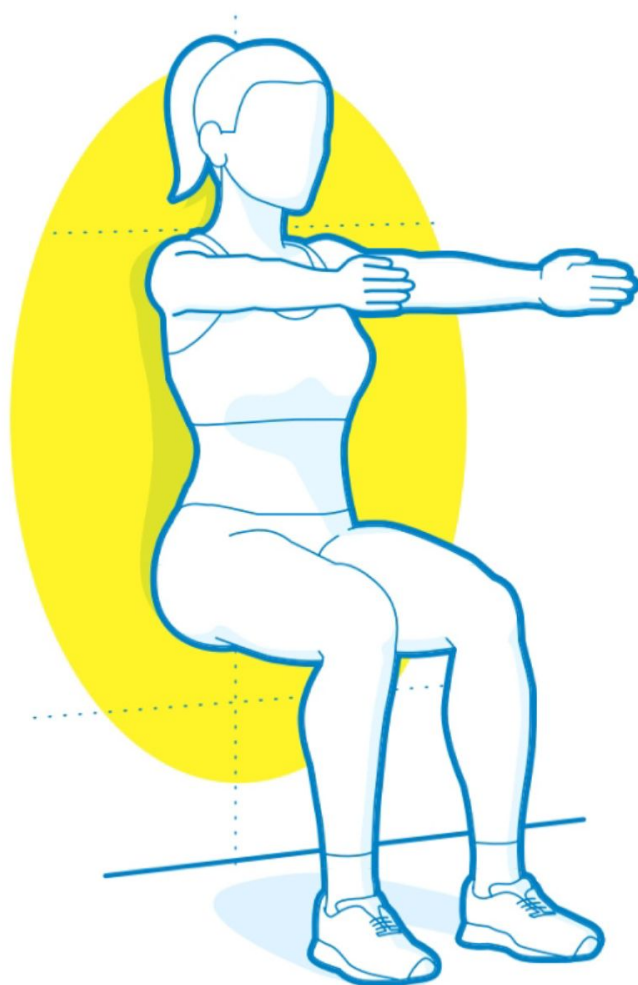
FORÇA E RESISTÊNCIA Sem mover articulações: treino exige contração dos músculos

ISTOCK/GETTY IMAGES

ATIVIDADE FÍSICA pressupõe movimento. É saindo do lugar ou fazendo repetições que a musculatura ganha forma, a gordura vai embora, o coração bate com vigor... Mas, dentro de uma rotina de treino ideal, há uma modalidade cada vez mais defendida pelos experts que parece contrariar esse princípio. São os exercícios isométricos, aqueles executados com o corpo imóvel. Engana-se quem pensa que eles não cobram o suor da camisa. Prancha, agachamento na parede e outras paradinhas trabalham a força e a resistência física. E se consolidam, segundo uma robusta revisão de pesquisas, como uma prática indispensável a quem quer domar a hipertensão, doença que afeta ao redor de 30% da população brasileira.

A comprovação da eficácia das atividades estáticas veio à tona em uma nova publicação do *British Journal of Sports Medicine* com base em uma análise de 270 estudos realizados entre 1990 e 2023, totalizando dados de mais de 15 000 pessoas. A conclusão, direto ao ponto, é que a modalidade deveria ser incluída no dia a dia de qualquer cidadão que não tenha alguma restrição médica — e não apenas para arrebanhar resistência muscular. Além de incrementar os treinos na academia, a prática que envolve manter determinadas posturas sem movimentar as articulações já está presente em sessões tão diversas como as de ioga e pilates, bem como no preparo para artes marciais, caso de judô e jiu-jítsu. Também é possível lançar mão dela em programas de reabilitação física.

PODER ESTÁTICO

Exercícios de contração sem movimento demonstraram mais benefícios do que modalidades de alta intensidade

- **REDUÇÃO DA PRESSÃO ARTERIAL**
- **AUMENTO DA MUSCULATURA**
- **BENEFÍCIOS PARA A FUNÇÃO COGNITIVA**
- **REDUÇÃO DA FADIGA EXCESSIVA NA PRÁTICA DE OUTROS ESPORTES**

Fontes: *British Journal of Sports Medicine; Clinical Hypertension; International Journal of Exercise Science; International Journal of Environmental Research and Public Health*

Embora o fundamento pareça fácil, manter a mesma posição por certo tempo, contraindo a musculatura, não é nenhuma moleza. Inclusive, faz o corpo queimar calorias. Mas o benefício maior se estende à circulação do sangue. Na revisão científica, o exercício isométrico foi comparado a atividades aeróbicas, entre elas o treino intervalado de alta intensidade (HIIT), que alterna picos de esforço com momentos mais brandos. No quesito pressão arterial, a modalidade estática se mostrou superior. O ponto de partida do trabalho foi elucidar meios não farmacológicos de intervir na hipertensão, hoje a principal causa de morte prematura no globo, uma doença crônica e silenciosa que atinge quase 1,3 bilhão de adultos no mundo, pelas contas da OMS.

A principal explicação é que, durante a contração muscular da atividade isométrica, ocorre a diminuição do fluxo sanguíneo. Quando é feito o relaxamento, o retorno do fluxo faz com que seja enviado um sinal de que os vasos sanguíneos podem relaxar. O resultado é a diminuição da pressão arterial em repouso — um efeito que pode persistir após a sessão. Embora a prancha seja o exemplo mais conhecido, foram práticas como agachamento na parede, extensão de joelho e até o exercício de contração das mãos (semelhante ao que é feito com um aparelho chamado hand grip) que passaram pelo crivo dos estudiosos. “A diretriz brasileira de reabilitação cardiovascular propõe que o exercício isométrico de pressão manual pode ser

um meio de ajudar a controlar a hipertensão", diz Luis Felipe Rodrigues, coordenador científico do Departamento de Educação Física da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo (Socesp). A indicação seria aderir à prática cerca de doze minutos por dia, entre três e cinco vezes por semana. Resultados mais consistentes e expressivos, contudo, são alcançados quando se recrutam os grupos musculares maiores.

ISTOCK/GETTY IMAGES

IOGA Posturas: aplicação da isometria

Sob a perspectiva da prevenção, a inclusão das atividades estáticas no cotidiano se torna uma forma de aprimorar os cuidados com a circulação e a pressão arterial. Como medida terapêutica, no entanto, é preciso discernir caso a caso, levando em conta o contexto clínico do paciente. Como mostra a vida real nos consultórios médicos, muitas pessoas com pressão alta estão com o quadro descompensado ou convivem com outras condições limitantes, como a obesidade. "É preciso ter certa cautela porque, do ponto de vista cardiovascular, a pressão arterial

se eleva durante os exercícios", afirma Bruno Gualano, professor do Centro de Medicina do Estilo de Vida da USP. Na mesma linha, se já existe uma sobrecarga nas articulações, o treino isométrico exigirá modulações e adaptações. "Se o paciente tem uma lesão, muito dificilmente vai conseguir fazer um protocolo de flexão do joelho, que pode até agravar a condição de base", alerta o fisiologista. Portanto, o aval médico e a orientação de um educador físico são ponto pacífico para qualquer modalidade se revelar segura e proveitosa.

Com a devida supervisão, a isometria pode trazer ganhos além do controle da pressão. Pesquisas apontam que ela é aliada no manejo da dor e da fadiga, inclusive entre quem pratica esportes de alta intensidade, podendo incrementar um programa de aquecimento ou recuperação. "Esse tipo de exercício permite aplicação de força com o controle de tempo e ângulo, o que gera menor percepção de dor", diz Rodrigues. A recomendação é adotá-lo de forma gradativa, mesmo ciente de que o risco de contusão é mínimo. Pode parecer um sonho cuidar da saúde sem sair do lugar, mas a mensagem principal da revisão britânica, consideradas as limitações da própria análise, é que qualquer exercício, parado ou em movimento, é bem-vindo aos músculos e às artérias. O essencial é vencer a inércia — e é possível fazer isso entrando na prancha e diversificando o treino para escapar de um problema que tem deixado o mundo sob a maior pressão. ■

COM A BOLINHA TODA

Historicamente dominado por chineses, o pódio olímpico do tênis de mesa agora tem um brasileiro na briga, Hugo Calderano, que aposta no controle da mente para vencer **CAIO SAAD**

MIRA CERTA
Calderano: milésimos de segundo para reagir no jogo

JAVIER TORRES/AFP

A ORIGEM do tênis de mesa, o velho pingue-pongue revestido de regras mais rígidas, tem suas raízes fincadas na Inglaterra da era vitoriana. Foi lá, em meados do século XIX, que a aristocracia, já afeita ao tênis, começou a cultivar o rito de finalizar os jantares dividindo a mesa com objetos e improvisando a raquete com livros e caixas de charuto — a bolinha era a de golfe, outra atividade da qual os mais abastados gostavam. A moda pegou mundo afora, mas foi na China, em plena revolução comunista, que a brincadeira inglesa se disseminou sob o impulso do patriotismo. Era algo pouco custoso e, aos olhos de Mao Tsé-tung (1893-1976), ajudava a esculpir a forma física de potenciais soldados, daí o líder ter feito da prática um "esporte nacional". Com montanhas de iuanes (a moeda local) investidos e milhões de adeptos, não deu outra: os chineses se tornaram soberanos nos pódios olímpicos, lá aonde quer subir o carioca Hugo Calderano, 27 anos, que sonha romper com o reinado oriental. Sim, ele tem chance de medalha nos Jogos de Paris.

A trajetória olímpica de Calderano começou em 2016, no Rio, sem muito brilho, mas seguiu ascendente em Tóquio — ali, em 2021, virou o primeiro brasileiro (e latino-americano) a alcançar as quartas de final. Agora, está em sua melhor forma, oscilando posições entre os dez melhores do mundo nos últimos sete anos. Ele figura neste momento em sexto no ranking global, mas o dado que mais chama a atenção dos observadores de plantão é a extraordinária

marca recém-cravada no Mundial da Coreia do Sul: terminou como o único não chinês a chegar às semifinais na história do campeonato, o mais relevante da categoria. Para se destacar, deu raquetadas certeiras contra pesos-pesados que parecem deslizar sobre a mesa de 2,74 metros de comprimento e 1,5 metro de largura. “Você não precisa ser melhor que eles para vencê-los, mas estar em excelente forma e manter concentração total”, disse Calderano a VEJA.

De fala tranquila, o atleta nascido no bairro do Flamengo ganhou familiaridade com a bolinha bem cedo. Filho de professores de educação física, aos 2 anos já era estimulado pelo pai a manusear a pequena raquete emborrachada. Aos 8, foi jogar vôlei no Fluminense. Ingressou até na seleção mirim do Rio e, em paralelo, disputava competições de salto em distância, mas não deixou o pingue-pongue, que adorava. Mais velho, na hora de escolher, abraçou de vez o tênis de mesa. Não foi só porque, mesmo com seu 1,82 metro, se sentisse baixo para o vôlei, mas por encontrar na velocidade das raquetes algo que lhe serve de combustível. “O tênis de mesa sempre me estimulou por me fazer exercitar, no limite, o lado físico e o mental ao mesmo tempo”, explica ele, ex-aluno do tradicional Colégio Santo Inácio, que, aos 14, se mudou para São Caetano (SP) com o avô, para treinar num centro que reunia os melhores do Brasil na modalidade.

Abrindo mão da faculdade, aos 18 tomou a radical decisão de ir morar na cidadezinha de Ochsenhausen, a pou-

BETTMANN/GETTY IMAGES

LANCE POLÍTICO Mao: tênis de mesa virou esporte nacional na China

co mais de uma hora de Munique, onde fica um núcleo de treinamento que é referência mundial — tanto assim que centenas de asiáticos fazem preparação pelas bandas de lá, alimentados pela alta competitividade da Liga Alemã. Os que colhem sucesso precisam aliar à elevada resistência muscular e cardiorrespiratória uma afiada capacidade de tomada de decisões. “São tempos de reação curtíssimos. É preciso decidir o que fazer com a bolinha em milésimos de segundo, o que produz um imenso desgaste mental”, diz o especialista Miran Kondric, da Universidade de Liubliana, na Eslovênia.

Os treinos para Paris consomem até dez horas diárias, mas há exercícios que Calderano faz à parte, no tempo livre, que mantêm sua mente em constante ação. O cubo mágico ele resolve em piscar de olhos, e ainda é craque no xadrez. Fala espanhol, inglês, francês e alemão fluentemente e se vira em italiano e chinês. "Gosto de aprender línguas", diz. Tem inteligência reputada. "Calderano consegue jogar agressivamente, mas também controlar o jogo por conta da cabeça boa", afirma Hugo Hoyama, outro brasileiro que se lançou ao tênis de mesa, hoje longe das bolinhas. Em Atlanta, em 1996, chegou às oitavas de final.

Investimentos recentes da Confederação Brasileira do esporte ajudaram a ampliar os campeonatos locais e o número de filiados, 8 000 em todo o país, um recorde. A organização toca um programa que garimpa talentos, o Diamantes do Futuro, justamente de onde emergiu Calderano, que foi se profissionalizando. Na capital francesa, haverá ao todo nove brasileiros na briga, cinco homens e quatro mulheres — entre as quais a catarinense Bruna Alexandre, 29 anos, que, com um braço amputado na infância, em decorrência de uma doença, concorrerá tanto nas disputas olímpicas como nas paralímpicas. No currículo, exibe dois bronzes no Rio e uma prata em Tóquio, as três em Paralimpíadas. "Quero mostrar que tudo é possível para pessoas com deficiência, somos iguais aos outros", defende Bruna. Ao lado de Calderano, ela pretende fazer história, para espanto de muito poucos. ■

BEATRIZ DAMY/TV GLOBO

MINHA VIDA MUDOU DE REPENTE

José Duboc, 24 anos, trabalhava como entregador e Uber até ser descoberto pela Globo e virar ator em *Renascer*

EU TRABALHAVA em um restaurante no Projac, a central de produção da Globo no Rio. Servia comida e, quando tinha pedido dos estúdios, pegava uma bicicletinha elétrica e ia entregar. Rodei cada canto daquele lugar como entregador, e após o expediente ia pegar passageiros de Uber moto. Em certo dia de 2023, numa dessas entregas, a Marcella Bergamo, produtora de elenco, perguntou se eu fazia teatro e se podia tirar uma foto minha. Foi uma coisa rápida, porque eu estava trabalhando, com o pedido na mão, e não podia demorar. Na época, fazia teatro havia um ano e meio. Sou de uma família bem simples. Minha mãe é funcionária administrativa de uma loja e meu pai é ligado à arte também, mas trabalhou como operador de áudio no mesmo Projac. Dos 9 aos 15 anos, me mudei muito. Eram mo-

mentos de altos e baixos. Quando a situação apertava, a gente se bandeava para outro lugar, então morei em várias partes do Rio. Desenvolvi gosto pela arte nessa época, assistindo a filmes e tocando instrumentos. Mas não tinha acesso ao teatro. Meus pais não me apoiavam nisso pelos motivos deles. Entrei num curso de atuação por iniciativa própria, aos 22, quando sobrou um dinheirinho, e foi algo a que me apeguei muito. Já tinha esse interesse havia algum tempo e, vivendo ali no Projac, entrando nos estúdios, a atuação me chamou atenção. Sempre fui tímido, e queria trabalhar essa timidez. Mas não passava pela minha cabeça a ideia de ser ator e ganhar dinheiro com isso. Então, fiquei com aquela foto feita pela produtora na cabeça por uns dois dias, mas logo esqueci e fui viver a vida.

Meses depois, eu estava rodando de Uber quando entraram em contato comigo para perguntar se eu tinha interesse em fazer um teste para a novela *Renascer*. Fiquei surpreso, mas feliz. Tive dificuldade no primeiro teste, porque nunca tinha feito isso na vida, só as aulas de teatro. Me empenhei, mas não passei para esse personagem — que, se não me engano, era o João Pedro mais novo. Depois, me chamaram para um teste para outro personagem da novela, o Du. Nesse, fiquei mais tranquilo. Fiz a prova em Cabo Frio. Minha irmã mora lá e me ajudou. E aí deu tudo certo. Na primeira versão, o Du só era mencionado e aparecia em uma única cena de costas. Então, imaginei que não teria muita história. Mas no remake ele vai para a fazenda, causa

um alvoroço, e muita coisa acontece. Foi algo que me pegou de surpresa, mas tem sido legal demais. Minha vida mudou de repente — no sentido de que, antes, eu não conseguia viver daquilo que eu queria viver. Não queria ser Uber moto, por exemplo, mas precisava de um sustento, porque essa era a minha realidade. Quem tem despesas para pagar no fim do mês faz de tudo.

Hoje, praticamente 100% do meu dia é em prol da arte. Minha rotina ficou maravilhosa, porque agora consigo viver o que eu queria. Estou fazendo uma faculdade de artes cênicas que me toma bastante tempo. Comecei pouco antes de estrear na novela, e isso tem ajudado na construção do Du, porque é uma pegada diferente do teatro. Também tem as gravações e os instrumentos que amo tocar. A música foi o pontapé inicial para eu começar a gostar da arte. Mas é a novela que tem me dado a estabilidade e o conforto para investir nisso. Entrou um dinheiro bem melhor do que recebia antes, mas ainda não mudou minha vida. Sei que é um começo, um processo que vai acontecendo com o tempo. Viver por um propósito que eu tenho para a minha vida tem sido ótimo. Hoje, meus pais têm um entendimento diferente de tudo isso. Eles superaceitam, entendem e gostam. A vivência da arte é muito ampla, então não sei se quero me ver necessariamente só como ator daqui para a frente. Mas quero viver da arte e me empenhar nisso. ■

Depoimento a Amanda Capuano

TEMPO AO TEMPO

Lançamento do ícone Barca-Velha, o mais famoso tinto português, elaborado apenas quando o clima colabora, revela a faceta mais exclusiva da produção de vinhos

ANDRÉ SOLLITTO

AMBIENTE IDEAL Os vinhedos da Casa Ferreirinha, no Douro: o clima contribui para o resultado

DIVULGAÇÃO

OS CAPRICHOS da natureza são fundamentais para determinar a qualidade de um vinho. Não bastam a localização ideal do vinhedo e o trabalho preciso do enólogo. É necessário equilíbrio das condições climáticas para fornecer a maturação ideal da uva. Um ano muito quente tira a complexidade e a sutileza. Um ano muito frio prejudica o aroma frutado da bebida. Por isso, entre os grandes vinhos, a safra é tão decisiva. É ela que determina o resultado — e o preço, é claro — de alguns ícones mundo afora. Alguns rótulos, de história imaculada, só chegam ao mercado quando a colheita é excepcional. É o caso do Barca-Velha, tido como o mais reputado e cobiçado de Portugal. Produzido pela Casa Ferreirinha, retorna com o rótulo a indicar a safra de 2015 — ficou guardado nove anos e agora desembarca com estardalhaço. Importado pela casa Zahil, chega ao mercado brasileiro por estratosféricos 11 000 reais, um pouquinho menos. Apesar do valor altíssimo, tem compradores garantidos, e o Brasil é o principal mercado fora da terrinha.

A aventura do Barca-Velha ajuda a explicar o fenômeno. Criado em 1952, por Fernando Nicolau de Almeida (1913-1998), foi o primeiro grande tinto do Douro, região onde antes só se fazia vinho do Porto. Além de ter ajudado a quebrar o monopólio dos ingleses, que detinham o controle da produção, surpreendeu pela qualidade. Ao longo de 72 anos foram produzidas apenas 21 safras. A Casa Ferreirinha foi vendida para o maior grupo viní-

DIVULGAÇÃO

BARCA-VELHA 2015

10 890 reais

O ícone português, feito pelo enólogo Luís Sottomayor, chega ao mercado depois de nove anos de guarda

cola de Portugal, a Sogrape, em 1987, e o vinhedo original, a Quinta do Vale Meão, ficou com Almeida depois de sua aposentadoria. O vinho passou então a ser produzido em outra propriedade, a Quinta da Leda. O método de elaboração é hoje mais moderno. O enólogo responsável, Luís Sottomayor, mistura uvas provenientes de zonas mais baixas e quentes, que fornecem a estrutura, os taninos e os aromas de frutas maduras, com uvas de zonas mais altas, que trazem acidez e delicadeza. Todas são fermentadas juntas e passam um ano em barricas de madeira. Depois desse período, a bebida é provada. Se tiver potencial, volta para a madeira, onde fica dezoito meses. Depois, passa por longo estágio nas garrafas e aí então nasce

para o mundo como um legítimo Barca-Velha. Se não tiver, é rotulada como o vinho logo abaixo, o Reserva Especial. "É o vinho que diz se está pronto ou não", afirma o enólogo Sottomayor.

O Barca-Velha não é o único exemplo dessa família de preciosidades que crescem com o tempo. Outros vinhos em Portugal também só chegam ao mercado em anos especiais. No Alentejo, o rótulo mais famoso, Pêra-Manca, funciona da mesma maneira. Produzido pela primeira vez em 1990, teve apenas algumas safras desde então. Atualmente, é comercializada a de 2015, mas a Adega Cartuxa, responsável por ele, já afirmou que a nova, com indicação de 2018, chegará em breve. O também alentejano Torre, feito pelo Esporão, foi lançado apenas quatro vezes ao longo de 37 anos. A mais recente, de 2017, chegou ao Brasil e ao resto do planeta depois de dezoito me-

TORRE DO ESPORÃO 2017

3 600 reais

Original da região do Alentejo, em Portugal, só foi lançado em quatro ocasiões ao longo de 37 anos de produção

PÊRA-MANCA 2018

4 900 reais

Três anos depois da colheita anterior, o ícone alentejano finalmente voltará ao mercado

ses em barricas e mais três anos em garrafa. Fora de Portugal, a prática é menos comum, mas existe. Na Espanha, o ícone Castillo Ygay é trabalhado com frequência, mas não é produzido se a qualidade em determinado ano for considerada abaixo do ideal. Na França, há alguns rótulos de Champagne, como La Grande Dame, de Veuve Clicquot, que saem apenas esporadicamente. Em Bordeaux, os vinhos são feitos ano a ano, mas a qualidade da colheita determina o preço final.

Nem sempre, ressalve-se, etiquetas tão caras são melhores que as concorrentes mais baratas. Há marketing envolvido, e a crescente demanda de mercados de alto poder aquisitivo, como a China, pressiona os preços. Tudo isso é verdade. Mas, na taça, os vinhos raros mostram os motivos que os fazem excepcionais. Enquanto forem feitos, haverá compradores para eles, em eterno movimento. ■

CASTILLO YGAY GRAN RESERVA 2012

3 200 reais

Joia espanhola lançada apenas em ótimas temporadas. Passa longo período em barricas de madeira

CHÂTEAU MARGAUX 2017

10 990 reais

Em Bordeaux, na França, os vinhos saem como relógio, mas safras melhores dão origem a rótulos mais caros

COM FORTES EMOÇÕES

Em *Divertida Mente 2*, o estúdio Pixar volta a explorar de forma esperta e sensível os meandros da mente humana — uma viagem que fica ainda mais fascinante com a chegada da protagonista à complicada adolescência

RAQUEL CARNEIRO

NOVOS TIPOS Ansiedade *(centro)*, com Vergonha *(à dir.)* e Inveja *(à esq.):* desafiadores

DISNEY PIXAR

Do alto da sala de controle que fica dentro da mente de Riley, uma garota de 13 anos, as emoções Alegria, Tristeza, Raiva, Medo e Nojinho observam a evolução das chamadas "ilhas" — centros coloridos e em constante movimento que reúnem o que há de mais importante na vida da menina. Uma das ilhas é voltada só para o hóquei, esporte que ela pratica. Outra, a maior delas, é a da amizade. Ali perto, um tanto menorzinha, está o canto da família. A calmaria chega ao fim quando, de um dia para outro, o alarme da puberdade dispara, trazendo para o local novas emoções prontas para bagunçar a cabeça da jovem. A animação ***Divertida Mente 2*** *(Inside Out 2,* Estados Unidos, 2024), já em cartaz nos cinemas, parte do desfecho do longa anterior, de 2015, no qual Riley, então aos 11, entra na pré-adolescência — período curto e de rápidas mudanças que culminam agora no caos da fase que a tira de vez da infância. Chegam de mala e cuia à sala de controle o grandão rosado Vergonha, a observadora Inveja, o encostado Tédio e a alaranjada Ansiedade — o qual se impõe como protagonista da trama, em um reflexo incômodo da vida real.

Riley não está sozinha: estima-se que 300 milhões de pessoas no mundo sofram de ansiedade — e, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é o triste líder desse ranking. Também padece do mesmo mal o americano Kelsey Mann, diretor do filme. "Aprendi que a melhor maneira de lidar com qualquer problema é falando sobre

AMADURECIMENTO Riley: emoções disparadas pelo alarme da puberdade

ele", disse Mann em entrevista a VEJA. "Assim como o primeiro filme deu ferramentas para os adultos conversarem com as crianças sobre a tristeza, espero que desta vez as famílias possam falar abertamente sobre a ansiedade."

Ousados e originais, os dois filmes são exemplos notáveis do poder criativo da Pixar, o estúdio fundado por Steve Jobs e hoje pertencente à Disney que, nos melhores momentos, é hábil em traduzir temas espinhosos do mundo adulto para as crianças. A usina americana de animações não nega a fonte de onde extraiu tal marca: o trabalho dos japoneses do Studio Ghibli, que embalam seus desenhos de traços delicados em roteiros profundos. Luto, medo, ansiedade, frustração e transtornos mentais são assuntos que ambos já

exploraram com competência, reforçando um histórico relevante no gênero. Ao longo de sua história, as animações têm sido capazes de transformar agruras da vida em seres coloridos, trazendo conforto, identificação e pitacos sobre superação e amadurecimento *(leia o quadro)*.

De mãos dadas com a ciência, *Divertida Mente 2* contou com consultores renomados. São eles o psicólogo e professor universitário americano Dacher Keltner, que estuda as emoções e seus efeitos no convívio social e nos jul-

PAPO CABEÇA

Como a animação já traduziu temas adultos para crianças

DISNEY

DOR DO LUTO

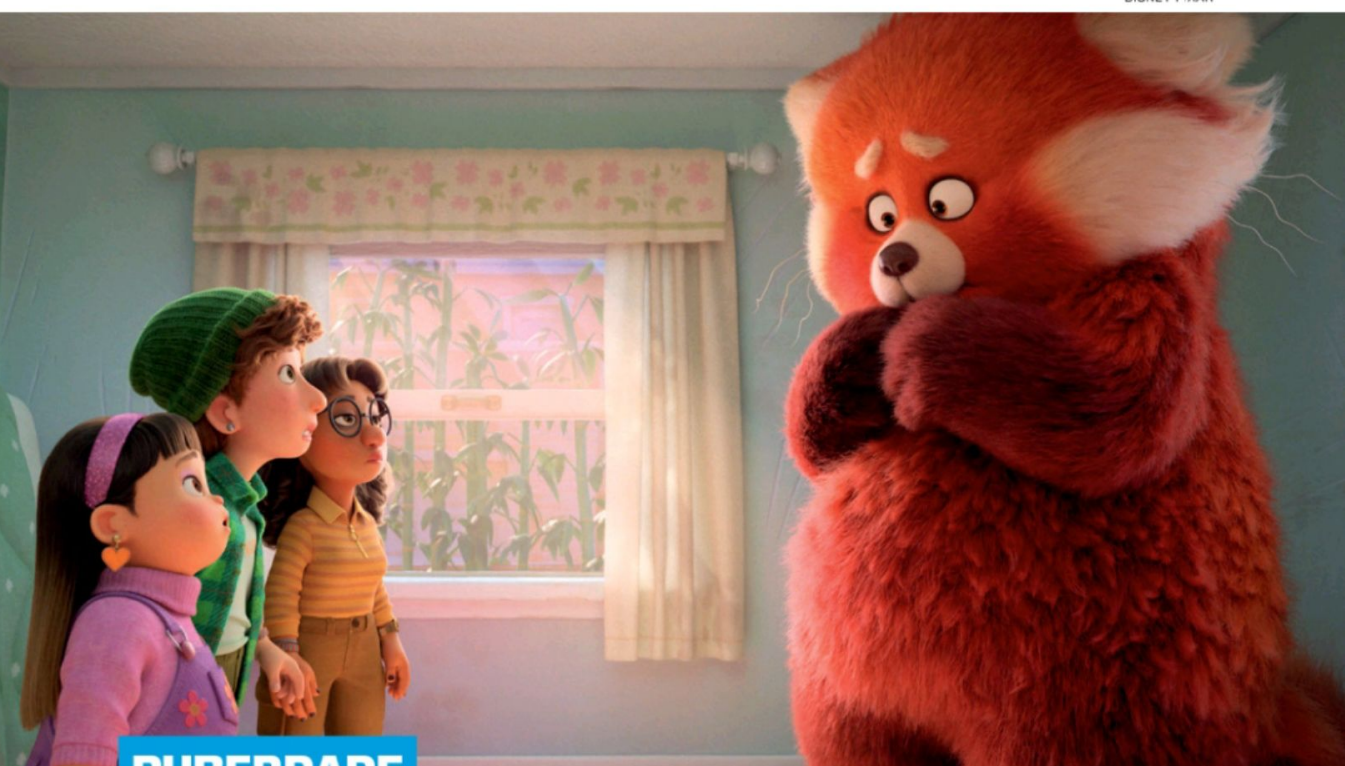
Em 1942, com a morte da mãe de **Bambi,** a Disney apresentou o luto às crianças. Depois, o tema embalou *O Rei Leão* e *Up: Altas Aventuras*

STUDIO GHIBLI

DISTÚRBIOS ALIMENTARES

Em **A Viagem de Chihiro,** uma garota sem apetite vê os pais virarem porcos. O filme é do Studio Ghibli, afeito a tramas psicológicas

gamentos morais; e a também psicóloga Lisa Damour, especializada nas mudanças mentais de meninas. A dupla foi essencial na seleção das novas emoções da trama — que costumam surgir quando o indivíduo passa a dar mais valor a seu entorno social e ao modo como ele é visto pelos outros. "O cérebro fica mais sofisticado ao sair da infância, desenvolvendo a autoconsciência e a capacidade de enxergar diferentes perspectivas sobre um assunto", diz Damour, que explora o tema no livro *The Emotional Lives of*

DISNEY PIXAR

PUBERDADE

A protagonista de **Red: Crescer É uma Fera** vira um panda vermelho gigante e bravo – alusão às duras mudanças físicas e hormonais das meninas na adolescência, entre elas a menstruação

Teenagers (As Vidas Emocionais dos Adolescentes), de 2023, ainda sem edição no Brasil. O processo de fazer *Divertida Mente*, aliás, é hercúleo. “Temos cerca de 500 pessoas envolvidas no desenvolvimento, que durou quatro anos”, conta o produtor Mark Nielsen. Ao longo desse período, os rascunhos e o roteiro foram feitos e refeitos diversas vezes, e apresentados aos demais funcionários da Pixar antes de chegar ao público-alvo, com exibições experimentais para famílias — e, claro, garotas de 13 anos.

DIVULGAÇÃO

DEPRESSÃO

Em **Ursinho Pooh,** o burrinho Ió se revela depressivo. Desanimado, ele é acolhido pelos amigos, que o incentivam a nunca desistir

Se o primeiro filme surpreendeu pela criatividade ao explorar a mente humana, o novo se aprofunda em detalhes subjetivos, como o desenvolvimento das convicções e do senso de si. Riley está crescendo e, assim, descobrindo quem é, quais são suas prioridades e qual futuro ela gostaria de ter. É nesse último substrato que a Ansiedade deita e rola. Ao se apresentar para as novas emoções, o ser laranjinha abre um laptop para mostrar todos os possíveis cenários tenebrosos que podem acontecer se Riley for ruim no hóquei ou não fizer amigos no ensino médio — sempre com desfechos horríveis e irreparáveis. A Ansiedade domina a mente da jovem, jogando as demais emoções para longe da sala de controle. Enquanto elas tentam voltar ao seus devidos lugares, a trupe liderada pela Alegria passa por novas construções mentais: do abismo do sarcasmo aos segredos ocultos, até o centro da imaginação — antes uma oficina de pensamentos joviais e criativos, este agora se vê sob domínio da Ansiedade. Mas como vencê-la? Eis a pergunta que vale uma vida — e que *Divertida Mente* consegue, a seu modo, resolver. Haja emoção! ■

ROTA CRIMINOSA

Inspirado em uma história real, *O Clube dos Vândalos* segue grupo de amantes de motos que se transforma em uma gangue da pesada — trama que ganha cor pelos olhos de uma esposa

CRISE CONJUGAL Jodie Comer e Austin Butler: mulher disputa o destino do marido com líder da trupe do barulho

KYLE KAPLAN/FOCUS FEATURES

ENTRE 1963 e 1967, o fotojornalista americano Danny Lyon se embrenhou no clube de motoqueiros Chicago Outlaws para registrar os hábitos e o estilo de vida do grupo. Os membros eram principalmente homens de meia-idade deslocados e solitários, que compartilhavam o gosto por motos e pela subversão das regras. Eles viajavam juntos, faziam churrascos, gostavam de uma briga e desafiavam a polícia ao dirigir em alta velocidade. Aos poucos, no entanto, os arruaceiros quase inofensivos viraram uma grande ameaça à segurança. A experiência de Lyon resultou no elogiado livro-reportagem *The Bikeriders* (1967), vertido no filme ***O Clube dos Vândalos*** *(The Bikeriders, Estados Unidos, 2023),* em cartaz nos cinemas.

Exalando graxa e testosterona, o longa é dirigido pelo americano Jeff Nichols, nome que, em uma Hollywood dominada por franquias, ganhou respeito ao explorar as particularidades dos rincões do Sul e do Meio-Oeste dos Estados Unidos em tramas originais. Para chamar atenção, o elenco é carregado de estrelas. Austin Butler, que brilhou como Elvis, assume a pose de bad boy ao lado do veterano Michael Shannon, da estrela de *The Walking Dead* Norman Reedus e do talentoso Tom Hardy, no papel de Johnny, líder do clube — na adaptação, os Outlaws são rebatizados como Vândalos de Chicago.

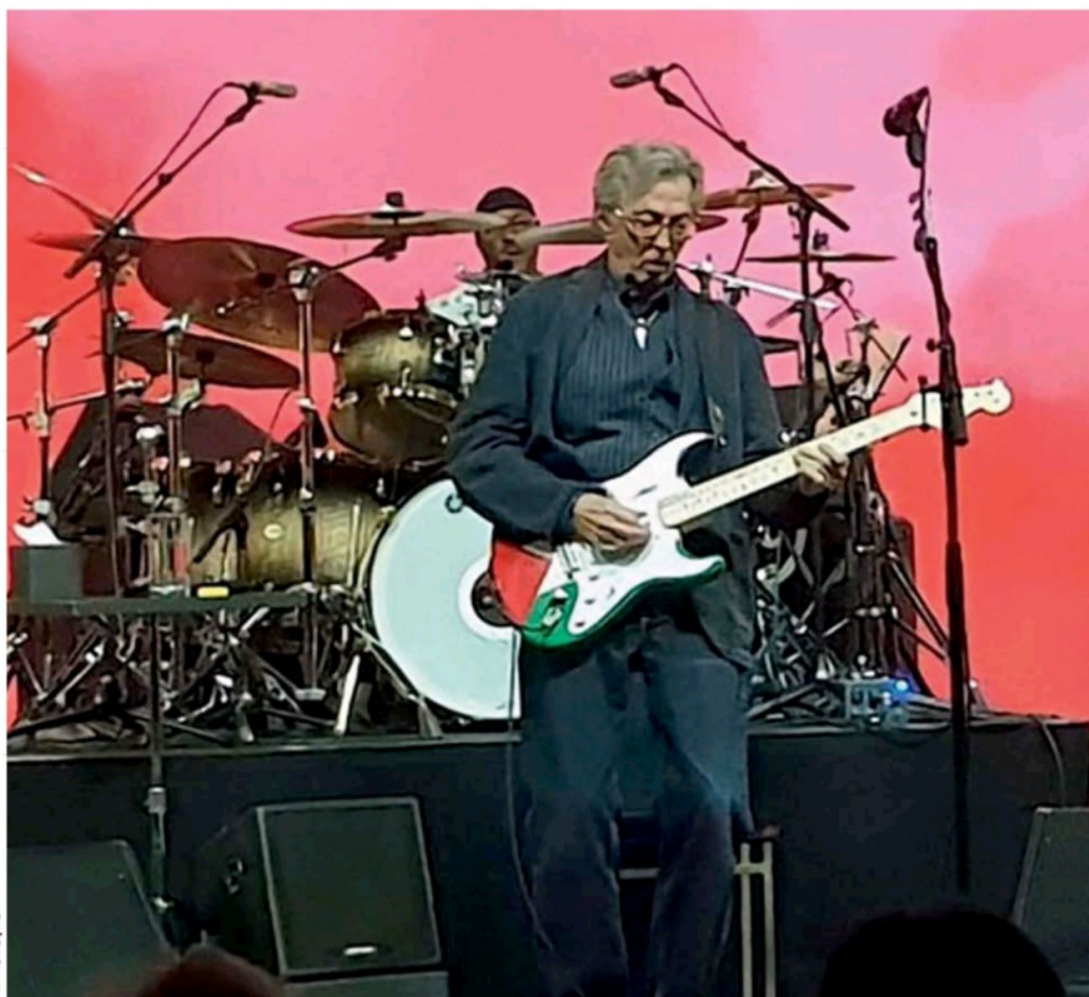
Qualquer um dos motoqueiros seria uma escolha óbvia para narrar a história tão masculina, mas Nichols optou por um ponto de vista original: interpretada pela ótima Jodie

Comer (de *Killing Eve),* a desbocada Kathy é quem destrincha os eventos para o repórter (vivido por Mike Faist), com uma dose de humor ácido e outra de empatia, mas sem perder o olhar crítico. “A Kathy tem uma visão privilegiada sobre o grupo”, disse a atriz a VEJA. “São homens de outra época, com dificuldades em lidar com suas emoções e de falar sobre isso, mas ela tem essas ferramentas.” Kathy é a esposa de Benny, papel de Butler. Os dois formam um triângulo peculiar com Johnny: ele quer Benny como seu pupilo e sucessor, enquanto a esposa insiste que o rapaz deixe o clube conforme o clima começa a pesar.

A mudança de reunião de amigos do barulho para uma gangue criminosa se dá com o aumento do grupo. O negócio ganha escala ainda mais perigosa quando a trupe é reforçada pela entrada de ex-soldados traumatizados da Guerra do Vietnã. As detenções por racha evoluem para tráfico de drogas, porte de arma e assassinatos, fazendo dos Vândalos uma facção violenta e na mira da polícia. A virada pode ser lida pelo simbolismo da motocicleta. “É um veículo lindo, que representa a liberdade, mas que também pode matar. Por que o ser humano gosta do perigo? Não sabemos”, diz o diretor, Nichols. O fato é que muitos derrapam feio por causa dessa paixão. ■

Raquel Carneiro

TRILHA DE ALTO RISCO

Combater problemas como a fome provou-se menos arriscado para artistas do que falar de política em meio à polarização — vários estão saindo chamuscados **FELIPE BRANCO CRUZ**

REPRODUÇÃO

CONFUSO Clapton: à direita antivacina e à esquerda pelos palestinos

HÁ TRÊS ANOS, as declarações do guitarrista Eric Clapton e do baixista Roger Waters mostravam que ambos estavam politicamente desafinados. Nos tempos da covid-19, Clapton abraçou com enorme fervor as teses furadas da extrema direita: criticou o distanciamento social e deu entrevistas duvidando da eficácia da vacina. Foi chamado de reacionário para baixo na fogueira das redes. Já o ex-baixista do Pink Floyd sempre foi conhecido por fazer coro a pontos de vista de uma esquerda psicodélica e incoerente, apoiando o ditador da Venezuela Nicolás Maduro e o autocrata russo Vladimir Putin. Waters é de longa data crítico da política de Israel com relação à Palestina e aumentou o volume durante o atual conflito na Faixa de Gaza.

A surpresa é que Clapton, o negacionista, passou a concordar nos últimos tempos com o colega. Recentemente, por exemplo, fez um show com uma guitarra pintada com a bandeira da Palestina em Londres. Sobre as ações terroristas do Hamas, no entanto, até agora silêncio absoluto do astro. Muitos fãs reclamaram, argumentando que não era possível o ídolo comportar-se dessa forma, no mínimo, ingênua. Waters igualmente recebe pedradas constantes por causa da sua verborragia. No fim do ano passado, durante turnê dele pela América do Sul, hotéis no Uruguai e na Argentina cancelaram reservas do baixista devido a suas críticas pesadas à reação de Israel ao ataque do Hamas que iniciou o conflito na Faixa de Gaza.

O posicionamento de artistas em relação a causas varia-

FACEBOOK @ROGERWATERS

BARRADO Waters: hotéis na América do Sul não aceitaram reservas

das é uma tradição, a exemplo das manifestações do beatle George Harrison contra a fome em Bangladesh ou, mais recentemente, de Angelina Jolie em prol da educação de crianças pobres. Manifestar-se publicamente a respeito desses problemas, com desdobramentos como shows beneficentes, sempre fez parte da cartilha das celebridades e era bem menos arriscado do que falar de política em meio ao mundo polarizado da atualidade. Quando o assunto divide opiniões, parte dos fãs fatalmente irá torcer o nariz.

Não foi apenas a dupla Clapton e Waters que se enroscou feio falando de forma superficial sobre a complexa guerra em curso no Oriente Médio. Quando o bárbaro ataque dos terroristas do Hamas ocorreu em Israel, a opinião pública fi-

cou imediatamente a favor do país, com declarações de astros como Madonna e Natalie Portman. Conforme a reação de Israel ficou mais dura, causando a morte de milhares de civis na Palestina, os humores mudaram de lado e as críticas vieram. Moderada, a israelense Gal Gadot, por exemplo, desagradou a gregos e a troianos ao fazer uma simples declaração em favor da paz — judeus a criticaram por não ser mais clara em apoiá-los, já os palestinos a acusam de ser sionista. Resultado: a atriz foi "cancelada".

HYPERSTAR/ALAMY/FOTOARENA

MODERADA
Gadot: ela pediu paz e acabou "bombardeada"

Em alguns casos, a punição transcende o ambiente das redes sociais, descambando para boicotes no mundo real. Aí é prejuízo na certa para as carreiras. A atriz Melissa Barrera foi demitida do elenco de *Pânico 7* após fazer um comentário pró-Palestina nas redes. Vencedora do Oscar, Susan Sarandon caiu na mesma malha fina, por externar posição parecida: aca-

ISENTONA Zendaya: apupos no TikTok pelo silêncio em relação ao conflito na Faixa de Gaza

THEO WARGO/GA/GETTY IMAGES

bou sendo dispensada da renomada agência de talentos United Talent Agency (UTA).

A saia justa chegou à mais recente edição do Festival de Cannes deste ano, quando os organizadores pediram às estrelas que evitassem polêmicas. Cate Blanchett descumpriu a ordem de maneira elegante. Sob as fendas de seu modelito preto e branco assinado por Jean Paul Gaultier, um cetim na cor verde contrastava com o vermelho do tapete de honra, formando as cores da bandeira palestina. Para bom entendedor, só um vestido basta. Pelo menos, até agora, Cate escapou ilesa de qualquer linchamento.

Não se posicionar também pode ser um problema. Recentemente, a atriz Zendaya foi acusada pelos ativistas do TikTok de praticar o silêncio no Met Gala, onde usou uma roupa que lembrava a dos opressores da distopia *Jogos Vorazes*. A expectativa no mundo virtual era que ela gritasse em prol dos palestinos. Sábio mesmo é Leonardo DiCaprio, que fez do meio ambiente sua causa pessoal — os cancelamentos nesse tema, em geral, são bem mais raros. ■

SUTIL Cate Blanchett: contrariando o Festival de Cannes, a estrela fez uma manifestação política, mas discreta

STEPHANE CARDINALE/CORBIS/GETTY IMAGES

CONSCIÊNCIA NEGRA

Autor da obra que inspirou o oscarizado *Ficção Americana*, Percival Everett, enfim, tem sua literatura pungente e antirracista reconhecida — caso do ótimo *As Árvores*

DIEGO BRAGA NORTE

DIVULGAÇÃO

INSPIRADOR Cena do filme: indicado a cinco estatuetas

NAS CONSTANTES adaptações de obras literárias para o cinema, há um fato inequívoco que vem se repetindo há décadas: se o filme for bom e fizer sucesso, as vendas da obra que o inspirou disparam — assim como o interesse pelo escritor. Foi o que aconteceu com o livro *Erasure* (2001, sem tradução no Brasil) e com a carreira do seu autor, o americano Percival Everett, 67 anos. O filme *Ficção Americana*, dirigido por Cord Jefferson, foi indicado no último Oscar a cinco estatuetas e venceu na categoria Roteiro Adaptado. Com isso, o romance de mais de vinte anos voltou triunfal ao topo das listas de mais vendidos. E seu autor, escritor veterano com mais de trinta títulos publicados, viu sua obra ganhar uma popularidade até então impensável.

Reflexo desse renovado interesse global por Everett, acaba de sair no Brasil um trabalho mais recente do autor: ***As Árvores.*** Publicado originalmente em 2021, o romance policial poderia ser explicado como uma inventiva mistura do escritor James Ellroy (de *Dália Negra* e *Los Angeles: Cidade Proibida*) com o cineasta Jordan Peele (de *Corra!*). O resultado é espetacular. Dois policiais negros são enviados para investigar uma série de assassinatos macabros na cidade de Money, no Mississippi. A cidade possui um longo histórico de linchamentos e muitos moradores abertamente racistas. Novos assassinatos são executados, a onda de violência cresce e as tensões raciais também, com os policiais brancos boicotando e discriminando os agentes negros.

A história é contada por meio de diálogos, com um narrador discreto que se limita a contar as ações e não o pensamento dos personagens. Não há muitas descrições ou ambientações, e nada de elucubrações filosóficas ou metalinguísticas. Isso confere ao romance uma agilidade frenética, colocando o enredo em uma marcha crescente. A tensão das conversas é suavizada com humor, incluindo ironia, sarcasmo e deboche. Os personagens negros pertencem a uma geração que não mais teme o racismo estrutural, que o enfrenta. A frase proferida outro dia pelo jogador Vinicius Jr., depois da condenação de três jovens espanhóis que o agrediram por motivos raciais, explica bem essa mudança de eixo: "Não sou vítima de racismo. Eu sou algoz de racista".

AS ÁRVORES, de Percival Everett (tradução de André Czarnobai; Todavia; 352 páginas; 84,90 reais e 59,90 reais em e-book)

Nascido na Geórgia e criado na Carolina do Sul, Everett mora há mais de trinta anos nos arredores de Los Angeles, onde leciona na Universidade do Sul da Califórnia. Especialista em literatura americana, ele conhece bem o terreno em que pisa e usa sua expertise para explorar diferentes formas e gêneros. Já escreveu contos, poesias, livro infantil e romances variados. Criou histórias tocando

o âmago da cultura e dos traumas americanos, como o Velho Oeste, o Vietnã, o beisebol, crimes de ódio e até um sobre uma fictícia privatização do mítico Grand Canyon. O tema racial é presente em todas essas obras.

Assim como o já citado diretor Jordan Peele e outros autores negros americanos contemporâneos — como Paul Beatty, Ta-Nehisi Coates, Colson Whitehead e Tayari Jones —, Everett aborda a questão racial de um ângulo decolonial, uma contraposição à herança nefasta do colonialismo. Eles não precisam mais lutar por direitos civis como fizeram seus antepassados. Cobram o cumprimento das leis já existentes e combatem o racismo com ironia, irreverência, paródia, sátira, humor autocrítico e, sim, fatos — indispensáveis em tempos de *fake news* sobre mimimi e vitimização dos negros. De certo modo, pode-se dizer que eles usam as engrenagens do sistema que ajudou a perpetuar o racismo estrutural — as universidades, a indústria cinematográfica, o mercado editorial, a grande mídia — para denunciá-lo. Há coragem e inteligência nessa nova forma de consciência negra. ■

G L. ASKEW II/THE WASHINGTON POST/GETTY IMAGES

DECOLONIAL
Everett: humor contra a discriminação e a hipocrisia

WALCYR CARRASCO

RELAÇÕES INSTANTÂNEAS

Nas uniões de hoje, a expressão “para sempre” caiu em desuso

GOSTO MUITO da origem e evolução das palavras. Até algum tempo atrás, pedir alguém em namoro significava pelo menos uma intenção de ter um compromisso que se entendia como noivado e casamento. Só que noivado e casamento nem são mais compromissos! Outro dia, falando com uma amiga, ela comentou: “Já dei umas namoradas com ele”. Quer dizer que se agarram de vez em vez e ficam, sem nenhuma promessa de porvir. “Ficar” quer dizer sexo ou, no mínimo, alguns amassos gloriosos. Pronto. Já se foi o tempo em que alguns amigos ou conhecidos de mau gosto falavam “vou botar as algemas”, antes de entrar na igreja para um casório tradicional. Simples: não existe mais casório tradicional — embora, é claro, haja a cerimônia na igreja etc. etc. (para alguns). Mas perdeu o sentido de permanência. Encontro uma amiga e ela me diz: “Estou casada”. Não mais “sou”, mas “estou”. Esse estado de amor flutuante pode corresponder a várias relações de antigamente: noivado, namoro, à amizade colorida e, ultimamente, à amizade com benefícios, que é fá-

cil de imaginar o que seja. Ou seja, há uma série de situações do passado. Mas "estar casada" e definições semelhantes não correspondem a um voto específico. Até mesmo o fora de moda "somos apenas bons amigos", um disfarce no passado, pode ser um bom rótulo para quem vive noites frenéticas sem a intenção de vínculo. De tantos significados possíveis, palavras que envolvem amores já pouco significam. Talvez a mais efetiva para dizer alguma coisa seja "trisal". Pelo menos não se tem dúvida do que está acontecendo.

Palavras não me assustam, mas já estou repensando certos critérios financeiros. Um amigo já "casou" tantas vezes, com montagem de casa, viagem de lua de mel e tudo mais, que os presentes abriram um buraco na minha poupança. Não é pão-durismo, mas economia prática. É

"No passado, pedir alguém em namoro era compromisso. Só que noivado e casamento não são mais permanentes"

lamentável abrir uma verba mensal para presentes de casamento — sempre para a mesma pessoa. Resolvi simplificar. Um vidrinho de água benta traz boas energias e custa muitíssimo menos do que um faqueiro (ninguém pode criticar quem traz água benta, pode?).

Quem casa também já não se contenta mais com bodas de papel, de prata e de ouro, como no passado. Existem também os votos de renovação, nos quais se faz nova festa. Mas esses são os que permanecem. Eu fico pensando: por que as relações hoje são tão mais rápidas? Eu acho que é uma questão de empenho pessoal. Parece que é mais fácil separar-se do que refletir sobre soluções, sobre entrega íntima. Mas quem sou eu para definir algo assim? Um erro muito comum é falar sobre a felicidade dos outros. Prefiro deixar cada um viver do seu jeito. As pessoas são muito diferentes, mudam demais e o pior que pode existir é julgá-las. Porque, nesse caso, também teria de se aceitar o julgamento alheio, e minha auréola de anjo já enferrujou há muito tempo. Eu não uso mais "para sempre". Prefiro algo mais instantâneo, como "vamos viver, ser felizes" — com os olhos abertos para o inesperado. ■

DRAMA DA GUERRA Caine e Glenda Jackson no filme: enredo baseado em história real sobre Dia D

CINEMA

A GRANDE FUGA ***(The Great Escaper*, Reino Unido, 2024. Em cartaz a partir de quinta-feira 27)**

Aos 89 anos, o veterano Bernard Jordan fugiu do asilo em que morava com a esposa para participar da celebração de 70 anos do Dia D na Normandia, em 2014 — sem contar a ninguém além da parceira. A situação capturou a atenção da mídia, e o senhor carismático se tornou garoto-propaganda das forças militares britânicas. O filme que conta sua história, porém, mostra o outro lado da moeda. Vivido por Michael Caine, de 91, o personagem lida com traumas do tempo nas trincheiras, como o luto e o alcoolismo de colegas. Sem suavizar o passado, a narrativa revela o receio de Jordan quanto à romantização do conflito e permite que, junto a Caine, Glenda Jackson, morta em 2023, reluza em seu último papel no cinema, adicionando à trama antiguerra uma história de amor comovente.

DISCO

TIMELESS, **de Kaytranada (disponível nas plataformas de streaming)**

Nascido em Porto Príncipe, no Haiti, e radicado no Canadá, Louis Kevin Celestin — o Kaytranada — se tornou um dos DJs mais incensados dos dias atuais, graças à sua musicalidade adulta e elegante. Nesse terceiro álbum, ele conta com convidados especiais em quase todas as 21 faixas, com craques como Thundercat e Childish Gambino. Na excelente *Dance Dance Dance Dance,* intercala metais e pianos para criar em uma irresistível faixa house. Nas dançantes *Video* e *Stepped On,* ele imprime um clima jazzístico às batidas. Já *Do 2 Me,* a música mais ousada e divertida, vale-se da bateria certeira de Anderson Paak.

BISCOITO FINO
O DJ Kaytranada: repertório elegante que vai da house ao jazz

JOHN PHILLIPS/GETTY IMAGES

LIVRO

OS MARIDOS, **de Holly Gramazio (tradução de Mariana Moura; Intrínseca; 352 páginas; 69,90 reais e 46,90 em e-book)**

Numa noite frugal, Lauren depara com um desconhecido em seu apartamento — e ele alega ser seu marido. Apesar de não ter lembrança dele, todos o conhecem, e há fotos do casal no celular. Quando o homem vai ao sótão, outro surge no seu lugar — agora é ele quem é o marido, e o sótão, descobre ela, é um portal que lhe traz pares infinitos. Em sua estreia como romancista, a australiana Gramazio faz uma sátira sagaz de uma era em que achar o match perfeito se tornou obsessão nos aplicativos de relacionamentos e realities de casamentos. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 144#] GALERA RECORD

2 **VERITY**
Colleen Hoover [5 | 113#] GALERA RECORD

3 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [2 | 80#] GALERA RECORD

4 **A FILHA DOS RIOS**
Ilko Minev [0 | 3#] BUZZ

5 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [6 | 102#] BERTRAND BRASIL

6 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [8 | 90#] RECORD

7 **BOX – BIBLIOTECA MACHADO DE ASSIS**
Machado de Assis [9 | 2] ITATIAIA

8 **O DUQUE E EU**
Julia Quinn [0 | 20#] ARQUEIRO

9 **IMPERFEITOS**
Christina Lauren [0 | 23#] FARO EDITORIAL

10 **JANTAR SECRETO**
Raphael Montes [0 | 4#] COMPANHIA DAS LETRAS

NÃO FICÇÃO

1. **NAÇÃO DOPAMINA**
   Dra. Anna Lembke [4 | 44#] VESTÍGIO
2. **O PRÍNCIPE**
   Nicolau Maquiavel [5 | 51#] VÁRIAS EDITORAS
3. **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
   Byung-Chul Han [7 | 61#] VOZES
4. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
   Clarissa Pinkola Estés [6 | 192#] ROCCO
5. **EM BUSCA DE MIM**
   Viola Davis [0 | 79#] BEST SELLER
6. **O PACTO DA BRANQUITUDE**
   Cida Bento [0 | 18#] COMPANHIA DAS LETRAS
7. **A PRATELEIRA DO AMOR**
   Valeska Zanello [8 | 4#] APPRIS
8. **SE NÃO EU, QUEM VAI FAZER VOCÊ FELIZ?**
   Graziela Gonçalves [10 | 17#] PARALELA
9. **AMÉRICA LATINA LADO B**
   Ariel Palacios [9 | 7#] GLOBO LIVROS
10. **ESTOU FELIZ QUE MINHA MÃE MORREU**
    Jennette McCurdy [0 | 3#] NVERSOS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
Junior Rostirola [1 | 26#] VÉLOS

2 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [6 | 39#] HARPERCOLLINS BRASIL

3 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [3 | 23#] ROCCO

4 **AS 5 LINGUAGENS DO AMOR**
Gary Chapman [0 | 19#] MUNDO CRISTÃO

5 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [8 | 53#] ALTA BOOKS

6 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [7 | 173#] HARPERCOLLINS BRASIL

7 **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE**
Paulo Vieira [0 | 97#] GENTE

8 **TRÍADE DO PODER**
Márcio Micheli [2 | 6#] VIDA

9 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [9 | 459#] SEXTANTE

10 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [10 | 123#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL

1 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 423#] VÁRIAS EDITORAS

2 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [2 | 429#] ROCCO

3 **O CADERNO DE MALDADES DO SCORPIO**
Maidy Lacerda [4 | 7#] OUTRO PLANETA

4 **AS AVENTURAS DE MIKE**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [6 | 32#] OUTRO PLANETA

5 **HARRY POTTER E O PRISIONEIRO DE AZKABAN**
J.K. Rowling [5 | 133#] ROCCO

6 **DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [8 | 32#] VR

7 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [7 | 14#] OUTRO PLANETA

8 **EMOCIONÁRIO**
Cristina Núñez Pereira [0 | 11#] SEXTANTE

9 **AS AVENTURAS DE MIKE 4 – A ORIGEM DE ROBSON**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [9 | 19#] OUTRO PLANETA

10 **CORALINE**
Neil Gaiman [3 | 77#] INTRÍNSECA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Travessa, **Belém**: Leitura, SBS, Travessia, **Belo Horizonte**: Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos do Jordão**: História sem Fim, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Catarinense, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Garopaba:** Livraria Navegar, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Livro Presente, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, **Santos**: Loyola, **São Bernardo do Campo**: Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís**: Hélio Books, Leitura, **São Paulo**: A Página, B307, Círculo, Cult Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Santuário, SBS, Simples, Vozes, Vida, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha**: Leitura, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet**: Amazon, A Página, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Submarino, Travessa, Um Livro, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

O RONCO DAS RUAS

A DIREITA realizou uma proeza que a esquerda já considerava quase impossível: provocar o retorno das manifestações de protesto nas redes e nas ruas.

Caíam as últimas folhas de outono quando milhares fantasiados de verde-amarelo invadiram a Avenida Paulista na Parada Gay. Faziam uma bem-humorada crítica aos bolsonaristas, que há seis anos tentam se apropriar de símbolos como as cores da República. Referência à bandeira do Brasil Império, criada em 1820 pelo pintor francês Jean-Baptiste Debret, o verde seria alusão à Casa de Bragança, origem portuguesa de D. Pedro I, e o amarelo, à Casa de Habsburgo, berço austríaco de D. Leopoldina.

Tentativas de apropriação da história e de símbolos nacionais fazem parte da paisagem política. Às vezes, resultam em tiro no pé. Em 1966, a ditadura tentou impor às escolas de samba um cardápio de enredos para o Carnaval. Em resposta, o cronista Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta) fez um samba sobre um compositor aflito com a ordem do dia para tratar da conjuntura nacional em perspectiva histórica.

Emoldurou o casal de imperadores numa sátira antológica, cantada por Mussum e os Originais do Samba: “Foi

em Diamantina onde nasceu J.K. / E a princesa Leopoldina lá resolveu se casar / Mas Chica da Silva tinha outros pretendentes / E obrigou a princesa a se casar com Tiradentes / Laiá, laiá, laiá, o bode que deu vou te contar. / Joaquim José, que também é da Silva Xavier / Queria ser dono do mundo / E se elegeu Pedro Segundo / Das estradas de Minas, seguiu pra São Paulo / E falou com Anchieta / O vigário dos índios / Aliou-se a Dom Pedro / E acabou com a falseta / Da união deles dois ficou resolvida a questão / E foi proclamada a escravidão...".

Dias depois da zombaria gay em verde-amarelo na Paulista, um vento frio bafejou a nuca do senador Flavio Bolsonaro (PL-RJ) e aliados quando tentavam mudar a Constituição para transferir terrenos de marinha da União aos estados, prefeituras e ocupantes privados. Foi vigorosa a reação social contra a "privatização das praias".

Teve o efeito de um ciclone político. O Congresso foi inundado por uma torrente de manifestações públicas de desconfiança sobre a prevalência de interesses patrimonialistas, pessoais e empresariais, em decisões legislativas. Arthur Lira, responsável pela aprovação na Câmara, recolheu-se ao lamento. Rodrigo Pacheco, presidente do Senado, achou prudente mandar o projeto para o túnel do tempo indeterminado.

Na sequência, Lira precisou de apenas 23 segundos para sancionar a "urgência" na votação de um projeto do deputado Sóstenes Cavalcante (PL-RJ). Associado ao pastor carioca Silas Malafaia, o ativista radical religioso mais próximo de

“A direita realizou o que a esquerda achava impossível: provocou a volta dos protestos”

Jair Bolsonaro, o evangelista Cavalcante é protagonista na guerra em curso na cúpula evangélica neopentecostal. Ele deseja transformar em assassinas as mulheres violentadas que fazem aborto. E quer deixá-las na cadeia pelo dobro do tempo dos criminosos condenados por estupro.

A resposta foi dura e imediata. Nas ruas de São Paulo, como em outras cidades, propagaram-se protestos endereçados em faixas e cartazes improvisados: “Lira inimigo das mulheres e das crianças”. Nas redes sociais houve uma avalanche: 5 milhões de mensagens em 48 horas — e oito em cada dez eram de repúdio ao Congresso, constatou a Quaest.

O ronco das ruas atordoou muitos em Brasília. O senador Eduardo Girão (Novo-CE), que carrega no bolso a reprodução em plástico de um feto, patrocinou uma horrenda encenação sobre aborto no plenário. Lula chegou atrasado ao debate e exagerou: “Que monstro vai sair do ventre de uma

menina estuprada?”. Lira e Pacheco resolveram remeter o projeto ao túnel do tempo indeterminado.

Aspecto relevante é a espontaneidade das mobilizações, à margem de partidos que antes dominavam as ruas, como o PT e aliados. Eles optaram pela prioridade à aprovação de projetos econômicos do governo, aqueles sobre os quais nem o governo se entende. Por isso, sancionaram a “urgência” da aberração legislativa sobre aborto, aceitaram votação simbólica — sem registro de voto dos deputados — e liberaram as próprias bancadas.

Esse comportamento equidistante, mas interessado, tende a se repetir na decisão sobre anistia ampla, geral e irrestrita aos delitos cometidos nas finanças dos partidos, que neste ano partilham 1,2 bilhão de dólares (6,7 bilhões de reais) em dinheiro público.

É coerente com o ambiente de liquefação no qual políticos se tornam um grupo social com espírito de casta, empenhados na defesa dos próprios interesses, antes e acima dos interesses da sociedade que dizem representar. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA